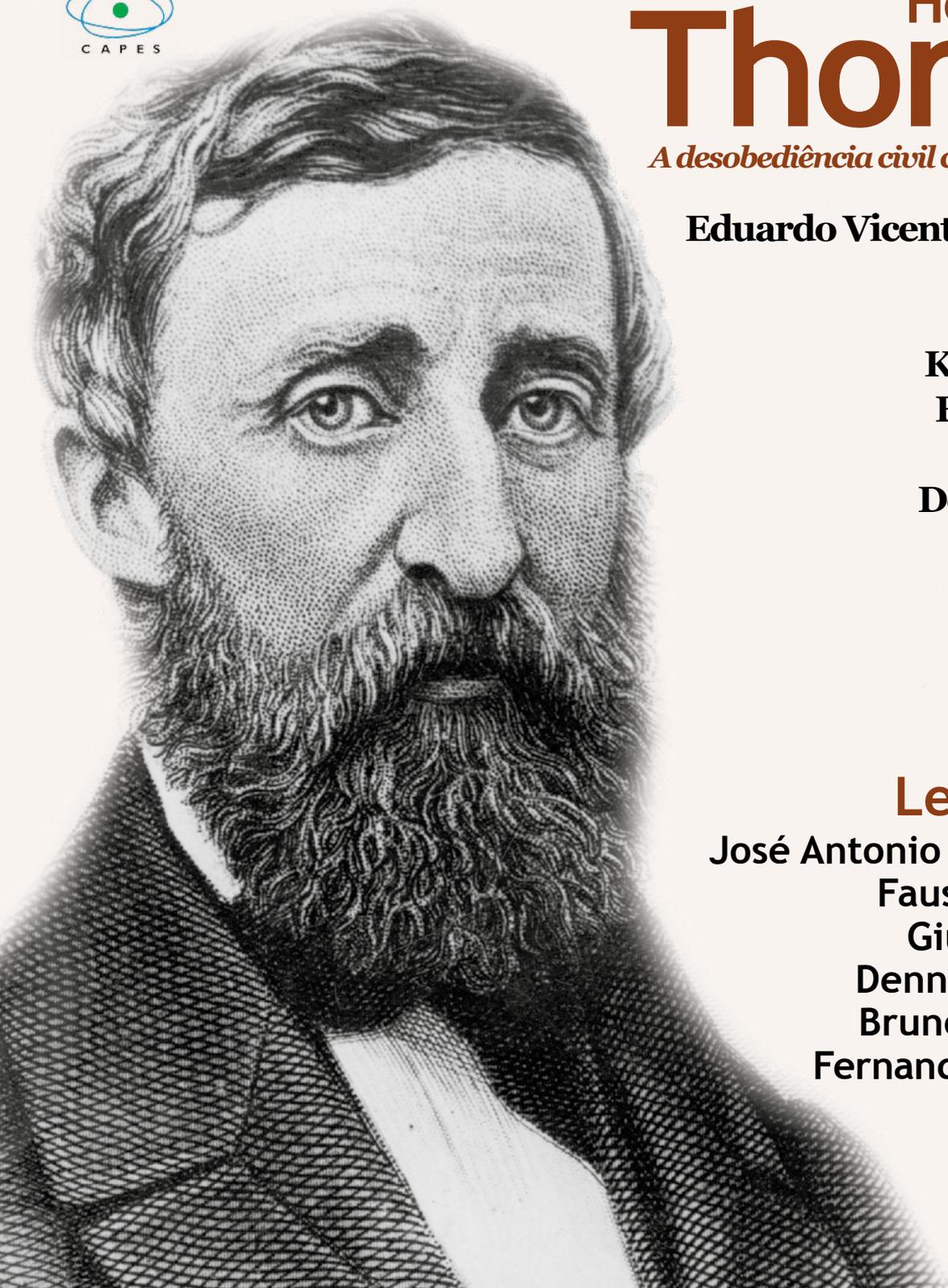


IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 509 | Ano XVII | 21/8/2017



Henry David Thoreau

A desobediência civil como forma de vida

Eduardo Vicentini de Medeiros

Stanley Bates

Jeffrey Cramer

Kelly Dean Jolley

Edward Mooney

Paulo Faria

Denise Bottmann

Leia também

José Antonio Kelly Luciani ■

Faustino Teixeira ■

Giulio Albanese ■

Dennis de Oliveira ■

Bruno Lima Rocha ■

Fernando Del Corona ■

Henry David Thoreau. A desobediência como forma de vida

Quando Bartleby, o escriturário da novela de Herman Melville, diz ao seu patrão “prefiro não”, ele faz mais do que apenas negar uma tarefa, ele começa uma revolução. É deste caldo cultural que também emerge **Henry David Thoreau** (1817-1862), que transformou a desobediência em forma de vida livre. Dizer não às regras sociais opressivas, dentre elas a institucionalização da escravidão, significa dizer sim à vida. “Quando lemos Walden, é, agora, impossível esquecer que ele é um exemplo de filosofia como forma de vida”, sustenta **Stanley Bates**, professor da Universidade de Middlebury, nos Estados Unidos.

A revista **IHU On-Line** desta semana se debruça sobre o pensamento de **Henry David Thoreau** e se enfronta nos debates sobre a desobediência civil, reunindo entrevistas de pesquisadores internacionais e nacionais. Na próxima semana, nos dias **29 e 30 de agosto**, o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** promove o **VII Colóquio Internacional IHU – Caminhando e desobedecendo. Thoreau 200 anos, na Unisinos Porto Alegre**. Informações em <http://bit.ly/coloquiothoreau>.

Eduardo Vicentini de Medeiros, doutor em Filosofia pela UFRGS, que contribuiu na realização deste número, apresenta Thoreau e cada um dos entrevistados que debatem a obra do autor.

Para o curador do The Walden Woods Project, **Jeffrey Cramer**, a obra de Thoreau tem sua força revolucionária na simplicidade da negação. “O que ele escreveu sobre esta experiência no ensaio hoje conhecido como *Desobediência Civil* tem sido uma influência fundamental ao redor do mundo na luta contra a injustiça”, sustenta.

Kelly Dean Jolley, professor da Universidade de Auburn, nos EUA, centra-se no minimalismo existencial de Thoreau. “Adoramos ídolos que nos petrificam. Viveremos vidas daquilo que Aleksandr Solzhenitsyn chamou de ‘liberdade amordaçada’ apenas para que possamos ter as coisas que desejamos”, provoca.

Em artigo enviado para esta edição, o professor **Edward F. Mooney**, da Universidade de Siracusa, nos EUA, debate como Thoreau se tornou alvo de críticas. “Thoreau ama provocar com sentimentos inesperados e impopulares. Os sentimentos não se ajustam a um único padrão, fazendo com que seja fácil pinçar sentenças apropriadas para ofender particularmente os incautos”, descreve.

Paulo Francisco Estrella Faria, professor da UFRGS, chama atenção para a necessidade de se acordar do sono dogmático. “Ler seriamente é tratar a leitura como a ocasião de um trabalho sobre si mesmo – é reconhecer no texto uma provocação endereçada ao leitor, para que ele reconstrua sua consciência e sua vida”, pontua.

Denise Bottmann, mestra em História pela Unicamp e tradutora de Thoreau no Brasil, comenta sobre o processo de transcrição da obra para o português. “A cena da tia morrendo de medo da vergonha que a família passaria, indo à noite à delegacia quitar o débito e pedir que o soltassem, é cômica”, descreve.

A edição traz ainda as entrevistas com **José Antonio Kelly Luciani**, professor de antropologia da UFSC, sobre o livro *A queda do céu*, de **David Kopenawa** e **Bruce Albert**, a ser apresentado e debatido em evento promovido pelo IHU, e com **Dennis de Oliveira**, professor da USP, sobre o conceito de jornalismo emancipador.

Faustino Teixeira, professor e pesquisador da UFJF, por ocasião da morte de **Peter L. Berger**, recorda a obra e a importância do que é considerado um dos maiores sociólogos da religião da contemporaneidade; e **Giulio Albanese**, jornalista italiano e missionário comboniano, analisa a realidade e os desafios da África.

O crítico de cinema **Fernando Del Corona** comenta os filmes *Dunkirk* e *Cidadão ilustre*. Leia ainda a crítica internacional de **Bruno Lima Rocha**, professor da Unisinos, sobre governança global e fluxos financeiros.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana.

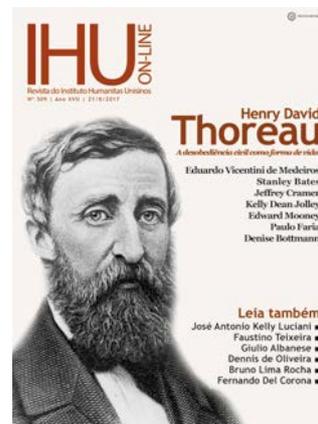


Imagem da capa: Wikipedia

Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **José Antonio Kelly Luciani:** O incomparável olhar Yanomami de Davi Kopenawa
- 11 ■ **Faustino Teixeira:** Peter Berger e o pluralismo religioso
- 17 ■ **Giulio Albanese:** Da colonização à democratização: as imposições ocidentais que sufocam a África
- 22 ■ **Dennis de Oliveira:** Os desafios do jornalismo emancipador e seus ecossistemas de informações
- 29 ■ **Tema de Capa | Eduardo Vicentini de Medeiros:** Lemas para o bicentenário de Thoreau: simplifique e desobedeça
- 31 ■ **Tema de Capa | Stanley Bates:** O sim de Thoreau para o mundo
- 35 ■ **Tema de Capa | Jeffrey Cramer:** A revolução do “não”
- 39 ■ **Tema de Capa | Kelly Dean Jolley:** O minimalismo existencial como forma de vida
- 47 ■ **Tema de Capa | Edward Mooney:** Enxovalhando Thoreau
- 50 ■ **Tema de Capa | Paulo Faria:** Despertar do sono dogmático para ler o mundo
- 54 ■ **Tema de Capa | Denise Bottmann:** Thoreau para além de seu próprio tempo
- 60 ■ **Cinema | Fernando Del Corona:** A fúria de Dunquerque
- 64 ■ **Cinema | Fernando Del Corona:** O filho pródigo retorna a Salas
- 67 ■ **Crítica Internacional | Bruno Lima Rocha:** A mais que suspeita governança global do fluxo de ilícitos financeiros
- 69 ■ **Publicações | Breno Augusto Souto Maior Fontes; Davi Barboza Cavalcanti:** As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife
- 70 ■ **Publicações | Colby Dickinson:** Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental
- 71 ■ **Outras edições**

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vítor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Lara Ely – MTB 13.378/RS
(laraely@unisinos.br)

Patrícia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS
(vnecchi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen e William Gonçalves.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
(jacintos@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

Populismo pós-estrutural de Laclau e Multidão de Negri-Hardt



Numa primeira incursão na teoria de Ernesto Laclau, é possível associar algumas de suas perspectivas às do italiano Antonio Negri. Afinal, ambos se veem diante de movimentações políticas em que a mobilização de teorias existentes parece não dar mais conta de explicar.

Bruno Cava é graduado e pós-graduado em Engenharia de Infraestrutura Aeronáutica e graduado e mestre em Direito. Participa da rede Universidade Nômade.

Inteligência artificial – A disputa entre a busca da eficiência e os desafios ético-morais



O desenvolvimento e o uso das tecnologias, a exemplo da inteligência artificial, precisaria considerar uma distinção importante entre, de um lado, a eficiência e, de outro, os princípios morais.

Brian Green é mestre e doutor em Ética e Teoria Social pela Graduate Theological Union, em Berkeley, na Califórnia, e graduado em Genética pela Universidade da Califórnia.

4

É preciso sair da zona de conforto ideológica da timeline para construir a democracia



Tecnologias digitais permitem a interação entre grupos de interesse, modificam e potencializam a capacidade de mobilização de movimentos e criam um ativismo que expressa “um estilo de vida e de uma prática cotidiana”, mas é possível constatar “apenas uma ação performática mal ensaiada”.

Marcelo Barreira é graduado, mestre e doutor em Filosofia e professor da UFES.

Eficiência e equidade combinadas - Pilares para uma consolidação fiscal mais solidária



Uma proposta de tributação moderna tem que combinar pelo menos dois aspectos: de um lado, a eficiência e, de outro, a equidade.

Rodrigo Orair é graduado em Ciências Econômicas e mestre em Teoria Econômica. Dirige a Instituição Fiscal Independente - IFI do Senado, que foi criada no final de 2016 com o objetivo de ampliar a transparência nas contas públicas.

O drama venezuelano, o fim do chavismo democrático e a ascensão do castrismo



Depois de um regime totalitário com Chávez e uma ditadura cívico-militar “que se consumou com o golpe de Estado que Maduro deu”, hoje os venezuelanos estão “experimentando outro giro no ordenamento da realidade política atual depois da instalação da Assembleia Constituinte”.

Rafael Luciani é doutor em Teologia e em Filosofia.



Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Distritão, a pior reforma política possível segundo especialistas

O distritão, a proposta em debate na Câmara para mudar radicalmente a forma de eleger deputados e vereadores no Brasil, é considerado muito fácil de entender como funciona: caso aprovada para as eleições de 2018, apenas os candidatos mais votados serão eleitos, abandonando o sistema que leva em consideração os votos do partido como um todo, e não só dos indivíduos.

Reportagem de Felipe Betim, publicada por El País, em 16-8-2017 e reproduzido nas Notícias do Dia, disponível em <https://goo.gl/ieKghQ>.

Charlottesville: polêmica sobre Trump, que não condena explicitamente a extrema-direita

Uma tempestade se abateu contra o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, cujas palavras são consideradas neutras demais contra os representantes da extrema direita que deram origem a uma manifestação em Virgínia, durante a qual houve confrontos e violências.

Reportagem de Piera Matteucci, publicada no jornal La Repubblica e reproduzido nas Notícias do Dia, em 13-8-2017, disponível em <https://goo.gl/X2iqdv>.

Outra vez o método Trump gera escândalo no Twitter

Após uma condenação inicial impecável, que incluiu a oferta de ajuda a Espanha, Donald Trump enlameou, ontem, a repulsa ao ataque terrorista, em Barcelona, com uma menção a um obscuro episódio do passado estadunidense, na qual, além disso, pareceu apoiar execuções massivas.

Artigo completo, publicado por Página/12 e reproduzido nas Notícias do Dia, disponível em <http://bit.ly/2fXJW3x>

Estados Unidos, as origens do novo racismo

“O novo racismo é também racismo de reação: dos brancos deserdados e não ricos contra os negros ainda mais deserdados e paupérrimos. Pobres contra pobres, mas em nome da raça, nunca da classe”, escreve a cientista política italiana Nadia Urbinati, professora da Columbia University e ex-professora da Unicamp.

Artigo completo, La Repubblica e reproduzidos nas Notícias do Dia, disponível em <http://bit.ly/2vRZafZ>.

Brasil regride no combate à fome e na garantia da segurança alimentar

Versão-síntese do Relatório do Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para Agenda 2030 sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) mostra resultados extremamente preocupantes para o Objetivo 2 (Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura).

Reportagem de Ana Luíza Matos de Oliveira, publicada por Fundação Perseu Abramo – FPA, em 14-8-2017, disponível em <https://goo.gl/pQgNWK>.

O país da Casa-grande

“A democracia dos patrícios, observada de uma perspectiva realista e sombria, revela a enorme capacidade de sobrevivência dos poderes dos donos. Depois do interregno de três mandatos comprometidos com programas de avanço popular, o povo brasileiro assiste ao eterno retorno do mesmo: mudam as máscaras, mas não os rumos, nem sequer os pretextos.”

Artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado por CartaCapital, em 16-8-2017, disponível em <https://goo.gl/cB8dzz>.

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras

A Queda do Céu. Palavras de um Xamã Yanomami, de Bruce Albert e Davi Kopenawa (São Paulo: Companhia das Letras)

21/ago

Horário
19h30min às 22h

Apresentação
Prof. Dr. José Antonio Kelly Luciani – UFSC

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

A biopolítica como teorema da bioética. O poder e o panoptismo da cidadania, segundo M. Foucault

21/ago

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Profa. Dra. Olaya Fernandez – Universidad de La Rioja – UR – Espanha

Local
Auditório Erico Verissimo – Setor D2 118
Campus Unisinos
São Leopoldo

Apresentação do documentário *Fonte da juventude*

23/ago

Horário
12h30min às 13h30min

Apresentação
Profa. Ms. Raquel Chesini – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

6

Ecofeira Unisinos

23 e 30/ago

Horário
10h às 18h

Local
Corredor central – em frente ao IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Oficina Observasinos: Dados educacionais – educação e políticas públicas

24/ago

Horário
14h às 17h

Ministrante
Profa. Dra. Flávia Obino Corrêa Werle – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Ecofeira Unisinos

25 /ago e 1/set

Horário
11h às 14h

Local
Complexo Tecnológico Unitec
Campus Unisinos
São Leopoldo





**A quarta Revolução Industrial.
Consequências nos modos de produzir e viver**

28/ago

Horário
19h30min às 22h

Palestrante
Prof. Dr. Eduardo Mario Dias – USP

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo

VII Colóquio Internacional IHU – Caminhando e desobedecendo: Thoreau 200 anos

29 e 30/ago

Local
Unisinos Campus Porto Alegre

Oficina socioambiental

30/ago

Horário
12h30min às 13h30min

Ministrante
Daiani Fraporti dos Santos – Pasec Unisinos

Local
Corredor central – em frente ao IHU Campus Unisinos São Leopoldo

7

Algoritmos e inteligência artificial nos diagnósticos de saúde e na educação

31/ago

Horário
17h30min às 19h

Palestrante
Prof. Dr. Dante Augusto Couto Barone – UFRGS

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo

A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras

A razão populista, de Ernesto Laclau
(São Paulo: Três Estrelas)

5/set

Horário
19h30min às 22h

Apresentação
Prof. Dr. Carlos Gadea – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo

A Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos

6/set

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Thiago Rocha da Cunha – PUC-PR

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo



O incomparável olhar Yanomami de Davi Kopenawa

José Antonio Kelly Luciani aponta *A queda do céu* como uma obra etnográfica sem par

Ricardo Machado

8

A imponente obra *A queda do céu* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015), com quase 800 páginas, escrita em parceria entre o xamã Yanomami Davi Kopenawa e o antropólogo francês Bruce Albert, converteu-se em um dos grandes livros de nosso tempo. Além de ser um rico relato das cosmologias Yanomami, “a etnografia do mundo espiritual oferecida por Davi não tem comparação na literatura etnológica e fornece, para além de uma descrição de um mundo que desconhecemos, o ponto de partida de onde se lança a crítica ao mundo das mercadorias e a advertência da queda do céu, esse fim de mundo previsto pelos xamãs Yanomami, que nós estamos conhecendo como o antropoceno”, aponta José Antonio Kelly Luciani, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Enquanto no mundo ocidental o discurso negacionista em relação ao aquecimento global ganha fôlego com discursos como os de Donald Trump, é da floresta que vem o recado e o pensamento pleno de lucidez onírica. “O que o Davi nos oferece em termos de pensamento são as relações entre o conhecimento que deriva desses sonhos, esses aprendizados oníricos, e nossas formas de aprender e apreender o mundo”,

destaca. “O fato é que os relatos da segunda parte do livro – a fumaça de metal – são um catálogo de tragédias que se repetem, em maior ou menor grau, em lugares diferentes, desde a conquista até nossos dias”, complementa.

José Antonio Kelly Luciani é graduado em Engenharia Eletrônica pela Universidade Simón Bolívar, na Venezuela. Realizou mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. Até 2007 trabalhou no Ministério da Saúde da Venezuela, com o programa de saúde Yanomami. No período entre 2008 e 2009 realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro. Atualmente é professor adjunto de Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

O entrevistado apresenta a conferência *A Queda do Céu. Palavras de Um Xamã Yanomami. Obra de Albert Bruce e Davi Kopenawa* na segunda-feira, 21-8-2017, às 19h30, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU. O Evento integra a programação do ciclo *A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De onde vem a força de *A queda do céu*?

José Antonio Kelly Luciani – Essa força tem muitas fontes: num quadro mais amplo, a experiência de vida do Davi¹ [Kopenawa] e sua

pulação de sua terra natal ser dizimada por duas epidemias, ambas trazidas pelo contato com o homem branco. Trabalhou na Fundação Nacional do Índio como intérprete. Mudou-se para a aldeia Watorik+ na década de 1980. Casou-se com a filha do pajé e se tornou chefe do posto indígena Demini. Foi um dos responsáveis pela demarcação do território Yanomami em 1992. Recebeu o prêmio ambiental Global 500 da ONU. Em 2010, viu sua autobiografia *La chute du ciel*, escrita em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, foi lançada na França. O livro teve tradução para o

habilidade de contá-la; a experiência etnográfica de [Bruce] Albert junto aos Yanomami, que o permite traduzir e organizar a narrativa dos dois lados do que o livro chama de “pacto

¹ **Davi Kopenawa Yanomami** (1956): escritor e líder indígena brasileiro. Ainda criança, viu a po-

inglês, e sua edição em português saiu em 2015 (*A queda do céu*. São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da **IHU On-Line**)

“Os relatos da segunda parte do livro - a fumaça de metal - são um catálogo de tragédias que se repetem em lugares diferentes, desde a conquista até nossos dias”

etnográfico”. Dentro deste quadro que estabelece as condições de possibilidade da obra, a etnografia do mundo espiritual oferecida por Davi não tem comparação na literatura etnológica e fornece, para além de uma descrição de um mundo que desconhecemos, o ponto de partida de onde se lança a crítica ao mundo das mercadorias e a advertência da queda do céu, esse fim de mundo previsto pelos xamãs Yanomami, que nós estamos conhecendo como o antropoceno². O livro tem muitas fontes de força, o próprio fortalecimento do Davi, que passa de ser um jovem um pouco entremundos, como tantos jovens indígenas, a ser um xamã e liderança indígena reconhecida no mundo inteiro. Enfim, há força na etnografia, no potencial reflexivo da crítica que nos propõe, na inspiração que pode gerar a relação Kopenawa-Albert...

IHU On-Line – A história do mau encontro entre os indígenas e a civilização ocidental, por assim dizer, é o nosso mais trágico eterno retorno?

José Antonio Kelly Luciani – É pelo menos um deles, e é trágico para os indígenas de uma forma muito mais brutal que para nós (não indígenas, “sociedade ociden-

tal”, nacional, envolvente etc.), que também perdemos ao acabar com os povos indígenas, mas na maioria das vezes sem sequer saber disso. O fato é que os relatos da segunda parte do livro – a fumaça de metal – são um catálogo de tragédias que se repetem, em maior ou menor grau, em lugares diferentes, desde a conquista até nossos dias. A América Latina toda está marcada pela coexistência das relações que nós aprendemos nas escolas a ver como etapas numa evolução até o estado moderno: relações quinhentistas com os indígenas coexistem em estreita vinculação com o engajamento de setores de cada nação com os mercados globalizados – o garimpo que tanto tem custado aos Yanomami é um exemplo claro dessa duplicidade que mostra quanto têm de fantasia essas narrativas de progresso por etapas na construção da nação.

IHU On-Line – Qual a contribuição de *A queda do céu* para o campo da antropologia e, em sentido mais amplo, para as ciências sociais?

José Antonio Kelly Luciani – O livro constitui uma contribuição a vários níveis. O mais estrito, para etnografia dos povos Yanomami: a amplitude dos temas tratados e o detalhe descritivo fazem deste livro uma espécie de enciclopédia Yanomami. Para os etnólogos, ampliando um pouco o espectro, é também uma etnografia de referência no que toca ao xamanismo, por exemplo, mas também para tudo o que tem

a ver com as relações dos indígenas com o Estado, o capital, os brancos. Há outros temas muito bem tratados, como a política indígena e a política étnica... Além disso, o livro é acessível a uma audiência que não precisa ser acadêmica nem particularmente conhecedora dos povos indígenas para aprender muito sobre indígenas, a vida nas fronteiras internas dos estados nacionais, o desenvolvimento para aqueles nas suas margens...

Para as ciências sociais há muito o que dizer, pois o livro nos mostra o potencial do engajamento político-etnográfico pós-malinowskiano; o potencial de uma relação mais simétrica entre antropologia e conhecimento nativo; o potencial, enfim, de uma antropologia em reverso (*sensu* Roy Wagner) que de certa forma é o potencial mais produtivo, potente, interessante, a qual a prática antropológica pode aspirar no plano intelectual. O livro é uma “ciência social do observado”, como disse alguma vez Lévi-Strauss³ para caracterizar a antropologia, com a tríplice torsão de que já não esta-

² **Antropoceno**: termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU tem tratado dessa perspectiva em diversas publicações. Entre elas “*Antropoceno: ou mudamos nosso estilo de vida, ou vamos sucumbir*”. *Entrevista especial com Wagner Costa Ribeiro*, publicada nas Notícias do Dia, de 29-02-2016, disponível em <http://bit.ly/1T5xU2U>. Confira mais em <http://bit.ly/1TFub7T>. (Nota da IHU On-Line)

³ **Claude Lévi-Strauss** (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *As estruturas elementares do parentesco* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro *Tristes Trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século 20. (Nota da IHU On-Line)

mos frente a um “observado”, mas a um “observador (indígena) crítico do observador (os Brancos)”, feito em chave xamânica que se contrapõe à “ciência” e mesmo ao nosso senso comum do “social”.

“Davi revela no seu livro uma inclinação propriamente filosófica de questionamento contínuo sobre a vida”

IHU On-Line – Viveiros de Castro⁴ sempre lembra que tradução é traição. Mas, a despeito desta circunstância, como entender o papel de Bruce Albert nesta obra? De que forma é sua relação com Kopenawa?

José Antonio Kelly Luciani – O esforço de tradução de Bruce Albert é realmente impressionante. Qualquer um que tenha trabalhado com tradução, quiçá mais ainda em se tratando de uma língua indígena, percebe a dimensão colossal do trabalho impli-

cado em traduzir milhares de páginas de narrativa Yanomami. A opção do Albert, de traduzir à meia distância entre um estilo literal e um literário, esquivando-se tanto da incompreensão que derivaria do primeiro e da desconexão do mundo Yanomami que resultaria do segundo, é tão acertada que parece ser a única que faz justiça à língua, pensamento e vida Yanomami.

Não devemos esquecer também o trabalho de organização da obra em uma narrativa coerente e sequenciada de forma tal que o leitor acompanha a trajetória da vida do Davi a partir do cosmos e da socialidade Yanomami em direção à etnopolítica e à antropologia Yanomami dos brancos e seu mundo. Esta organização permite ver com clareza o que pode significar uma cosmopolítica Yanomami. Por último, os anexos, glossários e notas explicativas são também labores formidáveis de rigor, dando à obra abertura de audiência e qualidades enciclopédicas. E trata-se, sim, num sentido amplo, de uma traição da parte do Albert, não poderia ser de outra forma, se é o pensamento Yanomami que se objetiva veicular no livro, essa traição de si nos faz bem.

IHU On-Line – De que maneira Davi Kopenawa tornou-se, por meio de *A queda do céu*, um dos principais pensadores de nosso tempo? O que há de original na compreensão de mundo trazida por esta obra?

José Antonio Kelly Luciani – Kopenawa é sem dúvida um pensador, mas sua originalidade reside, entre outras coisas, em ser antes disso um sonhador. Os Yanomami, em particular os xamãs, aprendem muito sobre o mundo, e apreendem o mundo, em boa medida através dos “sonhos

distantes”: sonhos que permitem ver o tempo mítico, viajar a diferentes níveis dos cosmos, entrar em relação com espíritos os mais diversos, adquirir capacidades de cura, caça, conhecer lugares distantes etc. O que o Davi nos oferece em termos de pensamento são as relações entre o conhecimento que deriva desses sonhos, esses aprendizados oníricos, e nossas formas de aprender e apreender o mundo. Além disso, o Davi revela no seu livro uma inclinação propriamente filosófica de questionamento contínuo sobre a vida e o cosmo Yanomami, os motivos de seus ancestrais, a sociabilidade dos espíritos etc., assim como a vida e as motivações dos brancos, particularmente informado por sua experiência do interesse incessante dos brancos pela terra dos índios, pelos minérios e pelas mercadorias.

IHU On-Line – A obra se divide em três grandes eixos – *Tornar-se outro*, *A fumaça do metal* e *A queda do céu*. Como cada uma aborda diferentes desafios contemporâneos?

José Antonio Kelly Luciani – O desafio contemporâneo colocado pelo livro encontra-se principalmente na terceira parte, *A queda do Céu*, pois trata-se da predição xamânica do cataclismo ambiental do qual há tempo não podemos nos iludir. A segunda e primeira partes funcionam de outra forma em relação ao desafio colocado na terceira: *a fumaça de metal* é uma demonstração dos processos destrutivos que nos levam à situação atual e ao altíssimo custo vital que isso tem implicado para os Yanomami. *Tornar-se outro*, por sua vez, nos fornece os princípios cosmológicos a partir dos quais o mundo Yanomami pode construir uma crítica e uma alternativa de relação com o planeta. ■

⁴ **Eduardo Viveiros de Castro** (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista *O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife* à edição 161 da **IHU On-Line**, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu *Arawete: O Povo do Ipixuna* (São Paulo: CEDI), *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)* (São Paulo: Cosac & Naify) e *Metafísicas canibais* (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro *A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da **IHU On-Line**)

Ciclo de Estudos

21 de agosto a

16 de novembro de 2017

A contemporaneidade em debate.

ihu.unisinos.br

Intérpretes e obras



Peter Berger e o pluralismo religioso

“Um traço definidor do fundamentalismo é a radical negação de qualquer negociação cognitiva. Não pode haver interlocução significativa com *outsiders*, e isto para defender-se contra qualquer possibilidade de dúvida. A visão de mundo deve estar bem “localizada” num campo de proteção cognitiva, evitando qualquer brecha dissociadora. Ao mesmo tempo, busca-se recriar nos grupos nexos de solidariedade comunitária e construir um discurso mítico que esteja livre das tensões e incertezas da modernidade”, escreve **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador do PPCIR-UFJF, no artigo que publicamos a seguir e que recorda a trajetória e a obra de Peter L. Berger, recentemente falecido¹.

“Numa perspectiva filosófica, o desafio do pluralismo moderno às religiões pode ser definido neste termos: é um desafio de manter as convicções sem dissolvê-las em pura e simples relatividade e sem recolhê-las nos falsos absolutos do fanatismo. É uma desafio difícil, mas não impossível”, afirma o autor do artigo citando Peter L. Berger.

Faustino Teixeira é autor, entre muitos outros livros, dos recentemente publicados: *Na fonte do Amado: malthas da mística cristã* (São Paulo: Fonte Editorial, 2017); *Em que creio* (São Paulo: Fonte Editorial, 2017); *Per una mística dell'ospitalità* (Villa Verucchio - Rimini: Pazzini Editore, 2016); *Mística & Literatura* (São Paulo: Fonte Editorial/PPCIR, 2015); e *Cercatori cristiani in dialogo con l'islam* (Villa Verucchio - Italia: Pazzini Editore, 2015).

Eis o artigo.

Introdução

O sociólogo americano, Peter L. Berger (1929-2017), ficou conhecido por seu singular trabalho na sociologia do conhecimento, em particular na reflexão sobre a construção social da realidade. Mas o tema da religião o acompanhou desde seus primeiros ensaios, sendo um dos autores clássicos que se ocuparam do tema da secularização no mundo moderno, ou seja, da retração do sobrenatural para a esfera da consciência e o progressivo declínio da religião na esfera pública. A secularização, como mostrou Berger, traduz “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER, 1985, p. 119).

Essa foi uma visão que marcou a primeira fase de sua reflexão na sociologia da religião, quando sua ênfase recaía sobre a chamada teoria da secularização. Em razão de constatações empíricas, foi aos poucos se dando conta da fragilidade de tal posicionamento. Um novo discernimento

¹ Na seção Notícia do Dia de seu sítio, o IHU publicou o texto *Morre Peter Berger, importante sociólogo da religião*. Acesso o texto completo em <http://bit.ly/2ww50Jt>. (Nota da **IHU On-Line**)

se deu por volta de 1999, depois de 25 anos, como ele mesmo assinala, quando então se dá conta da insustentabilidade de tal teoria: “Ficou cada vez mais evidente que os dados empíricos contradizem a teoria. Com algumas exceções, particularmente a Europa e uma determinada intelectualidade internacional, o nosso mundo não é nada secular; ele é tão religioso como outrora, e em alguns lugares mais ainda” (BERGER, 2017, p. 11; BERGER, 2001, p. 24-27). Nada mais ilusório do que pensar que o século XXI será menos religioso. O que ocorre na verdade é a presença de importantes movimentos de revitalização espiritual, como no caso do islamismo e do pentecostalismo. Constituem “os dois fenômenos mais dinâmicos no cenário religioso global” (BERGER, 2017, p. 63; BERGER, 2001, p. 21-24).

Com base nessa constatação, Berger propõe um novo paradigma para a reflexão, que tem no pluralismo sua âncora essencial. O que o tempo atual apresenta é a presença simultânea de grupos distintos, de religiões diversificadas, que buscam espaços de coexistência. O pluralismo firma-se como o grande desafio para as comunidades religiosas, bem na linha do que já havia indicado o papa Francisco em sua exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, no sentido da percepção da beleza da diversidade (Francisco, 2013, p. 130). Para Berger, em linha de sintonia com uma visão inclusivista, a acolhida do pluralismo deve ocorrer garantindo o respeito das convicções e evitando os “falsos absolutos do fanatismo” (BERGER, 1994, p. 499)

Tempos de pluralização

Os tempos modernos são marcados por um singular processo de comunicação. Todos são provocados a entrar numa “conversa permanente”, numa interlocução criativa. Na nova ordem social pós-tradicional a tradição não desaparece mas muda de *status*. No novo momento de globalização intensificadora ela não está mais garantida, necessitando de explicar-se e abrir-se à interrogação e ao discurso (GIDDENS, 1995, p. 13). A dinâmica moderna de pluralização é pontuada por uma enorme abrangência e grande velocidade (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 50). Se no passado as sociedades conseguiam realizar com certa facilidade o processo de ordenação social, garantindo de forma relativamente exitosa “a geração, comunicação e preservação de sentido”, isto deixa de ocorrer nas sociedades modernas. Com o crescimento da pluralização, intensifica-se simultaneamente a “agonia de ter de escolher” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 41). É correto dizer que a situação moderna leva a “sistemas abertos de conhecimento”, ampliando o campo do olhar, mas provoca também os acirramentos identitários. A atmosfera plural engendra “não apenas a ‘era do ecumenismo’ mas também, em aparente contradição com esta, a ‘era das redescobertas das heranças confessionais’” (BERGER, 1985, p. 159).

A consciência moderna vem acompanhada por efeito relativizador, na medida em que revira todas as antigas certezas. O campo se abre com um leque ampliado de opções e formas diversificadas de pensar sobre o mundo. O peso recai sobre a escolha. As estruturas de plausibilidade se fragilizam, perdendo seu traço de estabilidade e enfraquecendo as comunidades de sentido. Em decorrência, as respostas que traduzem a afirmação de um mundo tornam-se igualmente incertas e hesitantes (BERGER, Peter L., 2017b, p. 37-38). Daí a tendências dos indivíduos a recuarem para a sua própria subjetividade, na busca de alguma certeza mais garantida, ou então se ancorar em comunidades que garantam uma maior segurança. Com a instabilidade das estruturas de plausibilidade os sujeitos tornam-se propensos ao contágio das dissonâncias cognitivas. Os conhecimentos auto-evidentes passam a ser suspeitados e os pilares do mundo objetivo passam a ser problematizados com vigor: mundo sociedade, vida e identidade. Nenhuma interpretação vigente pode agora ser assumida como a única ou inquestionavelmente correta (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54). Tudo passa pelo turbilhão da dúvida ou vive a instabilidade pelo simples fato de ter que conviver com estruturas de plausibilidade rivais (BERGER, 1997, p. 78-79).

A crise de credibilidade que acompanha a situação pluralista afeta igualmente a religião:

“A situação pluralista, ao acabar com o monopólio religioso, faz com que fique cada vez mais difícil manter ou construir novamente estruturas de plausibilidade viáveis para a religião. As estruturas de plausibilidade



perdem solidez porque não podem mais apresentar a sociedade como um todo para servir ao propósito da confirmação social. Em termos simples, sempre há `todos os outros` que se recusam a confirmar o mundo religioso em questão. Torna-se cada vez mais difícil para os `habitantes` de um dado religioso permanecer *entre nous* na sociedade contemporânea” (BERGER, 1985, p. 162).

Com o desdobramento da relativização, a possibilidade da crise de sentido e desorientação dos indivíduos e grupos inteiros. Daí o recurso institucional para salvaguardar o “nomos”, com as instituições intermediárias que fazem a ponte entre a experiência coletiva e a individual. Como assinalam Berger e Luckmann, “todo grupo que deseja proteger-se das consequências da pluralização dever erguer seu próprio `muro da Lei`” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 50). A própria sociedade engendra instituições específicas para a afirmação, produção e comunicação de sentido. Funcionam como um sistema imunológico, evitando o vírus problemático das crises. Muitos destes “projetos restauradores” em favor da sanidade do mundo, acabam por limitar ou mesmo suprimir o pluralismo, na medida em que ele “coloca sempre alternativas diante dos olhos” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 58).

A questão é extremamente complexa, exigindo discernimento e abertura. Não se pode negar esse traço relativizador que acompanha a dinâmica do pluralismo, nem ocultar as crises de sentido que dela podem se desdobrar. É o dado pontuado com realismo por Berger, mas isto não significa um desencanto com o pluralismo, mas uma exigência a mais no processo de reflexão de forma a criar condições positivas para a sua acolhida, uma vez que ele se firma como um fenômeno global e desafiante.

As reações ao pluralismo

Ao abordar em seu clássico livro a questão dos mecanismos conceituais de manutenção do universo, Berger toca numa questão delicada, que é o processo de encontro de uma sociedade com outra, marcada por uma história diferente. Como indica, a presença de um outro possível universo simbólico é sempre uma ameaça, pois sugere que o universo particular não é inevitável (BERGER, 1973, p. 146-147). Seja em que circunstância isto ocorra, a entrada do outro no mundo particular revela sempre uma experiência delicada, exigindo uma “sensibilidade escrupulosa”. Não é fácil lidar com a diferença, e sobretudo entender a diferença como uma riqueza, como espaço de aprendizado e enriquecimento pessoal.

A experiência do pluralismo revela de forma patente esta delicada engenharia de trato com o outro. Berger mostrou em vários de seus livros que o pluralismo provoca inquietação, e ele tem razão, pois é quando as versões divergentes do mundo colocam-se lado a lado, e o risco da ameaça à estrutura de plausibilidade se torna mais evidente. O outro, ou os outros, representam não apenas uma ameaça teórica, mas também uma ameaça prática para a própria ordem instituída e para o mundo objetivado. O pluralismo é visto como um passo perigoso de relativização:

O pluralismo cria uma condição de incerteza permanente com respeito ao que se deveria crer e ao modo como se deveria viver; mas a mente humana abomina a incerteza, sobretudo no que diz respeito ao que se conta verdadeiramente na vida. Quando o relativismo alcança uma certa intensidade, o absolutismo volta a exercitar um grande fascínio (BERGER, 1994, p. 48).

É possível lidar com o pluralismo de forma aberta e acolhedora, reconhece Berger ao falar dos “virtuosos do pluralismo”. É o caso de pessoas ou buscadores que lidam com alegria com a diversidade, que reconhecem a importância fundamental da presença do outro na construção da identidade. São “pessoas que suportam esta exigência; e algumas até parece que se sentem bem com ela” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54). Há buscadores espirituais em distintas tradições religiosas que lidam bem com esta questão, como é o caso de Raimon Panikkar (1918-2010), um dos grandes pilares do diálogo inter-religioso. Ele dizia que aqueles que se fixam unicamente em sua religião, fechando-se à qualquer interlocução com as outras tradições, deixam escapar o mistério que as habita, perdendo inclusive a possibilidade de conhecer em profundidade sua própria religião. Na sua visão, o pluralismo revela uma das “experiências mais enriquecedoras” da consciência humana, que permite ao sujeito tomar

consciência da própria contingência (PANIKKAR, 1998, p. 166).

Se há pessoas que lidam bem com a diversidade, a maioria recusa essa experiência de alteridade. É o que sublinha Berger, indicando que as motivações que provocam esta resistência estão no próprio mundo interior. Trata-se de uma radical insegurança diante de “um mundo confuso e cheio de possibilidades de interpretação” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54). Grande parte das pessoas necessita de um mundo que lhes forneça segurança, de um mundo pautado na auto-evidência, livre de questionamentos. Daí ser curioso perceber que no tempo atual, as pessoas busquem apoio em comunidades que estão livres de dissonância cognitiva, ou seja, em comunidades que oferecem certezas e marcam sua caminhada com doutrinas mais estáveis e rígidas. As instituições foram criadas justamente para “aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54). As comunidades mais flexíveis ou elásticas, pautadas pela negociação cognitiva, e que tratam de forma mais aberta as questões doutrinárias e os códigos de comportamento são as que encontram mais resistência entre os fiéis (BERGER, 1994, p. 24; BERGER, 2001, p. 19-20). Berger entende que a razão disso está nas incertezas provocadas pela modernidade e na pluralização a ela associada; bem como na dinâmica dissolvedora da relativização.

A emergência dos fundamentalismos no cenário religioso mundial é expressão de reação ao pluralismo e à modernização. Berger não tem dúvida sobre isso. São os grupos ou movimentos que reagem criticamente aos projetos ou iniciativas relacionadas ao *aggiornamento* com a modernidade. E são expressões religiosas que estão se irradiando por todo canto e em diversas religiões. O que os fundamentalistas buscam é “restaurar a certeza ameaçada”, e isto ocorre não apenas no âmbito religioso mas também no domínio secular (BERGER, 2017, p. 34). É um fenômeno moderno e reativo, que só se entende no âmbito do processo modernizador e relativizante. Para os fundamentalistas, os outros “representam uma séria ameaça à certeza conquistada a duras penas; eles devem ser convertidos, segregados ou, no extremo, expulsos ou ‘liquidados’” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 66).

Um traço definidor do fundamentalismo é a radical negação de qualquer negociação cognitiva. Não pode haver interlocução significativa com *outsiders*, e isto para defender-se contra qualquer possibilidade de dúvida. A visão de mundo deve estar bem “localizada” num campo de proteção cognitiva, evitando qualquer brecha dissociadora. Ao mesmo tempo, busca-se recriar nos grupos nexos de solidariedade comunitária e construir um discurso mítico que esteja livre das tensões e incertezas da modernidade. O fundamentalismo vem ancorado numa redução cognitiva, que pode se expressar defensivamente ou ofensivamente, na forma de proteção do gheto ou numa estratégia de cruzada, ou seja, de reconquista da sociedade em nome de uma tradição que se vê ameaçada (BERGER, 1994, p. 45). O que “originalmente é apenas um isolacionismo, ou talvez a insistência na pureza de uma tradição local, pode se essa for a tendência das circunstâncias, transformar-se em um ciclo vicioso de animosidade e rancor” (GIDDENS, 1995, p. 277).

O desafio plural

Em sua reflexão sobre o pluralismo, Berger busca distanciar-se de duas possibilidades: o relativismo e o fundamentalismo. São dois riscos bem presentes no campo da modernidade: “Se o perigo imposto pelo relativismo a uma sociedade estável for o excesso de dúvida, o perigo do fundamentalismo é uma insuficiência de dúvida” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 78). O autor sente-se à vontade no novo paradigma proposto, que envolve a teoria do pluralismo. Mas a forma de sua acolhida é cuidadosa e criteriosa, evitando os extremos da cadeia. Busca uma solução responsável, que garanta a domiciliação serena a uma identidade sempre em construção. Ele reconhece não ser tarefa fácil, conviver com o pluralismo, mas admite a possibilidade de uma experiência de fé capaz de lidar positivamente com a diferença. Sua conclusão a respeito é bem singular:

Numa perspectiva filosófica, o desafio do pluralismo moderno às religiões pode ser definido neste termos: é um desafio de manter as convicções sem dissolvê-las em pura e simples relatividade e sem recolhê-las nos falsos absolutos do fanatismo. É uma desafio difícil, mas não impossível (BERGER, 1994, p. 49).

Referências Bibliográficas

BERGER, Peter L. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L. *Una gloria remota*. Avere fede nell'epoca del pluralismo. Bologna: Il Mulino, 1994.

BERGER, Peter L. *Rumor de anjos*. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BERGER, Peter L. *Le réenchantement du monde*. Paris: Bayard, 2001.

BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade*. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter L. *O imperativo herético*. Possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa. Petrópolis: Vozes, 2017b.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. A orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter L. & ZIJDERVELD, Anton. *Em favor da dúvida*. Como ter convicções sem se tornar um fanático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Unesp, 1995.

PANIKKAR, Raimon. *Entre Dieu et le cosmos*. Entretiens avec Gwendoline Jarczyk. Paris: Albin Michel, 1998.

Leia mais

- **Pluralismo: para além da secularização**. Entrevista com Peter L. Berger, publicada por Avvenire e reproduzida nas Notícias do Dia de 17-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2v6tHnz>.

- **Não existem mais as religiões de antigamente**. Artigo de Giancarlo Bosetti, publicado no jornal La Repubblica e reproduzido nas Notícias do Dia de 1-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2wq4RmG>.

- **As metamorfoses da fé**. Análise é do filósofo e historiador das religiões francês Frédéric Lenoir, diretor da revista Le Monde des Religions, reproduzida nas Notícias do Dia de 22-9-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2wwydix>

- **Somos pluralistas, graças a Deus**. Artigo de Peter Berger, publicado no jornal Avvenire e reproduzido nas Notícias do Dia de 16-7-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2uYwltZ>.

- **Surge uma dúvida: ainda sei duvidar?** Artigo do sociólogo italiano Franco Garelli, professor da Universidade de Turim, publicado no jornal La Stampa e reproduzido nas Notícias do Dia de 20-2-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2vRN7iJ>.

- **“Francisco na Suécia, católicos e protestantes celebrem que não há mais guerra entre eles”**, propõe Peter Berger. Entrevista publicada por La Repubblica e reproduzida nas Notícias do Dia de 29-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2vWGnhW>.

- **O paradoxo jesuíta.** Artigo de Peter Berger publicado na revista The American Interest e reproduzido nas Notícias do Dia de 2-12-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2vWTwHJ>.

- Assista **vídeo** em que **Faustino Teixeira** fala de livros de P. Berger recentemente lançado pela editora Vozes, em <http://bit.ly/2wfXr5i>.

Confira algumas publicações de Peter Berger em Português

- **Os Múltiplos Altares da Modernidade. Rumo a Um Paradigma da Religião Numa Época Pluralista.** (Petrópolis/RJ: Vozes, 2017).

- **A Construção Social da Realidade.** (Petrópolis/RJ: Vozes, 2014)

- **Perspectivas Sociológicas. Uma Visão Humanística.** (Petrópolis/RJ: Vozes, 2011)

- **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido. A Orientação do Homem Moderno.** (Petrópolis/RJ: Vozes, 2012)

- **Muitas Globalizações.** (São Paulo: Record, 2004)

- **O Imperativo Herético.** (Petrópolis/RJ: Vozes, 2017)

- **O Riso Redentor. A Dimensão Cômica da Experiência Humana.** (Petrópolis/RJ: Vozes, 2017)

Leia mais sobre Faustino Teixeira

- **A presença dos espíritos no imaginário da sociedade brasileira.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do Dia de 8-9-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1QLDHXm>.

- **“Rûmî é o poeta da dança da Unidade”.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line, número 222, de 4-6-2007, disponível em <http://bit.ly/2uYnyO2>.

- **Teologia Pluralista e Teologia da Revelação.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do Dia de 3-7-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1QLCEqe>.

- **Assis, um acontecimento do Espírito.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do Dia de 19-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2ilEw3g>.

- **O sagrado dever da hospitalidade.** Artigo de Faustino Teixeira, publicado na revista IHU On-Line 499, de 19-12-2016, disponível em <http://bit.ly/2wpSR4E>.

- **Deus não tem religião.** Artigo de Faustino Teixeira, publicado nas Notícias do Dia de 4-4-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2wqtOP9>.



Da colonização à democratização: as imposições ocidentais que sufocam a África

Giulio Albanese | Tradução: Ramiro Mincato | Edição: João Vitor Santos

“**A** análise de alguns cenários enfocados mostra que o conflito não tem apenas significado político e institucional, mas também militar, como é o caso da República Democrática do Congo. Esse local que revela a existência de circuitos políticos ligados a instituições, exércitos e milícias privadas, senhores das guerras locais, empresas multinacionais, finalizadas à exploração dos recursos naturais, presentes no território, e, evidentemente, completamente à revelia de qualquer forma de consenso ou legitimidade popular”, escreve o missionário comboniano Giulio Albanese. Ele faz um relato com o objetivo de jogar luz sobre questões que estão por trás de todo o conflito e violência presente no continente africano hoje e que vai repercutir na chamada crise migratória.

No seu texto, escrito na semana passada e enviado por e-mail, o missionário ainda destaca que “é opinião comum que antes da chegada dos colonizadores europeus, a África era uma vasta extensão de terra povoada por uma miríade de grupos étnicos briguentos e incapaz de assumir as formas mais elementares de organização política”. Para ele, isso não passa de falsa história. “Esquecemo-nos de que, na África, ao contrário do que aconteceu nas Américas, o poder dos Estados autóctones era tal que desencorajava, até o tempo da revolução industrial, qualquer conquista em escala continental”, explica.

Giulio Albanese é padre, missionário comboniano, que viveu na África por anos, onde realizava trabalhos missionários e como jornalista. Dirigiu o Media Center New Pessoas, em Nairobi, está entre os criadores da agência missionária News Service, agora *Missionary Internacional Service News Agency* - Misna. É, ainda, colaborador de diversos veículos de imprensa da Europa, para os quais escreve sobre assuntos relacionados à África. Desde 2007, é professor de “jornalismo missionário/alternative jornalismo” na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e diretor das revistas missionárias das Pontifícias Obras Missionárias PMS - Missio Itália, Povos e Missão e A Ponte Golden.

Confira o artigo.

Precisamos, antes de mais nada, considerar que, nos últimos anos, houve muita publicidade a respeito de um possível renascimento africano, do orgulho político de um continente que, em suas múltiplas expressões, sente necessidade de virar a página. Quem postulou esta intenção

por primeiro foi Nelson Mandela¹, o memorável primeiro presidente do pós-apartheid, na África do Sul. Estava convencido de que era possível opor-se o conceito de “Estado-nação”, causador de tantos desastres, desde o início da temporada pós-colonial dos anos 60. Para Mandela, as gerações mais jovens, mais cedo ou mais tarde, seriam capazes de acabar com as paródias dos sistemas estatais ocidentais que, ainda hoje, se traduzem em governos pessoais e autocráticos, baseados em nepotismo e corrupção, exercidos em favor de uma ou duas etnias do país.

A respeito disso, Basil Davidson², um dos últimos africanistas do século passado, recentemente falecido, estigmatizava a pesada responsabilidade das antigas potências coloniais captadoras das elites nativas, que, impunemente, ainda hoje se prestam para manter relações econômicas desiguais, mesmo que informais. Estas influências continuam hoje, embora cresça dramaticamente a fileira das entidades estrangeiras que olham para o continente com grande cobiça. Basta pensar na crescente influência da China, que mantém profícuas relações diplomáticas e comerciais com todos os governos da União Africana - UA.

A análise de alguns cenários enfocados mostra que o conflito não tem apenas significado político e institucional, mas também militar, como é o caso da República Democrática do Congo. Esse local que revela a existência de circuitos políticos ligados a instituições, exércitos e milícias privadas, senhores das guerras locais, empresas multinacionais, finalizadas à exploração dos recursos naturais (fontes energéticas, em particular), presentes no território, e, evidentemente, completamente à revelia de qualquer forma de consenso ou legitimidade popular. Não por acaso, o ex-governador do Banco Central do Gana, Frimpong-Ansah³, chegou a definir os Estados africanos pós-coloniais como “estados-vampiros”, culpando as oligarquias locais pela drenagem do dinheiro público e dos recursos, segundo uma lógica clientelista e predatória.

Outros estudiosos, como Jean-François Bayart⁴, acreditam que o processo degenerativo se deve à incapacidade de distribuição dos recursos em vista do desenvolvimento e bem-estar social, e à subjugação contínua de facções étnicas incapazes de servir a “*res publica*”. Independentemente da explicação histórica, é lógico perguntar se seria possível um caminho evolutivo nas políticas nacionais africanas. A pergunta baseia-se na exigência de se saber se é admissível a individuação de um percurso de crescimento na recente história pós-colonial do continente.

A crônica dos eventos é contrastante. Até o fim da Guerra Fria, a paisagem política africana era dominada por um enxame de autocracias, mais ou menos mascaradas, e ideologicamente mais ou menos duras, cuja legitimidade baseava-se no legado colonial, no partido único e na complacência interessada dos dois blocos. Com a queda do Muro de Berlim, esses potentados⁵ começaram a estalar, não resistindo ao impacto dos estímulos endógenos e impulsos exógenos, prefigurando novas estruturas de poder que poderiam, pelo menos no papel, marcar o ponto de viragem.

Democracia importada

Começou-se a falar, então, a plenos pulmões, de democratização, como se tivesse chegado a hora da sociedade civil. Como esquecer, no início dos anos 90, as inúmeras emendas contra a pretensão europeia de condicionar as ajudas a respeito das regras democráticas, durante as memoráveis assembleias da ACP (África, Caribe, Pacífico) e CEE (a então Comunidade Europeia)? Aquele tipo de parlamento da cooperação Norte-Sul, criada pela Convenção de Lomé⁶, de 1975, revelou ser um laboratório no qual se tentou incorporar no patrimônio político africano valores e práticas importadas. Isso exigiu tempo, recursos (que a comunidade internacional até agora poupou) e, provavelmente, ajustes muitas vezes até encorpados. O respeito da agenda dos

1 **Nelson Mandela** (1918-2013): advogado, líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Principal representante do movimento antiapartheid, como ativista, sabotador e guerrilheiro. Considerado pela maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era considerado pelo governo sul-africano um terrorista. Em 1990 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz, recebido em 2002. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Basil Risbridger Davidson** (1914-2010): foi um jornalista, escritor, historiador e africanista britânico, especialista no período colonial dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Os temas centrais da sua obra são o colonialismo, o surgimento dos movimentos africanos de emancipação e os dilemas atuais do continente africano. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **J. H. Frimpong-Ansah** (1930-1999): foi um economista e foi governador do Banco Central do Gana de 8 de março de 1968 a 28 de fevereiro de 1973. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Jean-François Bayart** (1950): é um cientista político francês, cuja especialidade é a sociologia histórica comparativa do estado. Ele é o autor de vários livros sobre a África Subsaariana e a historicidade da política. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Soberano de poder absoluto. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Convenção de Lomé**: é o acordo comercial assinado em 1975 entre a União Europeia e os países ACP, que vigorou até a assinatura do acordo de Cotonou. Existiram quatro convenções de Lomé: Lomé I, Lomé II, Lomé III e Lomé IV, que são sucessivos aperfeiçoamentos de um acordo inicial. (Nota da **IHU On-Line**)

direitos humanos e as formas de representação participativa, por outro lado, estão além da transição democrática “formal”. A dialética dos grupos, dos interesses econômicos, das aspirações populares, empurrou a busca de formas mais adequadas de representação política, mesmo que em um quadro geral de grande precariedade, de acordo com a composição étnica, a articulação geográfica e a fé religiosa.

Eis que não faltaram (e ainda não faltam) desilusões, quando se considera a instabilidade da região dos Grandes Lagos⁷ ou do Chifre da África⁸. De fato, a busca por novos modelos de legitimidade deve sempre contar com um quadro econômico em que se confrontam os macroprocessos da globalização e as soluções locais, para os problemas da vida cotidiana. Mas exatamente essas implicações remetem ao ponto do qual partimos. A responsabilidade desses governos ocidentais que deveriam – pelo menos no papel, promover a democracia e a participação – são de dois tipos: político e solidário. O primeiro, sem dúvida, é marcado pelos Estados Unidos, cuja política africana caracterizou-se, nos últimos anos, por um pragmatismo notável, centrado em relações bilaterais entre os países individualmente, e a criação de condições de mercado vantajosas para as estratégias de globalização. Eis que então, o modelo “USA”, na África, se evidenciou sempre mais como uma espécie de “grande dorsal”, com todas as diferenças, mesmo perceptíveis, dependendo se Washington é governada pelos democratas ou pelos republicanos. Embora no momento ainda não esteja claro o que ele significa para o imprevisível Donald Trump⁹, é improvável, porém, que ele dê ao Império do Dragão aquelas concessões ligadas ao negócio das commodities, tão caro aos seus antecessores.

A União Europeia, no entanto, é permeada de atitudes contrastantes: em nome da Comunidade se enuncia o princípio da multilateralidade, enquanto os governos individuais (especialmente França e Reino Unido, mas também a Alemanha e Bélgica) movem-se sob o emblema do bilateralismo, como se as relações com os Estados africanos individuais prescindissem dos compromissos da Comissão de Bruxelas¹⁰. Uma coisa é certa: porquanto o número de países democráticos no continente, ao menos do ponto de vista formal, é agora o maior da história, na África ainda persiste uma grande variedade de regimes vagamente definidos que, com diferentes tons e camuflagens, tendem, de um lado, a reduzir consideravelmente ou até mesmo eliminar completamente o pluralismo político, privando, portanto, as populações dos direitos e liberdades fundamentais. Enquanto, por outro lado, administram a atribuição e distribuição do poder político com o uso da força contra qualquer forma de dissidência.

Imposição da democracia liberal ocidental

Portanto, o debate parlamentar e o envolvimento da sociedade civil estão sob severas limitações. É preciso, no entanto, tomar consciência de que há um debate aberto sobre a possibilidade de a democracia liberal de cunho ocidental ser o modelo universal, em direção ao qual deveriam se esforçar incansavelmente todas as nações, independentemente da sua tradição histórica e cultural. A este respeito, é provocador e, ao mesmo tempo, iluminante a posição do economista ganhador do prêmio Nobel Amartya Sen¹¹, nascido em Bengala, em 1933. Em sua obra, *La democrazia degli altri. Perché la libertà non è un'invenzione dell'Occidente*¹² (*A Democracia dos outros. Porque a liberdade não é uma invenção do Ocidente*, em tradução livre), a tese é de que

⁷ **Grandes Lagos Africanos:** são um conjunto grandes lagos de origem tectônica, localizados na África oriental, que incluem alguns dos lagos mais profundos do mundo. A maior parte destes lagos foi formada há cerca de 35 milhões de anos no Vale do Rift Ocidental, um dos ramos desta formação geológica que abrange a Etiópia, Quênia, Tanzânia, Uganda, Ruanda, Burundi, República Democrática do Congo, Malawi e Moçambique. (Nota da **IHU on-Line**)

⁸ **Chifre da África:** também conhecido como Nordeste Africano e algumas vezes como península Somali, é uma designação da região nordeste do continente africano, que inclui a Somália, a Etiópia, o Djibouti e a Eritreia. Tem uma área de aproximadamente 2 milhões de km² e uma população de cerca de 90,2 milhões de pessoas (Etiópia: 75 mi, Somália: 10 mi, Eritreia: 4,5 mi, e Djibouti: 0,7 mi). (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Comissão Europeia:** é a instituição que é politicamente independente e que representa e defende os interesses da União Europeia (UE) na sua globalidade. Propõe além da legislação, política e programas de ação e é responsável por aplicar as decisões do Parlamento Europeu e o Conselho da União Europeia. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Amartya Sen** (1933): economista indiano autor do livro *Desenvolvimento com liberdade* (São Paulo: Cia das Letras, 2000). Em 1998, a Real Academia da Suécia conferiu o prêmio Nobel de Economia a Sen “por devolver uma dimensão ética ao debate dos problemas econômicos vitais”. Foi galardoado com o prêmio em memória de Alfred Nobel das Ciências Econômicas, pelas suas contribuições ao *Welfare Economics*. Confira a entrevista *Amartya Sen e uma nova ética para a economia* publicada na edição 175 da **IHU On-Line**, de 10-4-2006, disponível em <http://bit.ly/2ctjc9e>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² Milão, Itália: Mondadori, 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

as objeções céticas, “sobre a possibilidade de propor a democracia aos povos que, alega-se, não a conhecem” e “sobre o que efetivamente a democracia pode realizar nos países mais pobres”, pressupõem um conceito “muito estreito” e “limitado” de democracia, identificando-a com “votação pública” ou com “governo de maioria”.

Uma compreensão correta da democracia, ao contrário, refere-se, segundo Sen, ao “exercício da razão pública” e, por isso, à “garantia de um debate público livre e de interações deliberativas de pensamento e de prática política”, para “salvaguardar a diversidade das doutrinas”. Em outras palavras, “a democracia é um sistema que exige esforço constante, e não um simples mecanismo (como o governo da maioria), independente e isolado de todo o resto”. À luz disso, Sen argumenta que, para que a democracia tenha valor universal não é necessário que haja sobre ela consenso geral. Pelo contrário, é preciso “estabelecer se os homens, em todas as partes do mundo, podem ter razões para considerá-la tal”.

Se por um lado é verdade que Sen se expõe ao risco de fornecer uma noção de “democracia” excessivamente ampla e suficientemente flexível, capaz de incluir qualquer regime (da democracia direta, no modelo de Westminster, ao despotismo esclarecido), por outro, seria oportuno fazer tesouro dos seus ensinamentos, relançando o confronto nas sedes internacionais, Nações Unidas, por primeiro, elaborando um compromisso, em seu significado etimológico mais nobre: aquele de “cum prometer”. Isto é, de prometer juntos um compromisso de paz para o futuro aguardado e esperado pelos povos. Como diria nosso Augusto Monti¹³, “o presente é lava em movimento, e julgar será possível somente quando a erupção estiver fria e firme”.

Nota histórica sobre a política africana pré-colonial

É opinião comum que antes da chegada dos colonizadores europeus, a África era uma vasta extensão de terra povoada por uma miríade de grupos étnicos briguentos e incapaz de assumir as formas mais elementares de organização política. É uma história falsa. Esqueçemo-nos que, na África, ao contrário do que aconteceu nas Américas, o poder dos Estados autóctones era tal que desencorajava, até o tempo da revolução industrial, por volta do século XIX, qualquer conquista em escala continental. Ao contrário do que se pensa, os assentamentos portugueses ao longo da costa africana foram apenas uma primeira tentativa de a penetrar; a verdadeira e própria colonização acontecerá apenas no século XIX, graças às expedições de inúmeros exploradores e missionários europeus.

Acrescenta-se a isso que os soberanos africanos a partir do qual os comerciantes de escravos compravam a mercadoria humana, desde o final do século XV, governavam impérios mais vastos do que qualquer nação europeia moderna. O fato é que, infelizmente, a história africana pré-colonial nunca entrou nos livros didáticos ocidentais. Por exemplo, quem já estudou, por acaso, na escola, os grandes acontecimentos do Reino Gana (od Ougadou), habitada pelo povo soninquê, que alcançou sua maior expansão no século XI? Era um Estado rico e florescente, que se estendia ao norte do rio Níger, e incluía boa parte do sudeste da Mauritânia e da parte ocidental do Mali. Ou alguém já ouviu falar de Sundiata Keita, o lendário herói do povo Malinke?

No entanto, em meados do século XIII, fundou o Reino do Mali que cobria ampla área geográfica, das costas atlânticas do Senegal e da Serra Leoa até a cidade de Gao, às margens da grande curva do rio Níger. Assim, para muitos é desconhecida a história do Império Songhai, um povo que vivia ao longo das margens do Médio Níger. No final do século XV tornou-se o maior Estado africano pré-colonial. Segundo os historiadores, era dividido em Províncias administradas por governadores nomeados pelo Império, sob os quais havia funcionários públicos encarregados do planejamento econômico do território, da gestão das receitas e da justiça. A segurança das rotas de comércio era realizada por duas forças armadas, exército e marinha, composta principalmente por soldados regulares.

Mais tarde, no final do século XVII, impôs-se o poderoso Estado do Ashanti, sob a liderança carismática de Osei Tutu: este Reino estendeu seu controle ao longo de toda a costa dos atuais Estados de Gana e Costa do Marfim. Aquele do Ashanti foi certamente o mais poderoso dos Estados que se desenvolveu entre o final dos séculos XV e XIX, na dorsal atlântica, a partir da foz do Senegal até os confins ocidentais de Camarões. Esses governos autóctones consolidaram-se fortemente com o aumento do comércio com a Europa; é claro, os escravos eram o bem mais

¹³ **Augusto Monti** (1881-1966): foi um escritor, professor e político italiano. Um forte oponente de fascismo desde o seu início, foi preso pelo regime. No segundo pós-guerra tornou-se um representante de destaque do mundo da literatura italiana e da pedagogia. (Nota da **IHU On-Line**)

precioso. O último dos grandes Reinos da costa foi o de Benin, que atingiu seu máximo esplendor na virada entre os séculos XV e XVII. Dirigidos por soberanos integérrimos (Obá), este Estado, com forte marca legalista, estava perto do vasto delta do Níger, e estendeu-se por uma área de floresta tropical densa de cerca de 300 mil quilômetros quadrados. Entre os legados deixados ao mundo existem preciosas obras de arte. À luz deste breve e aproximativo panorama histórico impõem-se algumas reflexões.

Em primeiro lugar deve ser reconhecida a dignidade dos Estados africanos antigos, expressão de um poder político e cultural muito mais vasto e articulado de quanto superficialmente se possa imaginar. O exercício do governo era feito pelas classes hegemônicas, às vezes dinastias, que tinham sob seu comando um aparato militar e um aparato burocrático capaz de recolher e administrar os impostos dos súditos. É verdade que a organização política dos Reinos não se espalhou uniformemente em todo o continente, dada a multiplicidade de “Estados sem Estado”, ou seja, pequenos grupos tribais de agricultores sem normas estatutárias. Mas também é verdade que se estabeleceu, gradualmente, uma relação entre a África e a Europa devido ao crescente comércio. Mercadoria de troca privilegiada era o precioso “lenho de ébano”, assim chamados, em código, os escravos, juntamente com as armas de fogo que desempenhavam papel principal, como hoje, aliás, para a conquista e controle do poder.

Antes da epopeia colonial do século XIX, sobre os 30.258.010 quilômetros quadrados do continente africano não reinava a anarquia; no bem e no mal, houve formas de governo despótico sobre todo o território. É verdade que as elites locais, de fato, legitimaram a escravidão, sacrificaram o próprio povo, em vista de ganhos iníquos. A escravidão foi uma vergonha para todos: para os comerciantes europeus, escravagistas, que compravam sem escrúpulos a mercadoria humana, e para os chefes africanos que trocaram milhões de jovens por rum, aguardente, pólvora e armas. Mas essas elites pagaram, elas mesmas, um altíssimo preço, porque foram esmagadas, uma a uma, pelas potências coloniais: o último governante dos Ashantis rendeu-se em 1896, para uma força expedicionária vinda do mar para transformar seu Reino em uma colônia da coroa britânica.■



**ASSLNH**
ASSOCIAÇÃO DOS SENEGALESSES
DE SÃO LEOPOLDO E NOVO HAMBURGO

**A realidade dos Senegaleses
no Vale do Sinos.
Roda de conversa com
migrantes do Senegal**

24 de agosto (quinta-feira) | 15h30min
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Unisinos | Campus São Leopoldo
ihu.unisinos.br

Os desafios do jornalismo emancipador e seus ecossistemas de informações

Dennis de Oliveira vai a Paulo Freire para refletir sobre como produzir narrativas noticiosas que subvertam a lógica do consumo e do reducionismo da polarização de vozes

João Vitor Santos

O jornalismo tem que ouvir os dois lados da história. Mas há apenas dois lados? As sentenças revelam duas perspectivas: uma orientada pela lógica de mercado e a outra com vistas à informação integral. Essa segunda é o objeto de estudo do professor e jornalista Dennis de Oliveira. Pensando num jornalismo emancipador, ele aproxima o campo da comunicação às ideias do educador Paulo Freire. “Uma coisa que é evidente neste jornalismo hegemônico é que alguns falam e a grande massa apenas escuta – na mesma perspectiva da educação bancária de que fala Paulo Freire”, analisa. “A ideia que defendemos é que um jornalismo emancipador deve se constituir na construção de uma narrativa que se construa a partir de um ‘ecossistema de informações’ privilegiando a pluralidade de saberes”, indica.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Oliveira reconhece que não é fácil “reposicionar as técnicas de captação jornalística, transformando-as em dimensões essencialmente dialógicas”. Muitos desafios residem no enfrentamento da mídia hegemônica, que trata a informação como produto e o leitor como consumidor. Mas não são

os únicos. “Mesmo a imprensa alternativa e popular que se propõe a ser um contraponto à imprensa hegemônica também tem dificuldades de se aproximar desta perspectiva”, aponta. Segundo o professor, porque se limitam ao “jornalismo instrumental”. “Alguns jornais de partidos de esquerda e de movimentos sociais e sindicatos estão mais preocupados com a perspectiva difusionista que de formação de um novo sujeito”, diz. Ele desafia os cursos de comunicação a “apontar estas novas perspectivas de construção do texto jornalístico para estabelecermos um confronto paradigmático com o que está estabelecido no jornalismo atual”.

Dennis de Oliveira é professor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP. Possui graduação em Jornalismo, mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela USP. Trabalha com comunicação popular e é professor do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da EACH/USP e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Faculdade de Direito da USP.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que associações e dissociações podem ser feitas entre os campos da educação e do jornalismo? Como cada uma das áreas articula a ideia de informação e formação?¹

¹ **Paulo Freire** (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo

Dennis de Oliveira – As associações podem ser realizadas na perspectiva do perfil de sujeito que se deseja

governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). É autor de *A Pedagogia do Oprimido*, entre outras obras. A edição 223 da revista **IHU On-Line**, de 11-6-2007, teve como título *Paulo Freire: pedagogia da esperança* e está disponível em <http://bit.ly/ihuon223>. (Nota da **IHU On-Line**)

para um determinado paradigma de sociabilidade. O jornalismo, nos seus primórdios, projetava o sujeito auto-centrado, racional, do Iluminismo, o cidadão que necessitava estar conectado com o processo da destruição criadora da aventura da modernidade, daí a ideia de Tobias Peucer² na primei-

² **Tobias Peucer**: foi, em 1690, o autor da primeira tese sobre Jornalismo apresentada em uma

ra tese sobre jornalismo de 1695, defendida na Universidade de Leipzig, “Relatos Jornalísticos”, que apontava que o ser humano da modernidade tinha a demanda pela atualização e o jornalismo atendia esta demanda. Com o tempo, com a incorporação do jornalismo às estruturas mercantis, a projeção do sujeito do jornalismo é a do consumidor. Não é um autocentramento na perspectiva da capacidade de racionalização, mas sim da capacidade de inserção na sociedade de consumo.

A educação tem uma trajetória semelhante, embora trabalhe com uma outra perspectiva de narrativa e de tempo (o jornalismo é o compartilhamento de imediatidades, como afirma Adelmo Genro Filho³; a educação se situa no campo das grandes narrativas). A educação se centra na cristalização da grande narrativa da Ciência como forma de apropriação do conhecimento da realidade, porém a educação também tem o papel ideológico de interpelar um sujeito que se conforme com as estruturas sociais – o que é uma pessoa educada se não aquela que obedece a normas, regras? Por isto, a escola é uma instituição cujas regras e hierarquias são rígidas e o trânsito por ela passa pela restrita obediência a estas regras e hierarquias. Ambas trabalham com disseminação de informação para formar determinados tipos de sujeitos. O que importa é perceber as suas singularidades e como ambas cumprem papel de cristalizar ideologias.

IHU On-Line – Na França, o jornalismo surgiu associado a partidos políticos e com objetivo de fazer circular as ideias

universidade. Originário de Görlitz, estudou na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Estudou Medicina e Teologia, mas seu trabalho mais marcante foi mesmo na área da Comunicação. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Adelmo Genro Filho** (1951-1988): jornalista, teórico e político brasileiro. Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Sua dissertação resultou na publicação do livro *O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*, uma das principais referências sobre teoria do jornalismo na América Latina. Lecionou na UFSC, onde o centro acadêmico do curso de Jornalismo é batizado com seu nome. (Nota da **IHU On-Line**)

enquanto agente político. Quando e por que o jornalismo assume outra perspectiva e vira um negócio? E qual o peso da matriz norte-americana nesse processo?

Dennis de Oliveira – Fundamentalmente quando o capitalismo se consolida como regime e a burguesia passa de uma classe revolucionária para uma classe conservadora (para conservar o seu poder). A entrada do capitalismo na sua fase industrial, estabelecendo padrões produtivos, fragmentando e especializando as etapas produtivas criando o que Marx⁴ chama de alienação do produtor em relação à mercadoria produzida, e a edificação da chamada sociedade de massas foram as condições em que transfiguraram o jornalismo da sua fase do esclarecimento para a fase mercantil.

O jornalismo dos EUA foi paradigmático ao estabelecer padrões produtivos da notícia que se adequaram a este modelo industrial, principalmente com as técnicas de captação e redação dos textos jornalísticos, a separação aparente de informação e opinião, as técnicas de paginação e design, entre outros. Isto se transformou em um paradigma para a produção jornalística em todo o mundo; entretanto, o que ocorreu foi que o modelo norte-americano foi a sistematização de um processo produtivo que se adéqua a uma realidade social. Só foi possível esta transfiguração do jornalismo para a fase mercantil com as mudanças na sociedade capitalista.

⁴ **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173IFhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista **IHU On-Line**, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <https://goo.gl/7aYkWZ>. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da **IHU On-Line**, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Quais os limites do “jornalismo-negócio”?

Dennis de Oliveira – Atualmente, o jornalismo-negócio passa por uma tremenda crise por vários motivos. O primeiro, e mais importante, é a crise do modelo institucional da democracia liberal, uma vez que o capitalismo se organiza por redes de células produtivas espalhadas em todo o globo, dando um poder desmesurado das grandes corporações transnacionais, muitas vezes acima dos próprios Estados nacionais – é o que chamamos no nosso livro de “Ação Direta do Capital”.

O segundo é uma dessacralização, uma perda da “aura” das tecnologias produtivas da comunicação midiática, com a disseminação das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs que permite que qualquer pessoa possa disseminar informações por meio das redes sociais – o jornalista perdeu o monopólio de trazer a informação. O terceiro é a nova configuração da indústria midiática em que as empresas que concentram o gerenciamento das informações (produzidas por outros) dominam o mercado, como é o caso do Google e Facebook. Segundo dados recentes, apenas 8% do total do capital do setor de mídia é destinado à produção de conteúdo, o restante é para manter os suportes tecnológicos, produção de software etc.

O quarto, produto de tudo isto, é uma perda crescente da credibilidade social do jornalismo uma vez que cada vez mais os cidadãos percebem as vinculações da indústria midiática com as estruturas de poder. Daí então que o jornalismo-negócio vai perdendo espaço. As empresas de mídia mantêm produções jornalísticas para manter um certo status ou então as instrumentalizam para pressões junto a estruturas de poder, mas é muito mais lucrativo investir em outros produtos midiáticos, como entretenimento.

IHU On-Line – Como, ao longo da história, o jornalismo vai se constituindo como parte de

uma estrutura que alicerça o poder, tanto político como econômico?

Dennis de Oliveira – O jornalismo sempre foi produto de uma determinada estrutura social. Esta aparente “independência” que ele tinha em relação às instituições do poder político obedecia a uma demanda de uma determinada estrutura social que estava se consolidando, a democracia liberal. Como o capitalismo hoje pressiona para a relativização dos valores liberais, a instituição jornalística também vai neste sentido. Por exemplo, se observarmos no campo do jornalismo econômico, o discurso da ortodoxia econômica praticamente se impõe como uma narrativa absoluta, inquestionável, e as críticas que se estabelecem se dão a partir deste paradigma.

Como diz Daniel Hallin⁵, no jornalismo há uma esfera do consenso, da controvérsia admitida e do desvio. As controvérsias admitidas são aquelas que não se contrapõem aos valores hegemônicos. No caso da economia, é uma narrativa desviante e, portanto, excluída da perspectiva do jornalismo hegemônico, uma visão econômica contrária aos interesses do grande capital. O que ocorre atualmente é que com a crise do modelo da democracia liberal, este discurso totalizante do jornalismo fica muito mais evidente, chegando a uma assertividade tamanha em que a esfera da argumentação se transforma em espaço de ataques e ofensas. As fontes (em todas as editorias) são sempre as mesmas, as pautas se repetem e temos uma narrativa autorreferente, que se fecha em si própria.

IHU On-Line – Qual o espaço

⁵ **Daniel C. Hallin**: Ph.D. em Ciência Política, Universidade da Califórnia, Berkeley. Suas pesquisas são voltadas ao jornalismo, à comunicação política e à análise comparativa dos sistemas de mídia. Já se dedicou a pesquisar sobre a mídia e a guerra, incluindo o Vietnã, a América Central e a Guerra do Golfo. Ele escreveu sobre a cobertura televisiva das eleições, demonstrando a diminuição da “mordida sonora” e oferecendo uma interpretação do seu significado para o jornalismo político e em ascensão e declínio do profissionalismo jornalista nos Estados Unidos. Nos últimos anos, tem sua atenção voltada para a análise comparativa dos sistemas de mídia, concentrando-se na Europa Ocidental e na América Latina. (Nota da **IHU On-Line**)

do jornalismo na constituição de uma sociedade democrática? E como o senhor observa a forma como esse espaço é exercido pelo jornalismo no Brasil ao longo da história do país?

Dennis de Oliveira – A democracia em países da periferia do capitalismo, como o Brasil, se expressa pelo que Étienne Balibar⁶ chama de *egaliberté*, isto é, a articulação de igualdade e liberdade. Pensar em liberdade significa igualdade, pois não há liberdade possível sem que os indivíduos possam expressar o justo direito de reivindicar a igualdade plena e vice-versa. Esta é a grande contradição da luta democrática no Brasil: o campo da liberdade e da igualdade estão necessariamente interligados. Neste sentido, o jornalismo como atividade que se cristaliza pela defesa do direito da liberdade (princípio do liberalismo) só será efetivamente uma instituição em defesa da democracia se defender também os direitos à igualdade. E este é o grande xis da questão, pois as empresas midiáticas, propriedades de grupos tradicionais e conservadores no Brasil, defendem a democracia de forma parcial, pois são contrárias à redistribuição de renda e, portanto, da igualdade social.

Estes mesmos jornais que bradam a todo o instante pela “liberdade de imprensa” defenderam o golpe militar de 1964 que instalou uma ditadura sangrenta no Brasil. Por quê? Por medo do crescimento dos movimentos sociais e populares nos anos 1960. Também defenderam o golpe parlamentar-judicial-midiático de agosto de 2016, que destituiu uma presidenta legitimamente eleita, por defenderem a adoção de medidas como a retirada dos direitos

trabalhistas aprovada recentemente no Congresso Nacional. Este mesmo jornalismo que defende a “liberdade” é contra as ações afirmativas e cotas raciais, apesar da população negra brasileira historicamente ser excluída pelo racismo estrutural.

Neste sentido, embora haja pontualmente ações de repórteres e jornalistas desta mídia hegemônica que cumpriram e cumprem um papel importante no esclarecimento da sociedade, cada vez menos vejo possibilidades de que este jornalismo hegemônico possa contribuir para a construção da democracia. Pelo contrário, a tendência ao golpismo, ao autoritarismo, à submissão vergonhosa a interesses particulares de grandes grupos econômicos é cada vez maior. Veja o caso do jornalismo esportivo – os interesses comerciais da Globo e os seus vínculos com esquemas inclusive ilícitos da cartola-gem do futebol e de outros esportes praticamente transformou o jornalismo esportivo desta emissora em promotora dos eventos esportivos, centrando na cobertura anódina da vida das celebridades esportivas, inexistência de reportagens sobre as falcatruas deste meio, entre outros.

IHU On-Line – A partir dos princípios de Paulo Freire, no que consiste um “jornalismo libertador”?

Dennis de Oliveira – Uma coisa que é evidente neste jornalismo hegemônico é que alguns (um círculo restrito de pessoas que se legitimam como celebridades em todas as áreas) falam e a grande massa apenas escuta – na mesma perspectiva da educação bancária de que fala Paulo Freire. A ideia que defendemos é que um jornalismo emancipador deve se constituir na construção de uma narrativa que se construa a partir de um “ecossistema de informações” privilegiando a pluralidade de saberes vividos e não apenas a ideia cartesiana de “ouvir os dois lados”, que é produto de uma lógica binária de favor/contra, certo/errado etc.

Penso que Paulo Freire não é ape-

nas um teórico da educação, mas um pensador com uma episteme extremamente sofisticada que tem como centro que o processo de conhecimento é construído coletivamente. Por isto, é preciso repositonar as técnicas de captação jornalística, transformando-as em dimensões essencialmente dialógicas, na discussão das pautas transcendendo as agendas institucionais e, fundamentalmente, no compromisso ético do jornalismo que é a construção da democracia, entretanto na perspectiva da *egaliberté* de Ballibar. Por tudo isto que vejo pouca ou nenhuma possibilidade de um jornalismo como este ser praticado na mídia hegemônica, a não ser de forma episódica.

IHU On-Line – Quais os desafios para promover hoje um jornalismo mais próximo à ideia freireana de libertação? O senhor conhece algumas experiências que promovem essa forma de jornalismo?

Dennis de Oliveira – Eu vejo pouquíssimas possibilidades de ele ser realizado na mídia hegemônica que, por conta da crise, tem reduzido os investimentos na produção de conteúdo. Os jornalistas sofrem com uma brutal pressão nas redações, sendo obrigados a dar conta de inúmeras pautas, pressões ideológicas e econômicas, baixos salários, assédio moral, entre outras. A monopolização permitiu que a categoria profissional fosse submetida a este grau de pressão e também à precarização. Aquele jornalista engajado com sua pauta, que é muito comum em filmes, que vive sozinho, é boêmio e tem um comportamento messiânico em busca da verdade e contra os poderes não existe mais.

Interessante que vários super-heróis eram jornalistas: Superman (Clark Kent, repórter do Planeta Diário, que, aliás, nunca aparece fazendo nenhuma reportagem), Homem Aranha (o fotógrafo Peter Parker) e o Tintim (que também mais se mete em aventura do que faz reportagem).

Hoje, o jornalista é um profissional que luta pela sua sobrevivência, fazendo inúmeros bicos, trabalhando em várias empresas, sofrendo pressões de todo o tipo. Está mais para um participante de um reality show tipo *Survivor* que o Super-Homem.

Entretanto, mesmo a imprensa alternativa e popular que se propõe a ser um contraponto à imprensa hegemônica também tem dificuldades de se aproximar desta perspectiva porque, em muitos momentos, tem uma ideia instrumental de jornalismo. Alguns jornais de partidos de esquerda e de movimentos sociais e sindicatos estão mais preocupados com a perspectiva difusionista que de formação de um novo sujeito que está no centro das ideias freireanas. E copiam os mesmos modelos de captação de informação, de edição e de pautas da imprensa hegemônica e o fazem de maneira pior, pois não tem a expertise e a estrutura das empresas midiáticas.

Papel da universidade

Ainda assim, existem experiências de jornalismo que se aproximam desta ideia. No meu livro, analiso duas reportagens, uma publicada na Folha de S. Paulo, sobre o trabalho escravo, produzida pela jornalista Elvira Lobato⁷, e outra do jornal comunitário feito pelos alunos de jornalismo da USP, o “Notícias do Jardim São Remo”, feito pela então estudante Amanda Manara, sobre a estética feminina. Eu acredito que é necessário, nas faculdades de jornalismo, que nós professores comecemos a apontar estas novas perspectivas de construção do texto jornalístico para estabelecermos um confronto paradigmático com o que está estabelecido no jornalismo atual.

⁷ **Elvira Lobato:** jornalista brasileira, trabalhou na Folha de S. Paulo por 25 dos 39 anos em que atuou como jornalista; aposentou-se no início de 2012. Venceu alguns dos principais prêmios de jornalismo no Brasil, com destaque para o Prêmio Esso, que lhe foi concedido por uma reportagem de 2007 sobre o crescimento do patrimônio da Igreja Universal. A reportagem a fez ser alvo de 66 processos movidos por pessoas que se declararam pastores da igreja; organizações profissionais de jornalismo denunciaram nesses processos uma tentativa de intimidar a jornalista. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – O jornalismo de hoje se anuncia como voz da sociedade, mas em que medida ele reproduz apenas ideias de uma parcela da população brasileira, os anseios de uma classe média? Até que ponto, de fato, dá voz “ao oprimido”?

Dennis de Oliveira – O jornalismo hoje está articulado com este modelo de cidadão-consumidor. Neste modelo, não existe democracia e sim mercado. Não há ideologia e sim mercadoria. E não há cidadão, há consumidor. Por isto, há uma má vontade com os movimentos sociais, não só pelas bandeiras que eles defendem, mas principalmente porque eles apontam para um tipo de sociabilidade que vai na contramão deste modelo – uma sociabilidade que resgata os valores da democracia, da ideologia e da cidadania. Veja que em geral não se trata nem de criticar ideologicamente as propostas destes movimentos, mas em criminalizá-los, em ressaltar os “prejuízos” que eles causam aos “consumidores”.

Por exemplo, uma passeata de professores é coberta pelo jornalismo hegemônico como um problema para o trânsito, para o deslocamento das pessoas na cidade e nunca os motivos de tal passeata, quais as reivindicações dos manifestantes etc. Mesmo que tal agenda dos manifestantes fosse avaliada criticamente se for o caso. Não, há de antemão uma criminalização, uma desqualificação da ação em si porque ela sinaliza para uma sociabilidade distinta do que se aponta nesta perspectiva da sociedade de consumo.

Ora, tal perspectiva centrada em um individualismo exacerbado, em um sujeito autarquizado encontra fortes ecos em setores da classe média que também é potencial consumidora dos anunciantes do jornalismo. Mas veja só: professores da passeata também são consumidores, mas eles são interpelados enquanto sujeitos consumidores e não como professores que lutam pelos seus direitos. E mais: nos últimos anos tivemos um ingresso significativo de setores da periferia, da classe traba-

lhadora, no universo de consumo. Mas quais são os produtos jornalísticos oferecidos pela indústria midiática a este público da periferia? Jornais sensacionalistas, notícias policiais, lúgubres, entre outros. Experiências importantes protagonizadas por estas pessoas, como projetos de economia popular e solidária, cultura comunitária, entre outros, não estão na agenda do jornalismo hegemônico.

Se o jornalismo hegemônico ignora a existência destas experiências societárias, imagina só se ele vai levar em consideração que existe um processo sistêmico de opressão e vai dar voz ao oprimido... Isto está fora dos horizontes deste jornalismo. O pior é que muitos profissionais compram esta visão. Um dia participei de um debate sobre jornalismo e periferia com um jornalista da Folha de S. Paulo na Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM e o cara, com aquele estilo irônico, *blasé* e um tanto arrogante que caracteriza muito os profissionais que compram a ideologia deste jornal, disse que para cobrir a periferia é necessário saber o que é ZEIS (Zona Especial de Interesse Social, um conceito de gestão urbana). E, olha, este não é dos piores, imagina só como são outros. Como diria Paulo Francis⁸ (nos seus bons tempos), “valha-me Deus!”

IHU On-Line – A internet potencializa o “jornalismo libertador”, voltado para autonomia cidadã, ou reforça o “jornalismo-negócio”?

Dennis de Oliveira – A internet é um suporte tecnológico, assim ela pode tanto potencializar um tipo ou outro. Não tenho nem uma visão apocalíptica da internet e nem tampouco que ela vai salvar o mundo. Penso que é um suporte tecnológico que favorece determinadas narrativas, determinadas estéticas e tipos

de codificação e decodificação. A maior empresa de mídia do mundo é da internet, é o Google que estabeleceu um modelo de negócio que tem crescido no mercado midiático que é intermediar informações e, com base nisso, estabelecer perfis de preferências que são vendidos para propagandas direcionadas.

Este novo modelo de negócio do mercado midiático é potencializado pela internet. Neste sentido, o jornalismo-negócio se aproxima daquilo que chamamos de customização produtiva. Para os projetos de jornalismo emancipatório, a internet oferece uma grande vantagem que é o custo baixo e o fácil manuseio dos suportes tecnológicos. Por isto, é preciso entender como *hackear* este suporte que possibilita este novo modelo de negócio para instrumentalizá-lo a favor de um outro jornalismo. Temos algumas experiências interessantes, como a “Rede de Jornalistas da Periferia” em São Paulo, uma experiência de coletivo de jornalistas da periferia que trabalham de forma colaborativa, utilizando a internet.

IHU On-Line – Quais os limites tanto da dita mídia hegemônica como da mídia alternativa para, de fato, apreender a complexa e diversa massa que genericamente se tipifica como sociedade? E como as inspirações de Paulo Freire podem contribuir para que se observe e de fato se promovam reflexões sobre as complexidades do mundo?

Dennis de Oliveira – A mídia hegemônica é limitada pelas perspectivas societárias que já comentei anteriormente. Para a mídia alternativa, o grande problema é entender que a circulação de informação hoje é muito mais intensa, a precarização crescente do mundo do trabalho fragmentou os espaços de construção da identidade de classe trabalhadora e os conflitos sociais se deslocam de espaço, se manifestam nas lutas por direitos sociais, nas ba-

talhas pelo reconhecimento identitário de raça, gênero, entre outros.

A episteme de Paulo Freire que aponta para a radicalização da dialógica é uma possibilidade interessante de articular esta diversidade de lutas dentro de uma unidade em busca de um outro mundo. Assim, o jornalismo emancipatório pode ser um espaço interessante de sistematização destas experiências.

IHU On-Line – Como o senhor observa as faculdades de jornalismo hoje? Qual deve ser o papel das escolas de comunicação na formação de “jornalistas mais humanizados” e menos pautados pela tecnologia?

Dennis de Oliveira – As faculdades de jornalismo estão sofrendo o impacto da imposição do modelo de uma universidade operacional em que se propõe a formação de um profissional multitarefa e que tenha competência e habilidade para responder de forma astuta e criativa demandas propostas pelo capital. A lógica daquele programa que era comandado pelo Roberto Justus⁹ chamado “Aprendiz” é o ideal buscado pelo ensino superior. O método que está sendo implantado em vários cursos do PBL (“Problem Based Learning”, aprendizado baseado em problemas) é a expressão maior disto. Critica-se o ensino tradicional que é chamado de “conteudístico” – e inclusive usam de forma totalmente deturpada o conceito de educação bancária de Paulo Freire – e propõe esta metodologia tida como inovadora.

Há quase que uma campanha contra a teoria, contra o ensino prope-dêutico. Ora, a situação que vivemos atualmente tem um grau de complexidade tão alto que somente com grande repertório teórico e conceitu-

⁸ **Paulo Francis** (1930-1997): Franz Paul Trannin da Matta Heilborn, ou apenas Paulo Francis, foi um jornalista, crítico de teatro, diretor e escritor brasileiro. Trabalhou em vários jornais, entre eles, Última Hora, O Pasquim, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Roberto Luiz Justus** (1955): administrador, publicitário, empresário, apresentador de televisão brasileiro. O sucesso nos negócios levou o empresário para a TV, na qual, em 2004, iniciou uma carreira como apresentador do reality show *O Aprendiz*. Comandava o talk show *Roberto Justus+*. Atualmente apresenta Reality show de famosos. (Nota da **IHU On-Line**)

al é possível compreendê-lo e atuar. Um jornalista necessita conhecer profundamente a realidade brasileira, estas modificações que estão sendo impostas aos paradigmas de sociabilidade, os impactos no cotidiano, para poder compreender com profundidade o contexto e, assim, poder estabelecer os processos discursivos dos agentes envolvidos em cada evento factual. Querer transformar as faculdades de jornalismo em meros centros de treinamento tecnológico é uma impossibilidade, pois as tecnologias de informação e comunicação avançam de tal maneira que é impossível qualquer instituição poder acompanhar.

Além disto, a apropriação destas tecnologias é desigual, se há instituições que usam os mais sofisticados e modernos suportes, outros, por falta de recursos, ainda usam os mais antigos. E isto não significa que a qualidade da informação é menor em um ou outro. As faculdades de jornalismo têm que formar JORNALISTAS e não FAZEDORES DE JORNAL. Em outras palavras, as faculdades têm que ser espaços de reflexão sobre o papel social do jornalista, as questões éticas, entre outras. Em suma, resgatar a autonomia intelectual do profissional que vem sendo aviltada fortemente em nome de uma perspectiva societária que esgotou totalmente as suas possibilidades civilizatórias.

IHU On-Line – O senhor trabalhou com Paulo Freire. Gos-

taria que contasse um pouco dessa experiência e analisasse como seus ideais partem da educação, mas adquirem aplicações nas mais diversas áreas, como a comunicação, por exemplo?

Dennis de Oliveira – Eu era professor do programa de Educação de Jovens e Adultos em 1989, quando Paulo Freire assumiu a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo na gestão da prefeita Luiza Erundina¹⁰. Houve uma grande transformação no programa que antes era um projeto social da Secretaria de Bem-Estar Social. Passou a integrar o sistema municipal de educação e, para tanto, tivemos que nos capacitar como professores do ensino fundamental (éramos “monitores”) e fizemos um curso com Paulo Freire, Pedro Pontual¹¹ e muita gente fantástica da equipe.

Foi a partir daquele momento que decidi definitivamente ser professor. O que me impressionou muito em trabalhar sob a direção de Freire foi a paixão pela educação, pela

formação de um novo sujeito, pelo compromisso real com a dialogia nas práticas pedagógicas. Mais tarde, relendo as suas obras, percebi que ali não se tratava apenas de uma teoria educativa, mas de uma proposta epistêmica que pode ser aplicada a vários outros campos. Vi também a influência que ele exerceu em outros intelectuais latino-americanos, como o psicólogo Ignácio Martín-Baró¹² e o educador Oscar Jara¹³.

Baró defendia que o papel dos intelectuais comprometidos com a transformação é a “desideologização” dos processos cotidianos que naturalizam sistemas de opressão. Oscar Jara, com o seu método de pesquisa intitulado “sistematização das experiências” nos convida para uma reflexão coletiva sobre os processos sociais, com as perguntas *por que as coisas se passaram como se passaram e por que não se passaram de forma distinta*. Este estímulo à reflexão, à fala, à narrativa a partir destas questões recoloca o sujeito, seja quem for, na práxis – no agir e pensar. O jornalismo emancipador é uma sistematização destas experiências. ■

¹⁰ **Luiza Erundina de Sousa** (1934): assistente social e Deputada Federal pelo estado de São Paulo, pelo PSol. Foi Coordenadora-Geral da coligação Unidos pelo Brasil, que lançou Marina Silva como candidata à Presidência da República, em 2014. Ganhou notoriedade nacional quando foi eleita a primeira prefeita de São Paulo e representando um partido de esquerda, o PT, em 1988. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Pedro Pontual**: possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, mestrado e doutorado em Educação também pela PUC. É presidente honorário do Conselho de Educação Popular da América Latina. Tem experiência na área de educação, com ênfase na área de educação popular, atuando em temas como educação para a cidadania, políticas públicas, gestão democrática e participação social. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Ignacio Martín-Baró** (1942-1989): foi um psicólogo e sacerdote jesuíta espanhol que dedicou a maior parte de sua vida a pesquisar as desigualdades sociais e a realidade política de um pequeno país da América Latina, El Salvador, onde lecionou na Universidade Centroamericana “José Simeón Cañas” (UCA). Foi responsável para o Departamento de Psicologia e Educação e vice-chanceler, fundou um instituto prestigioso da opinião pública, o IUDOP. (Nota da **IHU On-Line**)

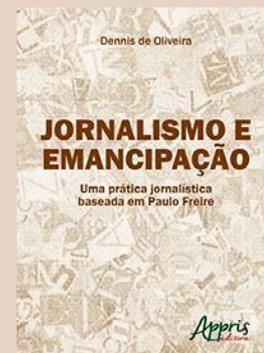
¹³ **Oscar Naranjo Alfredo Jara** (1905-1963): foi um professor e político chileno, militante do Partido Socialista chileno (PS). Foi deputado entre 1961 e 1965. (Nota da **IHU On-Line**)

Referência

Título: *Jornalismo e Emancipação. Uma Prática Jornalística Baseada em Paulo Freire*

Autor: *Dennis de Oliveira*

Editores: São Paulo: Appris, 2017.



Lemas para o bicentenário de Thoreau: simplifique e desobedeça

Eduardo Vicentini de Medeiros

“Thoreau faz parte de um grupo seletivo de autores que formataram o Transcendentalismo Americano na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX. Partilharam não apenas uma localização geográfica e espiritual particular, como um ímpeto reformista que deixou marcas no peculiar cristianismo liberal da Igreja Unitarista, nos experimentos associativistas de Brook Farm e Fruitlands, na luta antiescravista, na crítica ao ímpeto expansionista anterior à Guerra Civil”, escreve Eduardo Vicentini de Medeiros, ao apresentar o tema aos leitores da IHU On-Line.

Eduardo Vicentini de Medeiros é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde também realizou mestrado e doutorado na área de Filosofia. Atualmente realiza estágio pós-doutoral PNPd Capes no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, no Laboratório de Filosofia Experimental e Estudos da Cognição.

Eis a apresentação.

Henry David Thoreau (1817-1862) faz parte de um grupo seletivo de autores, junto com Ralph Waldo Emerson¹, Amos Bronson Alcott², Orestes Brownson³, George Ripley⁴, Margaret Fuller⁵, Elizabeth Palmer Peabody⁶ e Frederic Henry Hedge⁷, que formataram o Transcendentalismo Americano⁸ na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX. Partilharam não apenas uma localização geográfica e espiritual particular, como um ímpeto reformista que deixou marcas no peculiar cristianismo liberal da Igreja Unitarista, nos experimentos associati-

¹ **Ralph Waldo Emerson (1803-1882)**: foi um famoso escritor, filósofo e poeta estadunidense. Fez seus estudos em Harvard para se tornar, como seu pai, ministro religioso. Foi pastor em Boston mas interrompeu essa atividade por divergências doutrinárias sobre a eucaristia. Em 1833 viaja pela Europa e encontra Mill, Coleridge, Wordsworth e Carlyle, cultivando uma profunda amizade com este último. De volta aos Estados Unidos, começou a desenvolver sua filosofia “transcendentalista”, exposta em obras como *Natureza, Ensaios e Sociedade e solidão*. (Nota da IHU On-Line)

² **Amos Bronson Alcott (1799-1888)**: foi um pedagogo e pedagogista americano. Amigo de Ralph Waldo Emerson e de Henry David Thoreau, devotou muito de sua vida à educação. Nos anos de 1840, Alcott ajudou a fundar duas cooperativas comunitárias – Brook Farm e Fruitlands. Esta última era uma comunidade vegetariana onde os membros evitavam até sapatos de couro. Durou muito pouco, menos de um ano e nem chegou ao inverno de 1844. (Nota da IHU On-Line)

³ **Orestes Augustus Brownson (1803-1876)**: foi um intelectual e ativista da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos. Ele fez parte do grupo ligado ao Transcendentalismo Americano, tendo se convertido posteriormente ao catolicismo. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **George Ripley (1802-1880)**: foi um reformista e jornalista estadunidense ligado ao Transcendentalismo Americano. Ele foi o fundador de uma comunidade utópica na Brook Farm em West Roxbury, Massachusetts. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Sarah Margaret Fuller Ossoli (1810-1850)**: mais conhecida como Margaret Fuller, foi uma jornalista, crítica e defensora dos direitos da mulher norte-americana associada ao movimento transcendentalista americano. Foi a primeira crítica literária de jornalismo, do sexo feminino e a tempo inteiro, nos Estados Unidos. O seu livro *Woman in the Nineteenth Century* é considerado o primeiro trabalho literário feminista nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **Elizabeth Palmer Peabody (1804-1894)**: foi uma educadora americana que abriu o primeiro jardim de infância de língua inglesa nos Estados Unidos. Muito antes da maioria dos educadores, Peabody abraçou a premissa de que o jogo infantil tem um valor intrínseco de desenvolvimento e educação. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Frederic Henry Hedge (1805-1890)**: foi fundador do Transcendental Club, originalmente chamado de Hedge’s Club. Além disso foi um ativo desenvolvedor das ideias do Unitarismo e do transcendentalismo, sendo reconhecido como um dos mais famosos professores de literatura germânica nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Transcendentalismo Americano**: Movimento literário, político e filosófico com forte influência tanto do Romantismo Inglês e Alemão como do Idealismo kantiano e pós-kantiano. Originalmente esteve ligado à Igreja Unitarista desenvolvendo sua tese central a respeito da nossa semelhança a Deus por oposição à depravação intrínseca da natureza humana apregoada pelo Puritanismo. (Nota da IHU On-Line)



vistas de Brook Farm e Fruitlands, na luta antiescravista, na crítica ao ímpeto expansionista anterior à Guerra Civil, e também na produção literária de autores fundamentais como Daniel Hawthorne, Herman Melville⁹, Walt Whitman¹⁰ e Edgar Allan Poe¹¹.

Em razão da popularidade e aceitação crítica de *Walden* (Porto Alegre: LP&M, 2010), e da repercussão política do ensaio *A Desobediência Civil* (Porto Alegre: LP&M, 2010), Thoreau assegurou seu lugar ao sol no meio universitário do Grande Irmão do Norte, sendo presença garantida nos currículos de Literatura e Estudos Americanos. Aos poucos, e não sem resistência, Thoreau também tem despertado atenção nos departamentos de Filosofia, não apenas na América do Norte e Europa como também em outros quadrantes do continente americano.

Preparamos para esta edição cinco entrevistas exclusivas, com perguntas especialmente direcionadas aos interesses de cada um de nossos convidados. Três deles ilustram exemplarmente o interesse dos filósofos pelos textos de Thoreau. Começando por Stanley Bates, professor emérito do Middlebury College, que tem publicado generosamente nos últimos anos, amplificando temas descortinados originalmente por Stanley Cavell¹² – um dos principais responsáveis pela divulgação de Thoreau na comunidade filosófica norte-americana. Nossas perguntas para o professor Bates procuraram captar alguns dos temas que Cavell identifica em Thoreau e Emerson, como a influência da poesia romântica e do Idealismo Alemão, o peculiar perfeccionismo moral que Cavell atribui a Emerson e Thoreau e também as semelhanças e diferenças com Nietzsche e Marx.

Ainda em território norte-americano, o professor Kelly Dean Jolley, da Universidade de Auburn, em uma longa e inspirada entrevista, nos falou, entre outros temas, sobre sua aproximação entre Thoreau e Wittgenstein¹³, o impacto dos textos religiosos do Oriente no Transcendentalismo Americano e os contextos de desobediência civil nos Estados Unidos contemporâneo.

Mais perto de nós, conversamos com Paulo Francisco Estrella Faria, professor titular do departamento de Filosofia da UFRGS. Dentre os tópicos da entrevista, destaco a comparação entre Thoreau e Proust¹⁴ sobre o ato da leitura, sua avaliação do papel de Cavell na apropriação filosófica de Thoreau e a crítica de Thoreau à promessa nunca satisfeita da América como um novo Éden.

Aos leitores brasileiros e às leitoras brasileira de língua portuguesa é facultado o prazer de dispor de uma bem cuidada e primorosa tradução de *Walden*. E não poderíamos nos furtar de uma conversa com a responsável pela proeza. Denise Bottmann nos oferece uma série de elementos em suas respostas que enriquecem a leitura atenta dos textos de Thoreau. Para aqueles que querem uma primeira aproximação com Thoreau, aconselhamos a leitura do blog *lendowalden.blogspot.com.br*, que Denise disponibilizou enquanto traduzia a obra.

Por último, conversamos com um dos principais responsáveis pela divulgação e conservação do legado de Thoreau. Jeffrey Cramer, curador da coleção do Instituto Thoreau e editor de várias coletâneas dos seus textos, é um dos mais bem informados e atuantes divulgadores do nosso homenageado. As respostas oferecidas pelo professor Cramer em nossa entrevista são um bom exemplo destas qualidades.

Não poderia deixar de dizer que a presente edição da Revista IHU On-Line é, com toda certeza, um rico repositório de informações sobre Thoreau e servirá de incentivo e diretriz para que possamos aumentar e qualificar os seus leitores atentos em língua portuguesa. ■

⁹ **Herman Melville** (1819-1891): romancista norte-americano, ensaísta e poeta. Escreveu obras como *Moby Dick* e *Bartleby, o escrivão*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Walt Whitman** (1819-1892): foi um poeta, ensaísta e jornalista norte-americano, considerado por muitos como o “pai do verso livre”. Paulo Leminski o considerava o grande poeta da Revolução americana, como Maiakovsky seria o grande poeta da Revolução russa. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Edgar Allan Poe** (1809-1849): escritor, poeta, romancista, crítico literário e editor estadunidense. Poe é considerado, juntamente com Jules Verne, um dos precursores da literatura de ficção científica e fantástica modernas. Algumas das suas novelas, como *The Murders in the Rue Morgue*, *The Purloined Letter* e *The Mystery of Marie Roget*, figuram entre as primeiras obras reconhecidas como policiais, e, de acordo com muitos, as suas obras marcam o início da verdadeira literatura norte-americana. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Stanley Louis Cavell** (1926): filósofo americano e professor emérito de estética a Teoria Geral do valor na Universidade de Harvard. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século 20, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, da filosofia da linguagem e da epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, com exceção de seu primeiro livro: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi lançado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). A edição 308 da **IHU On-Line**, de 14-9-2009, apresenta a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível em <https://goo.gl/HGR6jZ>. A entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, consta na edição 362 da revista **IHU On-Line**, de 23-5-2011, disponível em <https://goo.gl/J0krYa>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **Marcel Proust** [Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust] (1871-1922): escritor francês célebre por sua obra *À la recherche du temps perdido* (*Em Busca do Tempo Perdido*), publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. (Nota da **IHU On-Line**)



VII Colóquio Internacional IHU
CAMINHANDO E DESOBEDECENDO
THOREAU 200 ANOS

29 E 30
 DE AGOSTO
 2017
 UNISINOS CAMPUS
 PORTO ALEGRE

Programação

29 de agosto
14h às 16h – Prof. Dr. Eduardo Vicentini de Medeiros – Unisinos | Minicurso – “Simplifiquem, simplifiquem”- Um retrato de Thoreau
18h às 19h30min – Prof. Dr. Kelly Dean Jolley – Auburn University – EUA | Conferência de abertura: “Aqui estou”: Experiência, Deliberação e Economia em Thoreau
19h30min às 22h – Profa. Dra. Denise Bottmann – Curitiba/PR e Prof. Dr. Flávio Williges – UFSM | Painel “O apelo da Natureza”

30 de agosto
14h às 16h – Prof. Dr. Eduardo Vicentini de Medeiros – Unisinos | Minicurso – “Simplifiquem, simplifiquem” – Um retrato de Thoreau
18h às 19h30min – Prof. Dr. Paulo Francisco Estrella Faria – UFRGS e Prof. Dr. Eduardo Vicentini de Medeiros – Unisinos | Painel “Escrita como prestação de contas e Desobediência Civil”
19h30min às 22h – Prof. Dr. Stanley Bates – Middlebury University – EUA | Conferência de encerramento: Perfeccionismo Moral e Desobediência
ihu.unisinos.br

O sim de Thoreau para o mundo

Stanley Bates chama atenção para o pensamento do escritor que transformou a ode à desobediência em forma de vida

Entrevista e tradução: Eduardo Vicentini de Medeiros | Edição: Ricardo Machado

Se observarmos a obra de Thoreau a partir de sua potência criativa para a constituição de uma forma de vida mais libertária, somos capazes de perceber uma espécie de manifesto de “sim ao mundo”, em contraposição ao “não” das amarras governamentais. Esse exercício é feito a partir da noção de indivíduo, que é muito cara, ao menos desde o século XIX, na constituição das subjetividades das pessoas que vivem nos Estados Unidos. “Quando lemos *Walden*, é, agora, impossível esquecer que ele é um exemplo de ‘filosofia como forma de vida’. E a razão pela qual é impossível esquecer deve-se a Cavell e a uma (pequena) geração de filósofos que tem sido influenciada por ele e que tem explorado Thoreau como um filósofo”, explica o professor e pesquisador Stanley Bates, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Esse modo de relação com o mundo carrega certa ambiguidade. “Para o bem e para o mal, os Estados Unidos sempre tiveram um tipo de autocompreensão mitológica da prioridade e importância do indivíduo. Para o bem – porque isso levou a um arranjo constitucional que estabeleceu uma base legal para os direitos humanos (começando, é claro, com os direitos humanos para os

homens brancos. A evolução moral da Constituição dos Estados Unidos ainda continua agora, e está bastante frágil). Para o mal – porque ela permite uma negação da responsabilidade social quando essa negação é politicamente atrativa”, analisa. “Como todos os principais pensadores do século XIX, Thoreau está lidando com a necessária reorientação dos seres humanos em sua nova situação intelectual na modernidade. Ele tem perfeita consciência da revolução industrial e da nova economia emergente”, complementa Bates, ao relacionar Thoreau e Marx.

Stanley Bates é professor emérito no Departamento de Filosofia da Universidade de Middlebury, em Vermont, nos Estados Unidos. Realizou doutorado na universidade de Harvard, onde trabalhou proxima-mente a John Rawls e Stanley Cavell. Também foi professor na Universidade de Oxford.

O entrevistado profere a conferência **Perfeccionismo Moral e Desobediência**, no dia 29-8-2017, na Unisinos Porto Alegre, a partir das 19h30. A palestra integra o evento **VII Colóquio Internacional IHU – Caminhando e desobedecendo. Thoreau 200 anos**.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como você caracterizaria o papel de Stanley Cavell na difusão dos textos de Thoreau no meio filosófico aca-

dêmico norte-americano?

Stanley Bates – Quando eu era estudante não havia lugar algum para Thoreau no ‘meio filosófico aca-

dêmico norte-americano’. Ele tinha um lugar nos currículos de Estudos Americanos e Literatura Americana. (É claro que naqueles dias quase

não havia lugar para Hegel¹, Marx², Nietzsche³ ou Heidegger⁴ neste meio

1 Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0Fjnp>, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <https://goo.gl/ldAkV>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Karl Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173IFhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista **IHU On-Line**, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <https://goo.gl/7aYkWZ>. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da **IHU On-Line**, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulada Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, dis-

ponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Stanley Louis Cavell (1926): filósofo americano e professor emérito de estética e teoria geral do valor na Universidade de Harvard. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Ralph Waldo Emerson (1803-1882): foi um famoso escritor, filósofo e poeta estadunidense. Fez seus estudos em Harvard para se tornar, como seu pai, ministro religioso. Foi pastor em Boston mas interrompeu essa atividade por divergências doutrinárias sobre a eucaristia. Em 1833 viajou pela Europa e encontra Mill, Coleridge, Wordsworth e Carlyle, cultivando uma profunda amizade com este último. De volta aos Estados Unidos, começou a desenvolver sua filosofia “transcendentalista”, exposta em obras como *Natureza, Ensaio e Sociedade e solidão*. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo. Ele entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Victor Eremita, Johannes de Silêncio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com Alvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-4-2006, da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>. A edição 314 da **IHU On-Line**, de 9-11-2009, tem como tema de capa *A atualidade de Soren Kierkegaard*, disponível em <http://bit.ly/ihuon314>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da **IHU On-Line**, de 16-8-2010, intitulada *Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano*, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <http://bit.ly/ihuon339>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 O Horizonte da Mente, em tradução livre. (Nota do tradutor)

10 Coletânea Beyond Representation - Philosophy and Poetic Imagination (Para Além da Representa-

ção - Filosofia e Imaginação poética) editada por Richard Eldridge em 1996 pela Cambridge University Press. (Nota do entrevistado)

Walden é, agora, impossível esquecer que ele é um exemplo de ‘filosofia como forma de vida’. E a razão pela qual é impossível esquecer deve-se a Cavell e a uma (pequena) geração de filósofos que tem sido influenciada por ele e que tem explorado Thoreau como um filósofo.

“Para o bem e para o mal, os Estados Unidos sempre tiveram um tipo de autocompreensão mitológica da prioridade e importância do indivíduo”

IHU On-Line – O perfeccionismo emersoniano nos oferece alguma perspectiva nova das relações sempre controversas entre literatura de ficção e filosofia moral? A propósito, há previsão de publicação de seu projeto recente “The Unattained but Attainable Self”?

Stanley Bates – Eu creio que o perfeccionismo emersoniano (tal como Cavell o entende) nos auxilia a pensar sobre a relação da literatura com a vida humana, e, portanto, com as preocupações humanas sobre como viver a vida. (Escrevi um artigo sobre este tema com o título ‘Caráter’ no *The Oxford Handbook to Philosophy and Literature*¹².) No final do século XIX e começo do sé-

ção - Filosofia e Imaginação poética) editada por Richard Eldridge em 1996 pela Cambridge University Press. (Nota do entrevistado)

¹¹ “O eu inalcançado, mas alcançável”, expressão utilizada por Emerson em seu ensaio ‘História’ que serve de título provisório para o livro que está sendo escrito pelo professor Bates. (Nota do tradutor)

¹² Coletânea editada por Richard Eldridge, publicada em 2009 pela Oxford University Press. (Nota do entrevistado)

culo XX, quando a filosofia moral no mundo de língua inglesa tornou-se uma especialidade acadêmica, primeiro ela entrou na era da metaética, um beco sem saída (inspirada por várias formas de positivismo) e depois realizou uma avaliação dos principais tipos de teorias – teleológicas e deontológicas – que se concentram nas regras morais prescritivas. (Aliás, penso em Kant como um perfeccionista e não como um rigorista de regras.) Esta última, de fato, é uma parte central crucial da filosofia moral, mas, do ponto de vista do indivíduo, é em grande parte negativa – sobre quais ações são requeridas ou proibidas. Sem dúvida isso é uma parte constitutiva do que Barbara Herman¹³ chama de ‘alfabetização moral’, mas deixa em aberto a questão central para o ser humano individual de como viver sua própria vida. É seguramente o caso que a ficção (certamente na era do romance, mas de fato, muito antes) tem sempre apresentado modelos da vida humana.

A rigor, eu argumentaria que essa tem sido a principal maneira pela qual a diversidade de modos de existir como ser humano vem sendo transmitida para as novas gerações. (Na era do cinema, da televisão, dos *videogames* etc., talvez não seja mais o caso). Incluo nessa noção as várias tradições de sabedoria oral. A relação é complexa, por certo. Raramente uma obra de ficção ensina uma lição moral particular. Há momentos de reflexão moral em algumas das principais obras da tradição europeia, mas a tarefa central da narrativa (na ficção tradicional, que tem o realismo como padrão) é apresentar a complexidade do particular.

Ainda estou trabalhando no meu projeto sobre o *self*, mas o estou colocando em um contexto mais amplo do que é racional para acreditarmos sobre nós mesmos como seres humanos – quem nós somos, de onde

viemos e o que isso implica sobre uma ‘crença última’.

“Quando lemos Walden, é, agora, impossível esquecer que ele é um exemplo de ‘filosofia como forma de vida’”

IHU On-Line – A inexistência de um estágio último de desenvolvimento moral é um dos traços que distinguem o perfeccionismo emersoniano das versões tradicionais do perfeccionismo. Existe alguma relação genealógica entre a “perfectibilité indéfinie de l’homme”¹⁴, descrita por Tocqueville¹⁵ em *De la démocratie en Amérique* como algo próprio do ethos americano, e o “unattained but attainable Self” de Emerson?

Stanley Bates – Para o bem e para o mal, os Estados Unidos sempre tiveram um tipo de auto-compreensão mitológica da prioridade e importância do indivíduo. Para o bem – porque isso levou a um arranjo constitucional que estabeleceu uma base legal para os direitos humanos (começando, é claro, com os direitos humanos para os homens brancos. A evolução moral da Constituição dos Estados Unidos ainda continua agora, e está bastante frágil.) Para o mal – porque ela permite uma negação da responsabilidade social quando essa negação é politicamente atrativa. Veja nossas

discussões nacionais sobre ‘direito de portar armas’ ou sobre o sistema de saúde ou a tentativa atual de apresentar a intrusão de um fanatismo religioso sectário na vida pública como se fosse um exercício de ‘liberdade religiosa’. Naturalmente, como em toda nação, a auto-compreensão mitológica não necessariamente corresponde à realidade social, mas é parte da realidade social. Emerson soma-se a muitos escritores do século XIX nos Estados Unidos que viram a necessidade de uma grande ruptura com as tradições europeias; ele tentou explicitar para o indivíduo as implicações de seu entendimento da concepção filosófica do *self*.

IHU On-Line – Thoreau foi um leitor atento da poesia do Romantismo Inglês. Dos seis grandes nomes do Romantismo em língua inglesa, Blake¹⁶, Wordsworth¹⁷, Coleridge¹⁸, Shelley¹⁹, Byron²⁰ e Keats²¹, qual você destacaria como interlocutor privilegiado para temas centrais de *Walden*?

Stanley Bates – Esta é uma ótima pergunta para a qual não tenho

13 **Barbara Herman** (1945): professor de filosofia na Universidade da Califórnia em Los Angeles - UCLA. Suas pesquisas se centram sob os temas de filosofia moral, ética kantiana e filosofia política social. (Nota da **IHU On-Line**)

14 Perfectibilidade indefinida do homem. (Nota do tradutor)

15 **Alexis Carli Clerel de Tocqueville** (1805-1859): pensador político e historiador francês, autor do clássico *A democracia na América* (São Paulo: Martins Fontes, 1998-2000). (Nota da **IHU On-Line**)

16 **William Blake** (1757-1827): foi o primeiro dos grandes poetas Românticos ingleses, como também pintor, impressor, e um dos maiores gravadores da história inglesa. Foi também pintor, sendo sua pintura definida como pintura fantástica. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **William Wordsworth** (1770-1850): poeta inglês, considerado um dos mais importantes do romantismo. Sua obra *Baladas líricas* (1798) é uma das mais importantes e influenciou de modo determinante a paisagem literária do século XIX. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Samuel Taylor Coleridge** (1772-1834): comumente designado por S. T. Coleridge, foi um poeta, crítico e ensaísta inglês, considerado, ao lado de seu colega William Wordsworth, um dos fundadores do romantismo na Inglaterra. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Percy Bysshe Shelley** (1792-1822): foi um dos mais importantes poetas românticos ingleses. É famoso por obras tais como *Ozymandias*, *Ode to the West Wind*, *To a Skylark*, e *The Masque of Anarchy*, que estão entre os poemas ingleses mais populares e aclamados pela crítica. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **George Gordon Byron** (1788-1824): conhecido como Lord Byron, foi um poeta britânico e uma das figuras mais influentes do romantismo. Entre os seus trabalhos mais conhecidos estão os extensos poemas narrativos *Don Juan*, *A Peregrinação de Childe Harold* e o curto poema lírico *She Walks in Beauty*. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **John Keats** (1795-1821): foi um poeta inglês. Foi o último dos poetas românticos do país, e, aos 25, o mais jovem a morrer. Juntamente com Lord Byron e Percy Bysshe Shelley, foi uma das principais figuras da segunda geração do movimento romântico, apesar de sua obra ter começado a ser publicada apenas quatro anos antes de sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

uma boa resposta. Sei que Thoreau, provavelmente via Emerson, tinha Wordsworth em alta conta (mas, é claro, a mais importante das obras de Wordsworth – *O Prelúdio* – não foi publicada até sua morte em 1850). Sei que alguns críticos têm detectado a influência de Byron e Keats. Penso que se Thoreau usou alguma coisa como um tipo de modelo poético, foi provavelmente *Geórgicas* de Virgílio²², que ele sempre amou e que oferece um tipo de modelo literário para a representação de um ano na natureza.

“Penso que é correto identificar Thoreau como aquele que disse ‘Sim’ para o mundo”

34

IHU On-Line – É sabido que *Aids to Reflection*²³ de Coleridge foi fundamental na divulgação do Idealismo Alemão em solo americano. Você indicaria algum aspecto desta obra de Coleridge que ecoa nos textos de Thoreau?

Stanley Bates – Minha impressão é que esta obra de Coleridge infiltrou-se em Thoreau quando de seu retorno para Concord, após sua graduação em Harvard, quando tornou-se próximo de Emerson. É raro Thoreau comentar diretamente sobre ela, mas ele leu bastante filosofia durante os seis ou sete anos seguintes. Comentarei posteriormente sobre a relação dos diferentes modos de escrever e ver o mundo de Thoreau e Emerson. (Grosseiramente, a escrita de Emerson tende para a abstração, a de Thoreau sempre particulariza).

²² **Públio Virgílio Marão** (70 a.C.-19 a.C.): também conhecido como Vergílio ou Virgílio, foi um poeta romano clássico, mais conhecido por três obras principais, as *Éclogas* (ou *Bucólicas*), as *Geórgicas* e *Eneida* – apesar de vários poemas menores também serem atribuídos a ele. (Nota da **IHU On-Line**)

²³ *Auxílios à Reflexão*, obra sem tradução para o português. (Nota do tradutor)

IHU On-Line – A obra de Thoreau poderia ser considerada como um antídoto contra a herança do niilismo que Nietzsche identifica no Romantismo?

Stanley Bates – É claro que Nietzsche identificou sua própria obra inicial (especialmente *O Nascimento da Tragédia*) como o produto de um Romântico. Quando ele, em sua cabeça, dispensou a influência de Schopenhauer e Wagner²⁴, viu este Romantismo inicial como levando potencialmente para o niilismo. Em sua obra posterior, Nietzsche vê a evasão do Romantismo como consistindo acima de tudo em dizer ‘Sim’ para o mundo e para si mesmo no mundo (oposto ao ‘Não’ de Schopenhauer). Penso que é correto identificar Thoreau como aquele que disse ‘Sim’ para o mundo.

IHU On-Line – O que Thoreau teria a dizer para Trump sobre a decisão recente de não manter o Acordo de Paris?

Stanley Bates – Penso que Thoreau iria ter muita dificuldade para entender Trump. Thoreau desdenhou muitos dos políticos que eram seus contemporâneos, com base na relação deles com a escravidão, mas não havia no século XIX uma figura comparável a Trump (com a possível exceção de Andrew Jackson²⁵). Thoreau respeitava a ciência

²⁴ **Richard Wagner** (1813-1883): compositor alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. Escreveu o libretto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do Anel dos Nibelungos, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Büllow (Cosima, filha de Liszt) que se tornou sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁵ **Andrew Jackson** (1767-1845): foi um advogado e político americano. Foi o sétimo presidente dos Estados Unidos, de 1829 a 1837. Foi também governador militar da Flórida (1821), comandante das forças americanas na Batalha de Nova Orleans (1815), e epônimo da Democracia Jacksoniana. Jackson foi uma figura polarizadora, que dominou a política americana dos anos 1820 aos anos 1830. Sua ambição política, combinada com a ampliação da participação política por mais pessoas,

e o meio ambiente e por estas razões iria desejar algo, mesmo algo tão modesto como o Acordo de Paris²⁶, que pudesse auxiliar o mundo e as pessoas dentro dele, mas ele também iria querer muito mais do que isso. Afinal de contas, a pergunta que ele faz em *Walden* é ‘o que é necessário para uma vida humana completa?’. Existem muitos aspectos da nossa modernidade que o deixariam perturbado.

IHU On-Line – Como compreender a relação entre Max Weber²⁷, particularmente sobre a Ética Protestante, e Walden, discutido por Cavell, em *The Senses of Walden*?

Stanley Bates – Isso continua o tópico da minha resposta anterior. E eu a considero para identificar o mesmo problema que Heidegger trata em *A Questão da Técnica*. Como nós, enquanto seres humanos, habitamos o mundo? Esta é a razão para Thoreau apresentar no capítulo inicial de *Walden*, e de longe o mais extenso, sua concepção de ‘Economia’. Como todos os principais pensadores do século XIX, Thoreau está lidando com a necessária reorientação dos seres humanos em sua nova situação intelectual na modernidade. Tal como Emerson, ele já havia deixado para trás as costumeiras cercanias do Cristianismo. Ele tem perfeita consciência da revolução industrial e da nova economia

moldou o moderno Partido Democrata. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁶ **Acordo de Paris**: é um tratado no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC - sigla em inglês), que rege medidas de redução de emissão dióxido de carbono a partir de 2020. O acordo foi negociado durante a COP-21, em Paris e foi aprovado em 12 de dezembro de 2015. O líder da conferência, Laurent Fabius, ministro das Relações Exteriores da França, disse que esse plano “ambicioso e equilibrado” foi um “ponto de virada histórica” na meta de reduzir o aquecimento global. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁷ **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-5-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/iuhon101>. Sobre Max Weber, o **IHU** publicou o **Cadernos IHU em formação** nº 3, de 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo* disponível em <http://bit.ly/iuhon03>. (Nota da **IHU On-Line**)

emergente. Cada ser humano deve navegar sua própria vida, sem as certezas da tradição. E o que pode ser colocado em seu lugar? (Ou – como Nietzsche formulou – como o nihilismo pode ser evitado?)

IHU On-Line – O conceito de alienação (*Entfremdung*) em Marx e a caracterização, feita por Thoreau, da vida de seus contemporâneos como ‘calado desespero’ nos fornecem claras indicações da crítica que ambos fazem da forma como economia e valor moral se conectam no século XIX. Que outros paralelos podem ser traçados entre Marx e Thoreau?

Stanley Bates – Eu tentei fazer uma extensa comparação entre Marx e Thoreau em *‘Thoreau e o Perfeccionismo Emersoniano’* na coletânea “A importância de Thoreau para a Filosofia”²⁸. Considero que eles estão lidando com a situação filosófica que mencionei acima. Naturalmente que existem enormes diferenças entre eles. A mais importante me parece ser suas visões sobre a natureza do indivíduo humano. Tal como Marx, Thoreau está convencido da natureza social dos seres humanos – mas é essa perspectiva individual que é crucial

28 *Thoreau's Importance for Philosophy*, editado por Rick Anthony Furtak, Jonathan Ellsworth e James D. Reid, publicado em 2012 pela Fordham University Press, Nova Iorque. (Nota da **IHU On-Line**)

para ele. Para Marx, especialmente o primeiro Marx onde o vocabulário hegeliano é mais importante, o individualismo parece ser inevitavelmente o que C.B. Macpherson²⁹ chama de ‘individualismo possessivo’. De qualquer modo, ambos iniciam com a suposição de que a crítica da religião em larga medida já estava completa, e que essa crítica leva inevitavelmente para a crítica moral/política. Estou trabalhando em uma comparação de suas compreensões reinterpretadas do ‘transcendental’ que espero discutir em nossa conferência. ■

29 **Crawford Brough Macpherson** (1911-1987): cientista político canadense, autor de *A democracia liberal. Origens e evolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978 e considerado teórico da democracia liberal. (Nota da **IHU On-Line**)



IX Colóquio Internacional IHU

A Biopolítica como teorema da Bioética

17 e 18 de Outubro de 2017

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Unisinos | Campus São Leopoldo

Informações e inscrições em ihu.unisinos.br

A revolução do “não”

Jeffrey Cramer, curador do The Walden Woods Project, analisa o pensamento e a atualidade de Thoreau e sua desobediência civil

Entrevista e tradução: Eduardo Vicentini de Medeiros | Edição: Ricardo Machado

36

Grandes revoluções começam com três letras, cabem na minúscula palavra “não”. No fundo o grande gesto político e transcendental da negação ao que é hegemônico é a base da desobediência civil trazida por Henry David Thoreau, como um gesto político sem par. Mais do que passar a noite em uma prisão, apesar da notoriedade do ato, das desobediências mais importantes de Thoreau está a de “abrigar pessoas escravizadas fugitivas, alimentá-las, cuidá-las para que ficassem saudáveis novamente, comprar as passagens de trem e vê-las seguras em seu caminho para o Canadá – embora tenha ficado mais famosa a noite que passou na cadeia como uma forma de protestar contra um governo que permitiu a existência da instituição da escravidão”, afirma Jeffrey Cramer, um dos maiores especialistas no mundo em Thoreau e curador do The Walden Woods Project. “O que ele escreveu sobre esta experiência no ensaio hoje conhecido como ‘Desobediência Civil’ tem sido uma influência fundamental ao redor do mundo sobre as obrigações do indivíduo de lutar contra a injustiça”, complementa Cramer, que concedeu entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Para o pesquisador, não haveria a menor possibilidade de um diálogo entre Thoreau e uma figura como Donald Trump. “Thoreau teria considerado uma perda do seu tempo discutir questões políticas com um político”, frisa. Ainda que o escritor não fosse afeito a religiões, havia em seus escritos uma certa influência do transcendentalismo americano, caracterizado por um sentido latente de reforma social por intermédio da reforma de si próprio. “Ele não foi um defensor da religião formal e manteve uma visão panteísta sobre Deus e a espiritualidade. O que ele experimentou em primeira mão em relação à divindade dentro de todos nós, não poderia ser encontrado em nenhuma religião”, descreve Cramer.

Jeffrey Cramer é curador de coleções no Thoreau Institute at Walden Woods Library e responsável por projetos como Walden Woods Project e Ralph Waldo Emerson Society. Foi editor de vários livros sobre literatura dos Estados Unidos.

A entrevista foi publicada em Notícias do Dia de 15-7-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2vS2ZSq>

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como caracterizar a influência do Idealismo Alemão¹ no surgimento do

¹ **Idealismo Alemão:** Tem raízes na história da cultura alemã. Mas nem por isso pode ser considerado um fenômeno, por assim dizer, “nacional”. Antes deve ser visto no horizonte de diferentes formas de influência, recepção e aculturação, em que o idealismo alemão interagiu com outros elementos da história cultural europeia, como a ciência, a religião, a arte, o direito e a política. (Nota

Transcendentalismo Americano² em geral e sobre a escrita de

da **IHU On-Line**)

² **Transcendentalismo Americano:** movimento literário, político e filosófico com forte influência tanto do Romantismo Inglês e Alemão como do Idealismo kantiano e pós-kantiano. Originalmente esteve ligado à Igreja Unitarista desenvolvendo sua tese central a respeito da nossa semelhança a Deus por oposição à depravação intrínseca da natureza humana apreçoada pelo Puritanismo. (Nota da **IHU On-Line**)

Thoreau em particular? Existe alguma evidência de que Thoreau tenha lido alguma obra de Kant?

Jeffrey Cramer – Embora as ideias de Kant³ tenham sido apre-

³ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo

“O que ele escreveu sobre esta experiência no ensaio hoje conhecido como ‘Desobediência Civil’ tem sido uma influência fundamental ao redor do mundo”

sentadas para o grupo de transcendentalistas por Frederick Hedge⁴, que indubitavelmente compartilhou essas ideias com seus amigos, e por intermédio dos escritos de Thomas Carlyle⁵, bem como por *Aids to Reflection de Coleridge* (Princeton: Princeton University Press), não há evidência de que Thoreau tenha lido Kant ou outro Idealista Alemão. Seu principal contato seria filtrado por outros escritores.

IHU On-Line – A propósito, como se caracteriza o Transcendentalismo Americano?

Jeffrey Cramer – De forma

dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Frederic Henry Hedge** (1805-1890): foi fundador do Transcendental Club, originalmente chamado de Hedge's Club. Além disso foi um ativo desenvolvedor das ideias do Unitarismo e do transcendentalismo, sendo reconhecido como um dos mais famosos professores de literatura germânica nos Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Thomas Carlyle** (1795-1881): foi um escritor, historiador, ensaísta e professor escocês durante a era vitoriana. Ele chamou a economia de “ciência sombria”, escreveu artigos para a *Edinburgh Encyclopædia*, e tornou-se um polêmico comentarista social. (Nota da **IHU On-Line**)

muito simples, é idealismo, tal como Emerson⁶ o caracterizou. Ou, fé em coisas não vistas. É a ideia de que podemos intuir a verdade diretamente a partir de Deus, que a verdade transcende nossas experiências cotidianas, e que conhecemos o certo e errado sem a necessidade de aprendizado. O Transcendentalismo Americano carrega consigo um sentido muito forte de reforma social por intermédio da reforma de si mesmo.

IHU On-Line – O que explicaria uma cidade tão pequena como Concord ter sido o epicentro do Transcendentalismo Americano?

Jeffrey Cramer – Simplesmente porque Emerson, ele mesmo o epicentro do Transcendentalismo Americano, mudou-se para Concord em 1835. Ele havia morado lá temporariamente um ano antes, com seu avô emprestado, Ezra Ripley, em Old Manse (que ficou famosa com Nathaniel Hawthorne) e onde Emerson escreveu seu livro, *Natureza*. Thoreau foi um nativo de Concord. Bronson Alcott⁷ mu-

6 **Ralph Waldo Emerson** (1803- 1882): foi um famoso escritor, filósofo e poeta estadunidense. Fez seus estudos em Harvard para se tornar, como seu pai, ministro religioso. Foi pastor em Boston mas interrompeu essa atividade por divergências doutrinárias sobre a eucaristia. Em 1833 viajou pela Europa e encontra Mill, Coleridge, Wordsworth e Carlyle, cultivando uma profunda amizade com este último. De volta aos Estados Unidos, começou a desenvolver sua filosofia “transcendentalista”, exposta em obras como *Natureza*, *Ensaios e Sociedade* e *Solidão*. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Amos Bronson Alcott** (1799-1888): foi um pedagogo e pedagogista americano. Amigo de Ralph Waldo Emerson e de Henry David Thoreau, devotou muito de sua vida à educação. Nos anos 1840, Alcott ajudou a fundar duas cooperativas comunitárias – Brook Farm e Fruitlands. Esta

dou-se para Concord em função de Emerson.

IHU On-Line – Thoreau foi um leitor atento de William Paley⁸ em *Resistance to Civil Government* ou estava respondendo a um espantalho criado para fins retóricos?

Jeffrey Cramer – Thoreau leu atentamente Paley. Seja ou não como ‘um espantalho criado para fins retóricos’, Thoreau encontrou algo que o fez sentir compelido a responder. É uma questão aberta o quanto de ‘Resistência ao Governo Civil’ (‘Desobediência Civil’) foi uma resposta direta a Paley ou o quanto Paley foi apenas um trampolim. Thoreau foi um leitor atento, mas também um leitor sem compromissos. Como ele disse: “Quando leio um livro indiferente, parece ser isso a melhor coisa que posso fazer, mas um volume inspirador dificilmente me deixa com tempo livre até finalizar suas últimas páginas. Ele escorrega pelos meus dedos enquanto leio. Ele não cria uma atmosfera na qual possa ser examinado, mas uma na qual seus ensinamentos podem ser praticados. Ele me confere uma tal riqueza que o deixo com o menor dos arrependimentos. O que começo pela leitura devo terminar pela ação.”

última era uma comunidade vegetariana onde os membros evitavam até sapatos de couro. Durou muito pouco, menos de um ano e nem chegou ao inverno de 1844. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **William Paley** (1743-1805): teólogo e filósofo britânico, autor da obra *Natural Theology*. Argumentou que a complexidade e adaptações dos seres vivos eram prova da intervenção divina na criação. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Qual foi o contato de Thoreau com o Unitarismo? Houve alguma repercussão duradoura em seus escritos?

Jeffrey Cramer – Ele foi batizado na Igreja Unitarista, mas quando adulto desligou-se por escrito, cortando oficialmente os laços. Ele não foi um defensor da religião formal e manteve uma visão panteísta sobre Deus e a espiritualidade. O que ele experimentou em primeira mão em relação à divindade dentro de todos nós, não poderia ser encontrado em nenhuma religião.

“Thoreau teria considerado uma perda do seu tempo discutir questões políticas com um político”

IHU On-Line – As atividades de Thoreau junto a *Underground Railroad*⁹ seriam seu mais efetivo exemplo de desobediência civil? De que forma isso estaria expresso?

Jeffrey Cramer – Certamente isso seria um exemplo claro – abrigar pessoas escravizadas fugitivas, alimentá-las, cuidá-las para que ficassem saudáveis novamente, comprar as passagens de trem e vê-las seguras em seu caminho para o Canadá –, embora

⁹ **Underground Railroad**: era uma rede de rotas clandestinas existente nos Estados Unidos durante o século XVIII, que era usada para a fuga de escravos africanos para os estados do Norte ou para o Canadá, que eram livres da escravidão, com a ajuda de abolicionistas. (Nota da **IHU On-Line**)

tenha ficado mais famosa a noite que passou na cadeia como uma forma de protestar contra um governo que permitiu a existência da instituição da escravidão. O que ele escreveu sobre esta experiência no ensaio hoje conhecido como ‘Desobediência Civil’ tem sido uma influência fundamental ao redor do mundo sobre as obrigações do indivíduo de lutar contra a injustiça.

IHU On-Line – Seria possível rastrear o esforço autobiográfico dos Diários em alguma inspição na literatura clássica? De onde nasce o interesse quase obsessivo de Thoreau por relatos na primeira pessoa do singular?

Jeffrey Cramer – De fato surgiu a partir de uma discussão que ele teve com Emerson, que talvez foi sua maior influência, na qual Emerson perguntou a Thoreau: “Você mantém um diário?” Daquele dia em diante Thoreau escreveu em seu diário quase até, em seu último ano, estar doente demais para fazê-lo.

IHU On-Line – Em sua prestação de contas no capítulo ‘Economy’, Thoreau nos diz que gastou U\$ 28,12 para os materiais de sua cabana. Você alguma vez se perguntou qual seria este valor atualizado em dólares nos dias de hoje?

Jeffrey Cramer – Aproximadamente U\$ 860,00 nos dias de hoje.

IHU On-Line – Como seria uma conversa cara a cara entre Donald Trump e Thoreau? Algum tópico urgente?

Jeffrey Cramer – Não aconteceria. Thoreau teria considerado uma

perda do seu tempo discutir questões políticas com um político.

IHU On-Line – O senhor poderia nos oferecer um breve relato pessoal de suas atividades no *The Walden Woods Project*? E também sobre a importância do *Thoreau Institute* para preservação do legado thoreauviano?

Jeffrey Cramer – Como Curador de Coleções para o Projeto Walden Woods, mantenho a mais ampla coleção de materiais relacionados a Thoreau no mundo. Ajudo pessoas com suas pesquisas em todos os aspectos e em todos os níveis, desde estudiosos ganhadores do Prêmio Pulitzer até estudantes do colegial, de escritores a entusiastas, seja na biblioteca do Instituto Thoreau ou por e-mail, ou até mesmo conversando com estudantes ao redor do mundo em nosso programa ‘Skype na sala de aula’.

Ao colecionar toda obra de e sobre Thoreau em um único local – mais de 60.000 itens que incluem livros, manuscritos, revistas, arte, música, mapas, panfletos, cartas e histórias pessoais –, somos os zeladores de seu legado. Não há coleção comparável em algum outro lugar.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Jeffrey Cramer – Seguidamente Thoreau é desconsiderado por aqueles que o conhecem pela reputação ou pelo mito, mas que não tiraram um tempo para realmente ler suas obras. Eu recomendaria a qualquer um que tem curiosidade sobre este autor americano icônico que pegue um de seus livros ou ensaios ou uma seleção de seus Diários e veja por si mesmo. Pode ser uma das melhores coisas que farão. ■



31 de agosto de 2017

Algoritmos e inteligência artificial nos diagnósticos de saúde e na educação

Prof. Dr. Dante Augusto Couto Barone – UFRGS/Instituto de Informática
ihu.unisinos.br

O minimalismo existencial como forma de vida

Kelly Dean Jolley analisa a obra de Thoreau a partir da percepção de que a existência não deveria ser reduzida à satisfação de nossos desejos

Entrevista e tradução: Eduardo Vicentini de Medeiros | Edição: Ricardo Machado

O pensamento de Thoreau é um convite à simplicidade. Ser simples, ao contrário de ser pobre, é um exercício de perspectiva diante da vida, uma forma de vida. “Para mim Thoreau acredita que vivemos em um esquecimento propositado de nossa natureza, e que nossas tendências para focar naquilo que é desnecessário são tanto resultado como causa desse esquecimento. Ao ir para a mata, Thoreau se transforma em um lembrete vivo daquilo que esquecemos”, pontua o professor e pesquisador Kelly Dean Jolley, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

O desafio de pensar o mundo a partir daquilo que lhe é próprio é o de percebê-lo para além dos dogmatismos. “O que ambos desejavam era que as pessoas desconsiderassem as formas da religião, do Ocidente ou do Oriente, e vissem a abundante vida do Novo Mundo que aquelas formas seguidamente não os deixavam ver – vissem o Novo Mundo como Novo, ponto final (e não como Nova *Iorque* ou Nova *Inglaterra*), vissem uns aos outros como novos homens e mulheres, vissem as novas árvores e flores”, propõe Jolley. “Relembrar ou reconhecer nossa ignorância marca nossos limites, nos abre para nossa finitude”, complementa.

Para o professor, um dos paradoxos de

nosso tempo é condenarmos o regime de controle que vivemos e ao mesmo tempo viver a vida do “panopticismo”, cujo antídoto seria a retomada de uma forma de vida baseada naquilo que é essencialmente vital. “Adoramos ídolos que nos petrificam. Queremos nossos vícios de graça. Viveremos vidas daquilo que Aleksandr Solzhenitsyn chamou de ‘liberdade amordaçada’ apenas para que possamos ter as coisas que desejamos”, frisa.

Kelly Dean Jolley é professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Auburn, nos Estados Unidos. Centra seus estudos em questões relacionadas à psicologia filosófica, metafísica, filosofia do século 20 e filosofia antiga. Além disso, fora da academia, escreve poesias e é ávido leitor de literatura. Suas produções podem ser acessadas em kellydeanjolley.com.

O entrevistado apresenta a conferência **“Aqui estou”: Experiência, Deliberação e Economia em Thoreau**, no dia 29-8-2017, na Unisinos Porto Alegre, a partir das 18 horas. A palestra integra o evento **VII Colóquio Internacional IHU – Caminhando e desobedecendo. Thoreau 200 anos**.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como se dá sua estratégia de aproximação entre Thoreau e Wittgenstein? Qual seria o exemplo mais acabado em *Walden* de uma descrição das necessidades da vida

humana?

Kelly Dean Jolley – Não é de hoje que tenho, por um lado, me fascinado e, por outro, sido desafiado e modificado, por filósofos que aliam rigor analítico e *pathos* existencial.

Minha estratégia de aproximar Wittgenstein¹ e Thoreau deixa mais visí-

¹ **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século 20, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, da filosofia da linguagem e da epistemologia, dentre outros campos. A maior

vel o *pathos* existencial de um, Wittgenstein, e o rigor analítico do outro, Thoreau. Assim, você poderia dizer que minha estratégia é usar cada um deles para insistir na completude do outro, e assim afastar a tendência de encontrar apenas rigor analítico (se é que é isso mesmo) em Wittgenstein ou *pathos* existencial (se é que é isso mesmo) em Thoreau.

Cada um deles escreve de modo a criar um desejo para não aceitá-los: Wittgenstein constantemente tem como alvo o que Dewey² chamou de ‘psicoses ocupacionais’ dos filósofos (querendo dizer por ‘psicoses’ não tanto perturbações psicológicas, quanto pronunciadas características da mente). Ao fazê-lo, Wittgenstein corteja a ira do filósofo – o autocohecimento é quase sempre desagradável, e os filósofos (e aqui me incluo) muito seguidamente pensam placidamente que suas características mentais tão somente promovem a busca da verdade, e não escondem ou não poderiam escondê-la. Os filósofos aceitam esta placidez com relutância. Para ficar ainda pior, Wittgenstein seguidamente visa essas psicoses ocupacionais, satirizando-as, por vezes duramente. E ele problematiza o léxico da filosofia, ele pega palavras favoritas – ‘teoria’, ‘essência’, ‘definição’ – e as coloca em xeque, cria incômodos típicos de uma consciência moral preocupada onde antes havia apenas um entendimento cristalino.

Thoreau constantemente tem como

parte de seus escritos foi publicada postumamente, com exceção de seu primeiro livro: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi lançado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). A edição 308 da **IHU On-Line**, de 14-9-2009, apresenta a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível em <https://goo.gl/HGR6jZ>. A entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, consta na edição 362 da revista **IHU On-Line**, de 23-5-2011, disponível em <https://goo.gl/J0krYa>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **John Dewey** (1859-1952): filósofo e pedagogo norte-americano. É reconhecido como um dos fundadores da escola filosófica de pragmatismo (juntamente com Charles Sanders Peirce e William James), um pioneiro em psicologia funcional, e representante principal do movimento da educação progressiva norte-americana durante a primeira metade do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

alvo nossas psicoses existenciais, e as denomina como falhas de economia. Ele também corteja a ira – os cidadãos de Concord (e eles, obviamente, representam a todos nós, eu inclusive) não sucumbem à complacência apressadamente. Eles vivem vidas boas, chegando perto da boa vida ela mesma, apenas para que lhes digam que, ao contrário, estão vivendo em desespero – até mesmo em calado desespero – e isso é uma má notícia, um infortúnio. Essas notícias são mal recebidas pelos cidadãos, e eles sucumbem à complacência resmungando e reclamando. Para ficar ainda pior, ele satiriza suas vidas, faz piada de suas roupas, de suas casas, de sua própria civilização, e sua sátira é seguidamente dura. Ele rouba suas palavras favoritas, ‘economia’, ‘lei’, ‘vizinho’, ‘viver’, e as leva mata adentro e as re-naturaliza, de tal modo que se tornam estranhas, desajeitadas, parcialmente selvagens.

Dado tudo isso, aproximar os dois também auxilia a destacar o propósito de cada um, ajuda a mostrar o que está em jogo, que escrevem ‘para glória de Deus e para que seu vizinho possa assim ser beneficiado’. Mas cada um deles reconhece que sua audiência escolhida está iludida, e cada um deles sabe que as ilusões se apresentam como racionais, prudentes, apropriadas. Ao argumentar com as ilusões, ou tão somente por argumentar com as ilusões, elas ancoram ainda mais profundamente, dado que os argumentos parecem sancionar sua alegada condição como racionais, prudentes, apropriadas – pelo menos de forma genérica. Assim cada um desses homens ataca as ilusões por outras vias, com redescrições, piadas, sátiras, rotações no eixo da investigação, mudanças de aspecto, percorrendo muitas variedades do trombeteio vigoroso, na esperança de despertar seus vizinhos e retirá-los da ilusão.³

Thoreau enfatiza as necessidades

³ Referência à epígrafe de *Walden*: “Não pretendo escrever uma ode à melancolia, e sim trombetear vigorosamente como um galo ao amanhecer, no alto de seu poleiro, quando menos para despertar meus vizinhos.” (Tradução Denise Bottmann, L&PM, 2010). (Nota do tradutor)

da vida, e as agrupa na rubrica ‘manter o calor vital’. Sempre achei que esta é uma maneira feliz de apresentar aquilo que é requerido para a vida humana, e parece-me encaixar bem em *Walden*. A pergunta que Thoreau faz a seus leitores é nada mais – e nada menos – que “Como você se mantém aquecido, se mantém vital?”. Esta pergunta tem um jeito de pegar você, dado que não te permite escapar com luxúrias de autojustificação. Por mais atilados que possamos passar nossos dias, ainda estamos tentando fazer aquilo que aqueles menos preocupados e atentos estão fazendo: estamos nos mantendo aquecidos, estamos todos nos mantendo aquecidos.

Thoreau não nos deixará esquecer isso. Estamos sempre respondendo sua pergunta, mesmo se não queremos e mesmo se dizemos para nós mesmos que, de alguma maneira, não o estamos fazendo. Se não a respondemos com palavras, respondemos com atos. Por óbvio, a maioria de nós está fazendo algo mais do que apenas manter-se aquecido, mas isso não significa que tenhamos parado em algum momento de mantermo-nos aquecidos. É fácil pensar que paramos quando não construímos nossas casas, não produzimos nossa comida, não costuramos nossas roupas. Nós perdemos o contato com as necessidades da vida, e perdemos contato com quem e o que realmente somos, acreditamos que podemos substituir a segunda natureza pela primeira, para escolher ou criar nossa posição própria no mundo.

Forçar a reconhecer nossa necessidade de manter-se aquecido, a inevitabilidade da tarefa e o modo como ela iguala a todos, traz nossa contingência e vulnerabilidade à mostra, deixando-a sempre perante nós. Para mim Thoreau acredita que vivemos em um esquecimento propositado de nossa natureza, e que nossas tendências para focar naquilo que é desnecessário são tanto resultado como causa desse esquecimento. Ao ir para a mata, Thoreau se transforma em um lembrete vivo daquilo que esquecemos. Ele se torna

uma consciência moral externalizada – para colocar de forma paradoxal – chamando cada um de nós de volta ao que (todos) somos.

Eu leio tanto Wittgenstein quanto Thoreau como os primeiros antropólogos filosóficos, seja lá o que mais possam ser, e considero cada um deles profundamente comprometido com a elucidação do contexto vivo e original da vida humana, e com o trabalho para reconstruir nossa confiança na experiência humana cotidiana, para nos permitir ver que as várias incertezas que cercam a experiência humana cotidiana não são razões para uma total desconfiança para com ela. Ela é o que temos: e devemos nos virar com ela tanto quanto possível. Cada um desses homens escreveu um livro que pretendia trazer independência de pensamento e independência de visão para seus leitores – uma independência assegurada pela confiança na experiência humana cotidiana e por fazer a partir dela tanto quanto fosse possível. Quando propriamente amalgamadas, a poeira e os trapos da experiência cotidiana contêm surpresas, e podem parecer esconder aquilo que, uma vez visto, é o mais poderoso e surpreendente.

IHU On-Line – Thoreau e Emerson⁴ foram autores muito atentos à variedade das práticas religiosas orientais. Teríamos como medir quão provocadora foi essa abertura no ambiente intelectual da Nova Inglaterra do século XIX?

Kelly Dean Jolley – Há mais a dizer sobre a reverência de Emerson e Thoreau para com o Oriente do que posso dizê-lo aqui. Mas permita-me ao menos indicar o que penso ser uma consideração que

4 **Ralph Waldo Emerson** (1803-1882): foi um famoso escritor, filósofo e poeta estadunidense. Fez seus estudos em Harvard para se tornar, como seu pai, ministro religioso. Foi pastor em Boston mas interrompeu essa atividade por divergências doutrinárias sobre a eucaristia. Em 1833 viaja pela Europa e encontra Mill, Coleridge, Wordsworth e Carlyle, cultivando uma profunda amizade com este último. De volta aos Estados Unidos, começou a desenvolver sua filosofia “transcendentalista”, exposta em obras como *Natureza, Ensaios e Sociedade e solidão*. (Nota da **IHU On-Line**)

oferece uma moldura de resposta. Como é bem sabido, ambos desejavam que a América se realizasse – e que o fizesse com uma considerável independência da Europa. Ambos temiam que o Velho Mundo fosse a última palavra para o Novo Mundo. Agora, não creio que ambos fossem suficientemente ingênuos para acreditar que o Velho Mundo não daria a primeira palavra no Novo Mundo. Suas preocupações eram sobre a hegemonia da primeira palavra do Velho Mundo. Ambos sabiam que muito do que o Velho Mundo ofereceu havia se desnaturalizado em formas vazias (penso aqui no sermão de Emerson sobre a Eucaristia, por exemplo). Mas também não pensaram que aquilo que o Velho Mundo ofereceu estava fadado a ser meras formas mortas: poderia ser possível reanimá-las. Mas uma tal reanimação não foi um processo simples. E aqui o Oriente ganha importância. Pense em uma famosa passagem de Wittgenstein, aquela sobre a Queda dos filósofos (*Investigações Filosóficas*, § 131):

“Só podemos evitar a inaptidão ou vazio em nossas asserções se apresentarmos o modelo como aquilo que é, como objeto de comparação – como, por assim dizer, um padrão de medida, e não como um preconceito ao qual a realidade tem que corresponder. (O dogmatismo em que se cai tão facilmente em Filosofia).”

Para Emerson e Thoreau, o que o Velho Mundo estava oferecendo havia se tornado, a seu modo, inepto, vazio. Foi apresentado, ou apresentou-se, como aquilo ao qual a realidade tem que corresponder. Tornou-se meramente um dogma. Se fosse para promover um segundo nascimento, haveria de rerepresentar-se, tornar-se um objeto de comparação, um modelo, para assim aquela vida poder voltar a habitá-lo.

Agora, não quero ser mal compreendido. Não quero dizer com isso que algum desses homens desejou que a primeira palavra do Velho Mundo terminasse, renascesse, como a última palavra do Novo

Mundo – que isso foi uma estratégia para revigorar a Cristandade –, mas eu penso que eles desejaram desafiar o dogmatismo das formas mortas, e ver o que poderia ser trazido à vida novamente. De certo modo, seus objetivos foram similares aos de Kierkegaard⁵ – não podemos ver a Cristandade como ela é a não ser que vejamos alternativas, outros modelos, outros objetos de comparação. Quando a Cristandade se acultura totalmente, ela não mais conhece a si mesma. (Cristandade – de fato, a religião – é sempre gramaticalmente um modo de ver o mundo. Quando se transforma na maneira de ver o mundo, ela não mais pode ser distinguida do mundo, e assim não é mais Cristandade, não é mais religião.)

Mas diferente de Kierkegaard, nem Emerson nem Thoreau esperavam refazer as pessoas como Cristãos – mas também não esperavam transformar as pessoas em seguidores de alguma religião oriental. Não, o que ambos desejavam era que as pessoas desconsiderassem as formas da religião, do Ocidente ou do Oriente, e vissem a abundante vida do Novo Mundo que aquelas formas seguidamente não os deixavam ver – vissem o Novo Mundo como Novo, ponto final (e não como *Nova Iorque* ou *Nova Inglaterra*), vissem uns aos outros como novos homens e mulheres, vissem as novas árvores e flores. Em resumo, permitir ao Novo Mundo alimentar suas imaginações ao invés de permitir ao Velho Mundo imaginar o Novo. (A América não é

5 **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: *Víctor Eremita*, *Johannes de Silêncio*, *Constantin Constantius*, *Johannes Climacus*, *Vigilius Haufniensis*, *Nicolas Notabene*, *Hilarius Bogbinder*, *Frater Taciturnus* e *Anticlimacus*. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com Alvaro Valls, da *Unisinos*, na edição 175, de 10-4-2006, da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>. A edição 314 da **IHU On-Line**, de 9-11-2009, tem como tema de capa *A atualidade de Soren Kierkegaard*, disponível em <http://bit.ly/ihuon314>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da **IHU On-Line**, de 16-8-2010, intitulada *Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano*, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <http://bit.ly/ihuon339>. (Nota da **IHU On-Line**)

a nova Israel, uma terra de leite desnatado e mel orgânico, e imaginá-la desse modo é parte do que a torna, do que a mantém, inabordável.) Quando considero o uso que Emerson e Thoreau fazem da religião do Oriente, me recordo de uma passagem de John Wisdom⁶ (um parágrafo final de um dos ensaios de *Filosofia e Psicanálise*):

“Como todos sabemos mas não recordamos, qualquer sistema classificatório é uma rede espalhada sobre a abençoada multiplicidade do que é individual e nos cega não para toda, mas para muito de sua diversidade e continuidade. Um novo sistema fará o mesmo, mas não exatamente do mesmo modo. Assim que ao aceitar todos os sistemas, seu poder de cegueira é quebrado, seu poder revelatório torna-se aceitável, o individual nos é restituído, não isolado como antes de usarmos a linguagem, não em uma caixa como quando a linguagem já nos tenha dominado, mas no ‘coro da criação’.”

Creio que é difícil pensar em uma passagem mais emersoniana ou thoreauviana do que essa, deixando de lado as diferenças de estilo filosófico. Emerson e Thoreau queriam ouvir o ‘coro da criação’ no Novo Mundo, não apenas o eco de algum coro pobre e arruinado da Europa. O Oriente era uma ajuda para lembrar o que todos sabemos mas não recordamos. O Oriente estava lá para nos recordar que o Ocidente é tão somente o Ocidente.

IHU On-Line – Em vários momentos, Thoreau fez pouco caso de sua formação universitária. É sensato desconsiderar a formação que ele recebeu em Harvard ao avaliarmos sua produção literária?

Kelly Dean Jolley – Um dos temas subestimados de *Walden* é sua compreensão do poder da ignorân-

cia lembrada ou reconhecida. Chame-o de tema socrático de *Walden*. Logo no começo do livro, Thoreau pergunta (para si mesmo e seus vizinhos): “Como lembrará sua ignorância – o que é indispensável para crescer –, quem precisa usar seu conhecimento com tanta frequência?” É fácil esquecer ou elidir essa pequena expressão parentética – ‘o que é indispensável para crescer’. A ignorância lembrada é o solo fértil do crescimento pessoal.

Sócrates sabia disso, e é uma vergonha, penso eu, que frequentemente esquecemos desse aspecto quando falamos da ignorância de Sócrates. Para Sócrates, a ignorância lembrada ou reconhecida é uma fonte de poder e não uma fraqueza. Do mesmo modo para Thoreau. Lembrar ou reconhecer nossa ignorância marca nossos limites, nos abre para nossa finitude. Perceber que não temos as respostas nos permite experimentar a pergunta, colocar em questão, e a pergunta assim experimentada impulsiona o crescimento. Naturalmente, não podemos superar nossa finitude, mas podemos alargar a nós mesmos, levar em consideração nossa finitude, ser mais o seu mestre e menos seu escravo – há, de qualquer modo, uma diferença de tipo entre submeter-se à nossa finitude e viver subordinado a ela.

Menciono este tema, e a frase acima de Thoreau sobre a ignorância, porque nos falamos bastante da relação de Thoreau com sua educação. Não podemos ignorar sua educação nem por um momento; não creio que ele o tenha feito. Mas é verdade que a relação com sua educação foi complicada. Talvez a parte mais importante dessa relação complicada foi a aversão de Thoreau à educação como um ornamento, como algo possuído apenas externamente, tal como um relógio ou um colete.

A única educação que ele considerou valiosa era tão profundamente assimilada que se torna indistinguível da expressão da vida interior da pessoa educada. Por esse parâmetro, muito do que nos é ensinado não é valoroso, não importa ter aprendi-

do. Aqui, o pensamento de Thoreau cruza com Gabriel Marcel⁷, e em particular com a distinção de Marcel entre ser e ter. Muito de *Walden* está engajado com essa distinção, embora nos termos que são próprios de Thoreau.

Thoreau está sempre perguntando sobre o que podemos perder, deixar de lado, renunciar: as coisas que temos e que poderíamos viver sem elas. A pergunta sobre nossa educação é se ela pode se tornar parte do que somos, digerida em nosso próprio ser, ou se permanece como algo que temos, indigerível. Pode parecer estranho, mas creio que Thoreau valoriza uma educação que é assimilada, digerida, que se torna parte do que somos, que é ela mesma algo que ajuda a manter nosso calor vital – ela é uma necessidade da vida. Se refletirmos cuidadosamente sobre a vida de Thoreau na cabana, veremos que foi uma vida de leitura e escrita e deste modo foi interna à vida deliberada que ele foi lá para viver.

“O que ambos desejavam era que as pessoas desconsiderassem as formas da religião, do Ocidente ou do Oriente, e vissem a abundante vida do Novo Mundo”

IHU On-Line – Depois dos esforços de Stanley Cavell⁸, Tho-

⁷ **Gabriel Honoré Marcel** (1889-1973): foi um filósofo, dramaturgo e compositor francês ligado à tradição fenomenológico-existencial. É um pensador que, desde o início do século 20, influenciará toda uma geração de intelectuais como Paul Ricoeur, Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Lévinas, entre outros. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Stanley Louis Cavell** (1926): filósofo americano e professor emérito de estética a Teoria Geral do

reau e Emerson são mais bem recebidos na filosofia acadêmica norte-americana? Ou ainda temos um longo caminho pela frente?

Kelly Dean Jolley – Esta é uma questão difícil de responder. A obra de Cavell certamente levou pessoas até Thoreau, e as levou a considerá-lo seriamente como um filósofo – mas desconheço que a obra de Cavell tenha estabelecido um lugar para Thoreau na filosofia analítica. Penso que a maior parte dos filósofos acadêmicos considera o interesse por Thoreau como, na melhor das hipóteses, um interesse ‘brando’, comparado ao interesse por ética aplicada ou história da filosofia. Talvez eles o pensassem como ‘Continental’, se não fosse por essa coisa embaraçosa do continente errado. De qualquer modo, maravilhosa como é a obra de Cavell – e ela tem sido de primeira importância para mim –, seu próprio papel como filósofo *bona fide* é seguidamente colocado em dúvida na filosofia acadêmica, quando não descartado. Todo mundo concede seu brilhantismo – mas muitos têm pouca paciência com sua obra. Assim, a própria posição de Cavell na filosofia acadêmica não é tal que garanta a recepção de Thoreau; Cavell, ele mesmo, nunca foi totalmente aceito na filosofia acadêmica. Suspeito que isso significa que há mais trabalho a ser executado no que diz respeito a Thoreau. Mas sou um tanto quanto indiferente em relação às perspectivas deste trabalho. Não sei se importa tanto assim a recepção de Thoreau na filosofia acadêmica. Ele foi claramente bem pouco otimista sobre professores de filosofia: “...é admirável professor, pois um dia foi admirável viver...” – isso não é um elogio, a não ser que você considere elogios desajeitados como elogios de fato. Ao contrário, é uma dura e educada ironia. Não creio que o próprio Thoreau estivesse muito preocupado com a questão de onde habitavam os leitores de *Walden*, se na academia ou fora dela. Ele teria

se preocupado com a questão de como eles habitavam – e de por que habitavam deste modo.

Eu costumava me preocupar com esse tipo de coisa, e costumava me preocupar com o porquê tantos filósofos que me interessavam eram tão deliberada e propositadamente deixados à margem pela filosofia acadêmica. A resposta é complicada – mas parte dela é o que os filósofos acadêmicos sabem sobre como ensinar e o que eles não sabem. Eles não sabem como ensinar Thoreau. Você simplesmente não pode ensinar uma página de Thoreau do mesmo modo que ensina uma página de Frege⁹ ou David Lewis¹⁰. Ensiná-lo requer um conjunto de hábitos que a maioria dos filósofos não cultiva – hábitos particulares de leitura e novos hábitos de rastrear precisão conceitual (especialmente quando essa precisão é obtida por meios diferentes da argumentação formalizável). Os filósofos deveriam cultivar esses hábitos? Bem, alguns o fazem e isso é bom; espero que continuem e tento ensinar os estudantes a cultivá-los. Mas ninguém pode cultivar cada um dos hábitos que poderiam ser úteis no ensino de uma página de um texto que valesse a pena. Espero que *Walden* continue a encontrar leitores e confio que continuará. Creio que alguns deles estarão em algum lugar na academia, por vezes até mesmo na filosofia, e que aqui e acolá o livro encontrará seu caminho num programa de estudos, ou pelo menos que aqui e acolá cópias serão pressionadas pelas mãos impacientes de estudantes pobres.

IHU On-Line – Mantendo Emerson no pano de fundo, quais paralelos conceitual-

⁹ **Friedrich Ludwig Gottlob Frege** (1848-1925): matemático, lógico e filósofo alemão. Trabalhando na fronteira entre a filosofia e a matemática, Frege foi o principal criador da lógica matemática moderna, sendo considerado, ao lado de Aristóteles, o maior lógico de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **David Kellogg Lewis** (1941-2001): é considerado um dos grandes filósofos analíticos da última metade do século XX. Inicialmente, Lewis foi professor na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e depois em Princeton onde passou grande parte da sua carreira. (Nota da **IHU On-Line**)

mente relevantes poderiam ser traçados entre Nietzsche e Thoreau?

Kelly Dean Jolley – Thoreau e Nietzsche¹¹ são filósofos da manhã. Ambos querem que seus leitores despertem. Ambos consideram que seus leitores estão em uma situação pior do que aquela que se dão conta. Para cada um deles, é central uma inflexão do conceito de ‘repetição’. Mas eles divergem, assim me parece, de um modo que pode ser capturado fazendo referência a uma passagem de Emerson, aquela sobre ‘sentar aos pés do familiar, do vulgar’.¹² Emerson está disposto a entregar a tutela dos mundos passados e futuros para o lugar comum, abrindo mão do grande, do remoto, do romântico.

Claro que há momentos assim em Nietzsche, mas não creio que ele está disposto, tal como Emerson está disposto – certamente ele não está disposto tal como Emerson está – para aceitar a tutela do familiar e do vulgar. Thoreau está. De fato, Thoreau está disposto a submeter-se a essa tutela em uma medida que nem mes-

¹¹ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://bit.ly/HI7xwP>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² Referência a uma passagem do discurso de Emerson, *The American Scholar* (O Intelectual Americano) onde lê-se: “Não exijo o grande, o remoto, o romântico; o que se está fazendo na Itália ou na Arábia; o que seja arte grega ou poesia trovadoresca provençal; aproveite o comum, explore e sento-me aos pés do familiar, do vulgar”. Ensaio, Editora Cultrix, tradução de José Paulo Paes.

valor na Universidade de Harvard. (Nota da **IHU On-Line**)

mo Emerson iguala. Essa diferença se deixa sentir nas formas específicas pelas quais Thoreau e Nietzsche são filósofos da manhã. Thoreau está sempre pensando sobre amanhã, o próximo dia da semana, um domingo ou uma terça-feira ou...

Nietzsche está sempre pensando no fim de uma era, no fim de algum substantivo abstrato com uma primeira letra maiúscula, Moralidade, Cristandade, Filosofia, Verdade. Thoreau se preocupa com o trabalho diário, com nossa semana de trabalho. Nietzsche se preocupa com o Eterno. Nietzsche avança a passos largos com botas de sete léguas. Thoreau passeia com botas de vaqueiro que lhe custam 1 dólar e meio. Isso pode fazer parecer que não considere tanto Nietzsche na comparação com Thoreau, e é verdade. Mas de fato tenho Nietzsche em alta conta, o que diz ainda mais, talvez, sobre como valorizo Thoreau.

44

Há muitas passagens em Nietzsche que consigo imaginar Thoreau apreciando, mas não consigo imaginá-lo escrevendo-as. Tome, por exemplo, “Como o ‘mundo verdadeiro’ se tornou finalmente uma fábula”.¹³ Posso facilmente imaginar Thoreau rindo consigo mesmo satisfeito e vendo justiça nisso. Mas ele não teria também achado um pouco demais? Emocional demais? Thoreau pode tentar, e pode de fato ter sucesso em trombetear vigorosamente como um galo, mas o trombetear de Thoreau não possui a ambição de ser o ‘canto de galo do positivismo’. Começa a segunda-feira, não Zaratustra.

Não tomem nada disso como sugerindo que eu penso que estudar Thoreau em conjunção com Nietzsche é uma má ideia (ou vice-versa). Ambos são emersonianos – mas de diferentes maneiras, tomando coisas diferentes dele, ambos agindo no espírito de Emerson, mas agindo diferentemente. (Parte da prova, assim suponho, de que Emerson não foi escravo de uma coerência tola)¹⁴.

Ocasionalmente Nietzsche dá uma espiadela para baixo, para o lugar comum, tal como Thoreau o faz, olhando para cima, para o Eterno, mas suas orientações de pensamento permanecem bastante distintas.

Thoreau escreve para uma audiência de estudantes pobres,¹⁵ não coletivamente, mas ao contrário, distributivamente, de um modo que os individualiza, que fala para o indivíduo; corações e consciências abaladas. Mesmo o trombetear de Thoreau carrega um sentido de privacidade, como se ele trombetasse apenas para mim ou apenas para você. Nietzsche escreve para todo mundo e para ninguém, massivamente, em linguagem de placas tectônicas, em graves e vastos movimentos litosféricos, falando por misteriosas forças subterrâneas, falando para o céu azul acima de nós.

“Adoramos ídolos que nos petrificam. Queremos nossos vícios de graça”

IHU On-Line – Qual o papel dos escritos de Thoreau na América de Trump?

Kelly Dean Jolley – Há uma ideia, da qual me convenci já faz um tempo, a saber, de que quanto mais consciência moral nós temos, mais nos apercebemos. *Walden* é escrito para a consciência moral individual (não há consciência moral não individual, a consciência moral sempre possui proprietário individual). Ao presidente Trump, até onde posso dizer, não apenas lhe falta uma consciência moral, mas ele possui uma aversão à consciência moral. (Quem

é Trump para dizer a Trump o que ele pode ou não pode fazer?) Uma importante razão para isso é que ele próprio não parece querer ser mais consciente, e ele por certo não quer que outros sejam mais conscientes. Ele aprisionaria a todos nós em um dúbio crepúsculo – um crepúsculo no qual nos reconciliaríamos com nossas limitações de consciência moral e apercepção por meio do fletete com coisas: telefones celulares, televisões de tela plana, roupas e carros. A saciedade substitui a clareza.

Thoreau nos forçaria a abandonar este dúbio crepúsculo, saindo para a clara luz do sol. Ele nos redirecionaria das nossas relações com as coisas para nossa relação com nós mesmos. Eu não sei se Thoreau pensaria que as linhas mais cruciais de resistência a Trump seriam traçadas entre os grupos nas ruas de Washington ou de... qualquer outro lugar da América. Eu não sei se ele pensaria que as linhas de resistência seriam traçadas entre qualquer ‘nós’ e ‘eles’. A linha mais crucial de resistência deve dividir o nosso próprio coração: eu devo ver meu rosto contra o Trump em mim mesmo, contra a gélida preguiça autoindulgente que ameaça eventualmente me consumir. Se finjo que não tenho um Trump em mim mesmo, fortaleço tanto este Trump quanto aquele na Casa Branca. Meu palpite sobre o conselho de Thoreau para nós na América de Trump (até mesmo, me atrevo a dizer, no mundo de Trump) – Desobedeça a si mesmo! Não, obviamente, no sentido de uma consciência moral desleixada, mas no sentido de adquirir um auto-comando efetivo, com força e temperança suficiente para realmente fazer aquilo que a prudência e a justiça revelam ser o correto. Se não podemos dizer não para nós mesmos, como podemos dizer não para Trump?

IHU On-Line – Existe algum eco dos temas de Thoreau em sua produção poética (Stony Lonesome). Qual sua avaliação da poesia de Thoreau?

Kelly Dean Jolley – Minha im-

13 Quarto capítulo de “Crepúsculo dos Ídolos”.

14 Referência a outro ensaio de Emerson, *Self-Reliance* (Autoconfiança): “Uma coerência tola é o bicho-papão de mentes mesquinhas”. *Ensaíos*,

Editora Imago, tradução de Carlos Graieb e José Marcos Mariani de Macedo, 1994.

15 “Talvez estas páginas se destinem mais especificamente a estudantes pobres.” *Walden*. Tradução Denise Bottmann, L&PM, 2010.

pressão é que a poesia de Thoreau não é muito lida. Se isso está correto, é uma lástima; sua poesia é realmente muito boa. Mas é verdade que a melhor poesia de Thoreau está no próprio *Walden*, naquelas passagens do livro que – vistas a partir do ângulo correto – claramente antecipam algo do melhor da poesia de Francis Ponge (considere, por exemplo, “*The Frog*” de Ponge). São estas passagens que mais influenciaram minha própria poesia, de algum modo mais do que sua reconhecida poesia que tem um pouco menos de prosa – conjuntamente com as várias observações de Thoreau sobre escrever, com mais ênfase em suas observações sobre escrever e ver, sobre ver como um escritor e escrever como alguém que vê.

Dou um passo atrás na hora de comparar minha poesia com a poesia de Thoreau, mas vou brevemente fazê-lo. Como Thoreau, me importo com o lugar, com o sentido do lugar. Fico feliz em escrever poesia que se interessa ela mesma pelo abstrato. E, mais importante, sou ilimitadamente fascinado com caminhos, trilhas, riachos, lagos, árvores e celeiros. Acredito que possuem um significado neles mesmos e que podem suportar o olhar *sub specie aeterni* – porque um tal olhar, corretamente praticado, não vê através das coisas mas vê as coisas mesmas, em toda sua imponderável imediatez. Este grande leitor de Thoreau, Henry Bugbee, escreve em *Inward Morning*:

“As coisas enquanto densas e opacas permanecem firmes na luz da eternidade; e capturam a luz. Tomar aquilo que existe como existindo, e não como um símbolo para alguma outra coisa; encontrar algo para o qual se dá total atenção, e não meramente forçar por seu intermédio a busca de algo que está além, ou ter nesse algo apenas uma mensagem ao mesmo tempo direcionando a mente para longe e para outras coisas; tal é a experiência das coisas como eternas, no ato de serem forçadas. Experimentar as coisas em sua densidade é experimentar a limita-

ção na realidade. Mas a mente ágil e a alma distraída militam contra a verdadeira percepção, pois a verdadeira percepção requer quietude na presença das coisas, requer a recepção ativa e aberta do presente ilimitado das coisas.”

Experimentar as coisas em sua densidade, tal como elas capturam a luz da eternidade: eis um objetivo para um poeta thoreauviano. E como todas as expressões que são pretensiosas, é profundamente humilhante, pois nunca cheguei nem perto de fazê-lo, apesar de inclinar a mim e as minhas palavras por este caminho repetidamente.

“Viveremos vidas daquilo que Aleksandr Solzhenitsyn chamou de ‘liberdade amordaçada’”

IHU On-Line – Edward Snowden¹⁶ seria uma correta personificação do ideal de desobediência civil em termos que Thoreau aprovaria?

Kelly Dean Jolley – Com frequência eu penso naquela passagem de ‘Economia’ em que Thoreau fala do tráfico de escravos.¹⁷ A passa-

¹⁶ **Edward Joseph Snowden** (1983): analista de sistemas, ex-funcionário da CIA e da NSA, a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos. Tornou-se conhecido por revelar detalhes do sistema de Vigilância Global norte-americano. Sobre o tema, acesse “*Abandonar Snowden é uma causa indigna*”. Entrevista especial com Sérgio Amadeu, no de 19-12-2013, disponível em <http://bit.ly/ihusnowden>, no sítio do IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ “As vezes eu me admiro como podemos ser tão, digamos, frívolos em nos ocupar com a forma de cativo - grave, é certo, mas um tanto estrangeira - chamada Escravidão Negra, enquanto existem tantos senhores sutis e ardilosos que escravizam o Norte e o Sul. Já é ruim ter um capataz do sul; pior é ter um do norte; mas o pior mesmo é quando você é seu próprio feitor.” *Walden*. Tradução Denise Bottmann, L&PM, 2010.

gem pode ser lida como se Thoreau falhasse em condenar a escravidão como deveria. Mas esse não é o jeito certo de lê-la. Seu ponto é que a escravidão existe de várias formas, a Sulista, por certo – uma forma que ele denomina ‘grave, mas um tanto estrangeira’ –, mas também a Nortista, menos grave, no entanto mais nativa. E, a pior de todas, aquela forma de escravidão do eu que é o quinhão da maioria de nós, autoescravidão.

Thoreau não está tentando ranquear estas escravidões como enfermidades sociais, em razão de suas consequências, mas antes como males morais, em razão de suas estruturas. A forma sulista, a qual, lembremos, sabemos que Thoreau execrou, é nesse contexto tratada como menos ruim do que as outras duas porque não há culpabilidade como tal que recaia sobre os próprios escravos. Cada uma das outras duas demandam, em diferentes graus e de diferentes modos, que o escravo seja culpável por seu status como escravo. Ele poderia ter feito outras escolhas. Ele poderia ter vivido de outros modos. Ele também poderia ajudar a acabar com a escravidão forçada daqueles do Sul, para a qual sua escravidão voluntária contribui. Thoreau escreve em seu ensaio sobre John Brown¹⁸ que:

“Nossos inimigos estão em meio a nós e à nossa volta. Dificilmente haverá uma casa que não esteja dividida, pois o nosso adversário nada mais é do que a obduração da cabeça e do coração, a falta de vitalidade no homem, que é efeito de nosso vício; e daí nascem o temor, a superstição, a intolerância, a perseguição, e toda espécie de

¹⁸ **John Brown** (1800-1859): foi um abolicionista norte-americano. Ao longo da década de 1850, defendeu e praticou ações armadas com o objetivo de abolir a escravidão nos Estados Unidos da América. Liderou, em 1856, o Massacre de Pottawatomie, no Kansas. Na ação, cinco pessoas foram mortas. Sua fama veio, principalmente, em função da fracassada ação no ataque ao arsenal de Harpers Ferry, quando acabou preso. O ataque ocorreu em 1859. Brown foi julgado e condenado à morte por enforcamento. Ao longo do julgamento, seus discursos ganharam projeção nacional. Brown foi chamado, entre outras alcunhas, de “o mais controverso norte-americano do século XIX” e “o primeiro terrorista doméstico dos EUA”. (Nota da **IHU On-Line**)

escravidão. Somos meras figuras de proa num casco de navio, com figados em lugar de corações. A maldição é o culto dos ídolos, que por fim converte o próprio adorador em imagem de pedra...¹⁹

Quando penso em pessoas como Edward Snowden – que eu não conheço e sobre cujo caráter estou desinformado –, pondero sobre nossa reação a eles. Snowden é um herói da desobediência civil? Não vejo razões para negar. Viva Snowden! Mas o que aprendemos com ele? Ele aumenta nosso desejo de desenraizar os inimigos de nosso próprio peito – a obduração de nossos corações, nossa carência de calor vital? Ou queremos animar os demais, como se seus peitos fossem de madeira mas o nosso de carne? Perguntamos o que há em nós mesmos que nos impele a viver em um Panóptico²⁰ do *Five Eyes*²¹? Por que tolerar a vigilância constante? O que estamos ganhando em troca? Podemos viver a vida que atualmente desejamos sem nos tornarmos alvo da vigilância global? É difícil acre-

ditar que não estejamos ainda mais preocupados com essas perguntas. Mas não estamos, não é?

Ao invés disso olhamos com condescendência para a *Five Eyes* e desejamos fugir do Panóptico, enquanto vivemos a vida do “Panóptico”. Queremos acesso instantâneo a tudo, sem lembrar que estamos sendo contados nesse tudo. (O que realmente queremos é ver tudo sem ser visto, tal como o olho que limita o campo visual no *Tractatus*²²)²³. Adoramos ídolos que nos petrificam. Queremos nossos vícios de graça. Viveremos vidas daquilo que Aleksandr Solzhenitsyn²⁴ chamou de ‘liberdade amor-

daçada’ apenas para que possamos ter as coisas que desejamos. Snowden deveria nos lembrar deste fato. E então, após chegar a algum acordo justo com nós mesmos, talvez possamos procurar um acordo justo com o *Five Eyes* sem abrir mão docilmente da coisa que propriamente seguimos protestando aos berros que nunca iríamos conceder.

IHU On-Line – A literatura secundária sobre Thoreau, produzida por filósofos, tem crescido a olhos vistos. Algum comentador ou texto recente despertou sua atenção de forma especial?

Kelly Dean Jolley – Não acompanho os trabalhos acadêmicos sobre Thoreau de um modo disciplinado. A obra recente de Ed Mooney²⁵ significa muito para mim. Mas o trabalho que mais interessa é mais antigo, e não é, propriamente, trabalho acadêmico sobre Thoreau: *Inward Morning* de Henry Bugbee e seus ensaios, *The Individual and the New World* de John M. Anderson e *Personal Destinies* de David Norton. O que realmente importa sobre *Walden* é para onde você vai a partir dele. Thoreau ele mesmo não permaneceu parado. ■

19 *Um apelo em prol do Capitão John Brown*, em *A Desobediência Civil e Outros Ensaios*, Editora Cultrix, 1987, tradução de José Paulo Paes.

20 Referência à penitenciária ideal projetada por Jeremy Bentham. (Nota do Tradutor)

21 Referência a uma aliança para troca de informações e vigilância global entre Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Nova Zelândia e Austrália. Detalhes sobre as operações da *Five Eyes* foram vazados por Edward Snowden em 2013. (Nota do Tradutor)

22 *Tractatus Logico-Philosophicus*: único livro publicado em vida pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein. Foi escrito enquanto ele era um soldado, durante a Primeira Guerra Mundial, em 1918. Publicado em alemão em 1921 como *Logisch-Philosophische Abhandlung*, atualmente é amplamente considerado uma das mais importantes obras de filosofia do século XX. O título em latim foi sugerido pelo filósofo G. E. Moore, em homenagem ao *Tractatus Theologico-Politicus* de Espinosa. (Nota da IHU On-Line)

23 Referência à proposição 5.633: “Onde no mundo se há de notar um sujeito metafísico? Você diz que tudo se passa aqui como no caso do olho e do campo visual. Mas o olho você realmente não vê. E nada no campo visual permite concluir que é visto por um olho.” Editora Edusp, 1993, tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. (Nota do Tradutor)

24 **Alexander Issaiévich Soljenitsin** (1918-2008): foi um romancista, dramaturgo e historiador russo cujas obras construíram e celebrizaram a imagem que o mundo tem a respeito dos gulags, sistema prisional baseado em trabalhos forçados existente na antiga União Soviética. Recebeu o Nobel de Literatura de 1970. A sua postura crítica sobre o que considerava o esmagamento da liberdade individual pelo Estado onnipotente e totalitário implicou a expulsão do autor do país natal e a retirada da respectiva nacionalidade em 1974. (Nota

da IHU On-Line)

25 On Søren Kierkegaard: Dialogue, Polemics, Lost Intimacy, and Time. (Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2017). (Nota da IHU On-Line)

Mostra e comercialização de produtos,
todas as quartas e sextas

ECOFEIRA UNISINOS

10h às 18h – quartas-feiras | Local: em frente ao Instituto HumanitasUnisinos - IHU
11h às 14h – sextas-feiras | Local: Complexo Tecnológico Unitec

ihu.unisinos.br



Enxovalhando Thoreau

Edward Mooney | Tradução: Eduardo Vicentini de Medeiros

Em seu artigo, Edward Mooney chama atenção para a densidade do pensamento de Thoreau. “Thoreau nos leva continuamente para profundezas inexploradas e tonificantes do desejo humano e para percepções possíveis extremamente maravilhosas, deslumbrantes. Quando a trilha se complica ou a subida fica muito árdua, alguns abandonam a caminhada e escrevem uma reclamação”, pondera Mooney, em artigo enviado à IHU On-Line.

Edward F. Mooney é professor no departamento de Religião e Filosofia da Universidade de Siracusa, no Estado de Nova Iorque, EUA. Dedicou-se à abordagem de diversos autores, entre eles, Thoreau, Stanley Cavell, Martha Nussbaum, Lao Tzu, Herman Melville, Emily Dickinson, Soren Kierkegaard, Martin Heidegger e Iris Murdoch. É autor de diversas obras, das quais destacamos, *Lost Intimacy in American Thought: Recovering Personal Philosophy From Thoreau to Cavell* (Bloomsbury Academic: 2009); *Repetition and Philosophical Crumbs* (Oxford University Press: 2009), escrito em parceria com M.G. Piety; e *Ethics, Love, and Faith in Kierkegaard: Philosophical Engagements* (Indiana University Press, 2008); *On Søren Kierkegaard: Dialogue, Polemics, Lost Intimacy, and Time*. (Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2017)

Eis o artigo.

47

Será que eu sou tão estranho ou melindroso por pensar que ‘escória’ é um rótulo desagradável, senão vulgar, para ter pregado às costas?

Em ‘*Pond Scum*’¹ (*The New Yorker*, 19 de Outubro de 2016), Kathryn Schultz faz exatamente isso quando apresenta um Thoreau ‘horrrível’, ‘misantropo’. Deixando de lado a vulgaridade de saudá-lo dessa maneira, o artigo oferece uma representação profundamente distorcida do icônico escritor das florestas e lagos, rios, campinas e montanhas².

Pode parecer surpreendente, mas Thoreau amou as pessoas tanto quanto os lagos. Ele criou um saudável pântano ao redor da sepultura de seu irmão em Sleepy Hollow³ para que os nutrientes de John pudessem ser naturalmente reciclados. Por amor, ele quis alongar a vida de John⁴.

¹ <http://www.newyorker.com/magazine/2015/10/19/pond-scum>. Literalmente, “Escória do Lago”. “Pond Scum” é o nome dado para a película esverdeada na superfície de águas paradas, formada por algas de variados tipos. “Pond Scum” também é uma gíria pejorativa, um insulto para designar uma pessoa sem princípios. (Nota do tradutor)

² Para discussões detalhadas veja meus *Excursions with Thoreau: Philosophy, Poetry, Religion*, Bloomsbury (2015), e *Lost Intimacy in American Thought: Recovering Personal Philosophy From Thoreau to Cavell*, Continuum (2009). (NT: não há tradução para o português dessas obras.) (Nota do autor)

³ Nome do famoso cemitério da cidade de Concord onde estão enterrados, entre outros, Ralph Waldo Emerson, Nathaniel Hawthorne, Louisa May Alcott e Thoreau. (Nota do tradutor)

⁴ Sobre o pântano ao redor da sepultura de John Thoreau e para seu obituário de uma mulher que doutra forma passaria desconhecida, ver Branka Arsić’s, *Bird Relics: Grief and Vitalism in Thoreau* (Harvard, 2015, pp. 385-7). O obituário para Anna Jones está em *Yeoman’s Gazette*, 1837, e discutido por Arsić, pp. 340-6. (NT: não há tradução brasileira do livro mencionado.) (Nota do autor)

“O Êxtase da Influência”⁵ (*The New Yorker*, 9 de Setembro de 2016) nos dá uma reveladora digressão de Emerson, que fala da exuberante afeição de seu protegido para com as crianças: “Thoreau encantava Waldo [o filho de cinco anos de Emerson] com uma variedade de brinquedos, apitos, botes, arminhas e todo tipo de instrumentos que ele podia fabricar e consertar. Ele era famoso por planejar as brincadeiras de sábado para os meninos da vizinhança”.

Embora ele seja acusado de misantropia por Schultz e outros, Thoreau poderia olhar para as multidões na feira da cidade e exclamar: “Eu amo esses filhos da terra, amo cada filho e cada mãe, com seus grandes corações sinceros⁶, correndo em rebanhos, tumultuosamente, de espetáculo para espetáculo.”⁷ E então essa impressionante confissão: “Mesmo os exaustos trabalhadores que encontro na estrada, eu os reconheço realmente como deuses viajantes”.⁸

Ele amou profundamente seu irmão. Seu primeiro livro, *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*, comemora suas vidas compartilhadas. Ele não esquece os amigos com quem caminhou regularmente, nem o lenhador canadense apresentado em *Walden*. Os dois leem em voz alta, os braços quase enlaçados, com foco na cena da *Íliada* onde Aquiles e Pátroclo renovam sua amável amizade.

* * *

Schultz não é a primeira a descarregar em Thoreau. Uma cadeia de expletivas – ‘hipócrita’, ‘misantropo’, ‘pedante’ – o segue de forma previsível como cães que latem, tanto na imprensa quanto na conversa casual. Por que os críticos mordiscam os seus calcanhares?

Por uma coisa, Thoreau ama provocar com sentimentos inesperados e impopulares. Os sentimentos não se ajustam a um único padrão, fazendo com que seja fácil pinçar sentenças apropriadas para ofender particularmente os incautos.

Então, novamente, talvez seja “*A Angústia da Influência*” de Harold Bloom⁹ – ao invés de um mais edificante êxtase de influência¹⁰. Se Thoreau ganha tração cultural demais, os cães de guarda mal-humorados ficam ansiosos e nos dão o aviso.

Um ícone cultural ou político grandioso brinda a tentadora oportunidade de revelar seus pés de barro. Este é um grande expediente de nivelamento. É um triste lugar-comum que a leitura crítica usualmente signifique minar, e raramente recomendar generosamente. Quanto maior a estatura do escritor em questão, maior o potencial para o vitupério. O resultado? “*Pond Scum*”, “*Horrível Thoreau*”, “*Misantropo*”, “*Hipócrita se fazendo de santo*”. A primeira coisa que Thoreau publicou foi um obituário no jornal local para uma mulher sem maior destaque, que doutra sorte teria sido esquecida. É como se ele não considerasse qualquer vida como passível de ser esquecida.

* * *

Ninguém gosta de ficar recebendo sermão, mas Thoreau não é um moralista inveterado, a não ser em suas aguerridas polêmicas políticas – digamos em sua defesa de John Brown.¹¹ Em escritos como *Walden* ele fica muito mais perto da postura reflexiva e, no mais das vezes, gentil de Rousseau¹² em *Devaneios de um Caminhante Solitário*. A senhora Schultz não está sozinha ao apresentar grande dificuldade para ouvir os devaneios e as reflexões de Thoreau, suas ironias,

⁵ <http://www.newyorker.com/magazine/2015/09/07/ecstasy-of-influence>. (Nota do autor)

⁶ Para ‘corações sinceros’ veja *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack* (Princeton, 1980, p. 358). (NT: não há tradução brasileira completa desta obra, tão somente do capítulo *Domingo* pela Editora Ibrasa (1964), na coletânea *Escritos selecionados sobre natureza e liberdade*. Série Clássicos da Democracia, vol. 25. Tradução de Aydano Arruda.) (Nota do tradutor)

⁷ *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*, capítulo *Sexta-feira*, parágrafo quinto. (Nota do autor)

⁸ *Diários*, 15 de Agosto de 1845. (NT: não há tradução brasileira)

⁹ **Harold Bloom (1930)**: professor e crítico literário norte-americano, conhecido como humanista porque sempre defendeu os poetas românticos do século XIX. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ “*A Angústia da Influência*” (Oxford, 1975) de Harold Bloom considera o sofrimento dos poetas perante as realizações esmagadoras de seus predecessores. Por que não supor que os críticos sofrem perante as realizações esmagadoras de escritores originais? (NT: publicado no Brasil pela Editora Imago.) (Nota do autor)

¹¹ É possível encontrar a defesa de John Brown feita por Thoreau em quase qualquer coleção de seus ensaios. (NT: No Brasil, encontramos “*Um apelo em prol do Capitão John Brown*” publicado na coletânea “*Desobediência Civil e Outros Ensaios*” com tradução de José Paulo Paes para Editora Cultrix, 1987.) (Nota do autor)

¹² **Jean Jacques Rousseau (1712-1778)**: filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriram um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-4-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

gracejos e hipérboles. As excursões bem elaboradas de *Walden* pela paródia, hipérbole e devaneio (e semelhantes) não são feitas para anunciar doutrinas ou para empurrar dogmas goela abaixo. Thoreau é um mestre do exagero engenhoso e da caricatura perversa.

Quanto de seu capítulo de abertura, *Economia*, é, ligeiramente, uma elaboração irônica de “Um tostão poupado é um tostão ganhado” de Franklin? Um outro capítulo, *Leitura*, mostra ele desejando que todas as pessoas de sua cidade pudessem ler os clássicos em suas línguas de origem. Ele candidamente chama alguns dos momentos mais extravagantes de sua escrita de “devaneios”.¹³

Um trem de carga ouvido do outro lado do lago é uma indicação de comercialismo suspeito¹⁴ (para não dizer barulho) mas, como em um sonho, também liberta “sua nuvem de vapor como um estandarte ondeando atrás de si guirlandas douradas e prateadas.”¹⁵

Uma página mais e ele se mostra fascinado pela heroica entrega por meio dos trilhos de uma quantidade de produtos intrigantes. Cada vagão do comboio carrega significados inesperados:

“Essa carga de velas de lona rasgadas é mais legível e interessante agora do que convertida em papel e livros impressos.”¹⁶

Ouvir erroneamente os tons de voz sutis, seus registros e modulações, acarreta em imputações terrivelmente equivocadas. Não precisamos comprar a ideia de um “Santo Henry”, mas a alternativa não precisa ser um amargo e pobre “Horível Henry”.

Thoreau nos leva continuamente para profundezas inexploradas e tonificantes do desejo humano e para percepções possíveis extremamente maravilhosas, deslumbrantes. Quando a trilha se complica ou a subida fica muito árdua, alguns abandonam a caminhada e escrevem uma reclamação.

Depois dessas palavras mordazes, ocorreu-me um pensamento que, ao contrário, é bastante caprichoso: talvez compreender Thoreau é como compreender uma viagem ao redor do mundo, você compreende um dia de cada vez, e tenta acompanhar a conversa na medida em que ela muda e se lança desta ou daquela maneira, tal como crianças brincando. E lembre-se que para toda paisagem cambiante, há um fio condutor – por mais difícil que seja recriá-lo sem começar a viagem novamente. É claro que suas viagens paravam antes de ir muito além do Maine, Minnesota, Staten Island e do Monte Greylock. Mas cobriram mundos¹⁷. ■

13 *Walden, Os Lagos*, p. 185. Edição L&PM, tradução Denise Bottmann. (Nota do tradutor)

14 Para suas extensas e cambiantes opiniões sobre os trens de carga, veja *Walden*, no capítulo *Sons*. (Nota do tradutor)

15 *Walden, Sons*, p. 117. (Nota do tradutor)

16 *Walden, Sons*, p. 120. (Nota do tradutor)

17 Para uma maravilhosa navegação, veja *The Journal of Henry D. Thoreau*, Bradford Torrey (ed.) (Houghton Mifflin, 2006) Vols I–XIV, disponível on-line: The Writings of Henry David Thoreau: The Digital Collection. (Nota do autor)

Leia mais

- **A sensibilidade religiosa de Thoreau.** Artigo de Edward F. Mooney, publicado em *CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA*, número 123, disponível em <http://bit.ly/2wqAOv4>.

ObservaSin

OBSERVATÓRIO DA REALIDADE E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS
DO VALE DO RIO DOS SINOS



Despertar do sono dogmático para ler o mundo

Paulo Faria descreve a profunda raiz filosófica de Thoreau, que joga luz sobre as contradições de seu tempo

Eduardo Vicentini de Medeiros | Edição: Ricardo Machado

Os escritos de Henry David Thoreau foram alçados ao status de textos, também, filosóficos por Stanley Cavell, que fez uma leitura de *Walden* a partir do cânon acadêmico. “Cavell introduziu como chave de leitura a filiação do pensamento de Thoreau à filosofia transcendental de Kant, que lhe teria chegado pela via da recepção de Kant no Romantismo britânico (Coleridge, Wordsworth, Carlyle) e no transcendentalismo da Nova Inglaterra, notadamente em Emerson”, analisa o professor e pesquisador Paulo Faria, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

O professor chama atenção para o descompasso da promessa de liberdade sob a qual os Estados Unidos são fundados e a sua não realização. “Um dos temas centrais de *Walden*, assim como dos escritos políticos de Thoreau, é que a promessa dos Estados Unidos (a que encontramos em documentos fundadores como a Declaração de Independência) não se cumpriu”, pondera. Reconhecer estas contradições implica ter uma visão atenta sobre o mundo, significa ter força para acordar do sonambulismo dogmático e ler o mundo com seriedade, como diria Thoreau. “Ler seriamente é tratar a leitura como a ocasião de um trabalho sobre si mesmo

– é reconhecer no texto uma provocação (do latim *pro-vocare*, literalmente ‘chamar à frente’) endereçada ao leitor, para que ele reconstrua sua consciência e sua vida ao contemplá-las no espelho que lhe é endereçado pelo escritor”, pontua.

Paulo Francisco Estrella Faria é doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, tendo participado como pesquisador visitante na Universidade de Nova York, na Universidade Rutgers, no Instituto Jean Nicod em Paris e na Universidade de Chicago. Foi fundador e vice-presidente, entre 2010-2012, da Associação Latino-americana de Filosofia Analítica - ALFAN. Atualmente é professor da UFRGS. Suas áreas de atuação são a metafísica e a epistemologia, as filosofias da lógica e da linguagem, e a história da filosofia analítica.

O entrevistado apresenta a conferência ***Escrita como prestação de contas e Desobediência Civil***, no dia 30-8-2017, na Unisinos Porto Alegre, a partir das 18 horas. A palestra integra o evento **VII Colóquio Internacional IHU – Caminhando e desobedecendo. Thoreau 200 anos.**

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Thoreau foi homenageado por dois compositores norte-americanos emblemáticos para a estética contemporânea: Charles Ives¹

¹ **Charles (Edward) Ives** (1874-1954): foi um compositor norte-americano. Sua música é marcada por uma integração das tradições musicais euro-

e John Cage². Seria correto di-

peias e americanas, inovações no ritmo, harmonia e forma, e uma capacidade inigualável para invocar os sons e sensações da vida dos americanos. É considerado o principal compositor dos Estados Unidos do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

² **John Milton Cage Jr.** (1912-1992): foi um compositor, teórico musical, escritor e artista dos Estados Unidos. Cage foi um pioneiro da música aleatória, da música eletroacústica, do uso de instrumentos não convencionais, bem como do uso

zer que a sensibilidade musical de Thoreau estava em descompasso com a estética do século XIX?

não convencional de instrumentos convencionais, sendo considerado uma das figuras-chave nas vanguardas artísticas do pós-guerra. (Nota da **IHU On-Line**)

“Um dos temas centrais de *Walden*, assim como dos escritos políticos de Thoreau, é que a promessa dos Estados não se cumpriu”

Paulo Faria – Thoreau tinha certamente uma apurada sensibilidade auditiva, como atesta o capítulo ‘Sounds’ de *Walden*; e sabemos que ele tocava flauta, inclusive durante sua estadia em Walden Pond; mas não me parece que possamos dizer nada muito concreto sobre sua sensibilidade *musical*: a música é uma arte que prima por sua ausência nos escritos de Thoreau. Seria antes o caso de dizer que esses dois grandes revolucionários da música, Ives e Cage, encontraram no inconformismo de Thoreau um modelo e inspiração para seu próprio inconformismo.

IHU On-Line – Dentre os textos políticos de Thoreau que tocam diretamente no tema da escravidão, qual (ou quais) merece destaque?

Paulo Faria – Os mais importantes, a meu ver, são ‘Slavery in Massachusetts’ (1854) e ‘A Plea for Captain John Brown’ (1859).

IHU On-Line – Thoreau, a respeito da importância da leitura, afirmou “Quantos homens marcaram a data de uma nova época em suas vidas com a leitura de um livro?”. Da extensa e diversa lista de leituras de Thoreau, qual livro teria desencadeado para ele uma nova época?

Paulo Faria – É arriscado indicar um único livro no conjunto heterogêneo de leituras que marcaram

a formação de Thoreau. Mas, para jogar o jogo, arrisco-me a apontar o *Baghavad Gitâ*: ‘How much more admirable the *Bhagvat-Geeta* than all the ruins of the East!’ (*Walden*, cap. 1, ‘Economy’).

IHU On-Line – Em que momento *Walden* entra na sua vida? E qual o impacto?

Paulo Faria – Creio ter lido *Walden* pela primeira vez em 1990. Reconheci imediatamente que estava diante de um livro que marcaria duradouramente minha visão de mundo, e em particular minha concepção das relações entre filosofia e o que Descartes chamava a ‘conduta da vida’. Desde então, perdi a conta das vezes que reli *Walden*, que é, em qualquer caso, o livro que reli mais vezes em minha vida; e estou seguro de que vou continuar relendo esse livro prodigioso pelo resto da minha vida.

IHU On-Line – Como você avalia a contribuição de Stanley Cavell³ para o estudo de Thoreau no meio filosófico acadêmico?

Paulo Faria – Cavell deu uma contribuição fundamental ao publicar o primeiro estudo filosófico de fôlego sobre *Walden*, e é sem dúvida o principal responsável pela promoção de Thoreau ao cânon da história

da filosofia. Ninguém antes havia lido *Walden* como uma obra filosófica de maneira tão sistemática e fecunda. Dito isso, Cavell introduziu como chave de leitura a filiação do pensamento de Thoreau à filosofia transcendental de Kant⁴, que lhe teria chegado pela via da recepção de Kant no Romantismo britânico (Coleridge⁵, Wordsworth⁶, Carlyle⁷) e no transcendentalismo da Nova Inglaterra, notadamente em Emerson⁸.

⁴ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Samuel Taylor Coleridge** (1772-1834): comumente designado por S. T. Coleridge, foi um poeta, crítico e ensaísta inglês, considerado, ao lado de seu colega William Wordsworth, um dos fundadores do romantismo na Inglaterra. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **William Wordsworth** (1770-1850): poeta inglês, considerado um dos mais importantes do romantismo. Sua obra *Baladas líricas* (1798) influenciou de modo determinante a paisagem literária do século XIX. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Thomas Carlyle** (1795-1881): foi um escritor, historiador, ensaísta e professor escocês durante a era vitoriana. Ele chamou a economia de “ciência sombria”, escreveu artigos para a *Edinburgh Encyclopædia*, e tornou-se um polêmico comentarista social. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Ralph Waldo Emerson** (1803-1882): foi um famoso escritor, filósofo e poeta estadunidense. Fez seus estudos em Harvard para se tornar, como seu pai, ministro religioso. Foi pastor em Boston mas interrompeu essa atividade por divergências doutrinárias sobre a eucaristia. Em 1833 viaja pela Europa e encontra Mill, Coleridge, Wordsworth e

³ **Stanley Louis Cavell** (1926): filósofo americano e professor emérito de Estética e Teoria Geral do Valor na Universidade de Harvard. (Nota da **IHU On-Line**)

Essa filiação foi, a meu ver, persuasivamente impugnada por Eduardo Vicentini de Medeiros em sua tese de doutorado *Thoreau: Moralidade em Primeira Pessoa*.

IHU On-Line – Muitos intérpretes alocam a obra de Thoreau em uma longa tradição da filosofia como forma de vida. O aspecto prático da atividade filosófica é um traço intrínseco?

Paulo Faria – Que a filosofia foi uma forma de vida antes de ser teoria é a tese sustentada pelo historiador da filosofia de Pierre Hadot⁹ em todos os seus livros, notadamente em *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* e em seus livros sobre Plotino¹⁰ (*La simplicité du regard*) e Marco Aurélio¹¹ (*La citadelle intérieure*). E certamente não é coin-

cidência que Hadot, um especialista em filosofia antiga, tenha escrito um ensaio sobre Thoreau cujo título, extraído de *Walden*, é ‘Hoje em dia existem professores de filosofia, mas não filósofos’.

“Ler seriamente é tratar a leitura como a ocasião de um trabalho sobre si mesmo”

IHU On-Line – Como poderíamos medir o descompasso entre o Novo Éden prometido pelo Transcendentalismo Americano¹² e a América de Trump?

Paulo Faria – O descompasso talvez nunca tenha sido mais agudo, mas é importante assinalar que ele existia no tempo de Thoreau: um dos temas centrais de *Walden*, assim como dos escritos políticos de Thoreau, é que a promessa dos Estados Unidos (a que encontramos em documentos fundadores como a Declaração de Independência) não se cumpriu. É assim que, no capítulo ‘The Bean Field’ de *Walden*, Thoreau escreve que ele deveria ter plantado, ao invés de feijões, ‘sementes, se a semente não se perdeu, como sinceridade, simplicidade, fé, inocência e outras assim, e observado se eles não brotariam neste chão com menos cultivo e fertilização, e assegurariam meu sustento, pois certamente ele não foi exaurido no que respeita a essas colheitas. Quem dera!, digo a mim mesmo; mas agora mais um verão se foi, e mais um, e mais um, e sou obrigado a dizer, leitor, que

as sementes que eu plantei, se de fato eram as sementes daquelas virtudes, estavam bichadas e perderam sua vitalidade, e por isso não germinaram’ – passagem em que Cavell, certamente, identificou um eco de Jeremias (8:20): ‘A colheita acabou, o verão chegou ao fim, e não fomos salvos.’

IHU On-Line – Thoreau escreveria de bom grado um ensaio com o título “A plea for Aaron Swartz^{13”?}

Paulo Faria – Sim, e igualmente ‘A plea for Edward Snowden¹⁴, ‘A plea for Chelsea Manning¹⁵ e ‘A plea for Julian Assange¹⁶.

¹³ **Aaron Hillel Swartz** (1986 –2013) foi um programador estadunidense, escritor, articulador político e ativista na Internet. Swartz foi co-autor da criação do RSS. Foi um dos fundadores do Reddit e da organização ativista online Demand Progress. Foi também membro do Centro Experimental de Ética da Universidade Harvard. Em 6 de janeiro de 2011, Swartz foi preso pelas autoridades federais dos Estados Unidos, por usar a rede do Instituto de Tecnologia de Massachusetts para descarregar sem pagamento, grandes volumes de artigos da revista científica JSTOR, foi acusado pelo governo dos EUA de crime de invasão de computadores - sujeito ao cumprimento de até 35 anos de prisão mais multa de mais de um milhão de dólares - devido ao fato de ter usado formas não convencionais de acesso ao repositório da revista.[2] Ele já havia sido processado antes por publicar gratuitamente informações de domínio público que tinham seu acesso tarifado, logo restrito, mas as acusações foram retiradas. Swartz era contrário à prática da revista científica JSTOR por remunerar editoras e não remunerar os autores e cobrar o acesso aos artigos, limitando o acesso para comunidades acadêmicas. Dois anos depois, na manhã do dia 11 de janeiro de 2013, Aaron Swartz foi encontrado enforcado no seu apartamento em Crown Heights, Brooklyn - num aparente suicídio. Após a sua morte, a promotoria federal de Boston retirou as acusações contra ele. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **Edward Joseph Snowden** (1983): analista de sistemas, ex-funcionário da CIA e da NSA, a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos. Tornou-se conhecido por revelar detalhes do sistema de Vigilância Global norte-americano. Sobre o tema, acesse “*Abandonar Snowden é uma causa indigna*”. Entrevista especial com Sérgio Amadeu, no de 19-12-2013, disponível em <http://bit.ly/ihusnowden>, no sítio do IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁵ **Chelsea Elizabeth Manning** (1987): nascida sob o sexo masculino e de nome Bradley Edward Manning, é uma militar transexual do Exército dos Estados Unidos que foi presa e processada por acesso e divulgação de informações sigilosas que resultaram no escândalo conhecido como “Cablegate”, referindo-se aos telegramas diplomáticos americanos que começaram a ser publicados em novembro de 2010 por WikiLeaks e cinco grandes jornais. Sua detenção foi realizada em maio de 2010, enquanto servia às tropas norte-americanas no Iraque. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Julian Paul Assange** (1971): jornalista, escritor e ciberativista australiano. É um dos nove membros do conselho consultivo do WikiLeaks, um wiki de denúncias e vazamento de informações. É também o principal porta-voz do website. Assange estudou matemática e física, foi programador e hacker, antes de se tornar porta-voz e editor-chefe do WikiLeaks. Fundou o WikiLeaks em 2006 e faz parte do seu conselho consultivo. Politicamente, Assange se define como libertário. (Nota da **IHU On-Line**)

Carlyle, cultivando uma profunda amizade com este último. De volta aos Estados Unidos, começou a desenvolver sua filosofia “transcendentalista”, exposta em obras como *Natureza, Ensaio e Sociedade e solidão*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Pierre Hadot** (1922-2010): filósofo francês, é um dos coautores do livro *Dicionário de ética e Filosofia Moral* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). Suas pesquisas concentraram-se primeiramente nas relações entre helenismo e cristianismo, em seguida, na mística neoplatônica e na filosofia da época helenística. Elas se orientam atualmente para uma descrição geral do fenômeno espiritual que a filosofia representa. Em português, pode ser lido o livro de sua autoria *O que é a filosofia antiga?* (São Paulo: Loyola, 1999). Para uma resenha da obra, confira a revista *Síntese* 75 (1996), p. 547-551. A resenha do original francês é de Henrique C. de Lima Vaz. Em português, foi publicado, em novembro de 2014, o seu livro *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* (É Realizações Editora). (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Plotino (205-270)**: filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos gupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **César Marco Aurélio Antonino Augusto** (121 —180): conhecido como Marco Aurélio, foi imperador romano desde 161 até sua morte. Nascido Marco Anio Catílio Severo (Marcus Annius Catilius Severus), tomou o nome de Marco Anio Vero (Marcus Annius Verus) pelo casamento. Ao ser designado imperador, mudou o nome para Marco Aurélio Antonino, acrescentando-lhe os títulos de imperador, César e Augusto. Aurelius significa “dourado”, e a referência a Antoninus deve-se ao facto de ter sido adoptado pelo imperador Antonino Pio. Seu reinado foi marcado por guerras na parte oriental do Império Romano contra os partas, e na fronteira norte, contra os germanos. Foi o último dos cinco bons imperadores, e é lembrado como um governante bem-sucedido e culto; dedicou-se à filosofia, especialmente à corrente filosófica do estoicismo, e escreveu uma obra que até hoje é lida, *Meditações*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Transcendentalismo Americano**: movimento literário, político e filosófico com forte influência tanto do Romantismo Inglês e Alemão como do Idealismo kantiano e pós-kantiano. Originalmente esteve ligado à Igreja Unitarista desenvolvendo sua tese central a respeito da nossa semelhança a Deus por oposição à depravação intrínseca da natureza humana apreçoada pelo Puritanismo. (Nota da **IHU On-Line**)

“Cavell introduziu como chave de leitura a filiação do pensamento de Thoreau à filosofia transcendental de Kant”

IHU On-Line – A escrita de Thoreau teria alguma vocação especial para manter despertos seus leitores mesmo quando todos os demais já foram dormir? Prestar contas é o melhor antidoto para o sono dogmático?

Paulo Faria – Thoreau concebe sua escrita, notadamente a escrita de *Walden*, que apresenta meticulosamente os custos e ganhos desse formidável experimento com a própria vida que foi a estadia em Walden Pond, como uma prestação de contas – esse é o tema do primeiro capítulo do livro, ‘Economia’. Mas ele também se queixa de que ninguém se tenha prontificado a auditar essas contas, o que equivale a dizer que (àquela altura, em todo caso) ele ainda não encontrou, numa época em que a maioria dos homens vive vidas de ‘quieto desespero’, de conformismo e resignação, os leitores que trocarão o sono dogmático pela vigília que é a ‘vida examinada’. Dito isso (mas demonstrá-lo seria uma longa e demorada tarefa), a escrita de Thoreau, na sua pletora de recursos retóricos (paráfrase, ironia, paradoxo, exagero) é cuidadosamente calculada para, a todo instante, surpreender e ‘acordar’

o leitor – como a ferroada desse zangão que, segundo Platão¹⁷, impedia os atenienses de ‘dormirem o tempo todo’, o ironista Sócrates.

IHU On-Line - O que significa ler seriamente, nos termos de Thoreau? É uma atividade silenciosa e solitária por excelência, aos moldes de Proust¹⁸?

Paulo Faria – Ler seriamente é tratar a leitura como a ocasião de um trabalho sobre si mesmo – é reconhecer no texto uma provocação (do latim *pro-vocare*, literalmente ‘chamar à frente’) endereçada ao leitor, para que ele reconstrua sua consciência e sua vida ao contemplá-las no espelho que lhe é endereçado pelo escritor. Essa é, também, a concepção da leitura que encontramos em Proust¹⁹, notadamente na introdução (“Sobre a leitura”) a sua tradução de *Sesame and Lilies* de John Ruskin²⁰, e no último volume (*O Tempo Reencontrado*) do colossal *Em Busca do Tempo Per-*

17 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 4-9-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-5-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://bit.ly/2j0YCw8>. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Marcel Proust** [Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust] (1871-1922): escritor francês célebre por sua obra *À la recherche du temps perdu* (Em Busca do Tempo Perdido), publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Marcel Proust** [Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust] (1871-1922): escritor francês célebre por sua obra *À la recherche du temps perdu* (Em Busca do Tempo Perdido), publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **John Ruskin** (1819-1900): foi um escritor mais lembrado por seu trabalho como crítico de arte e crítico social britânico. Foi também poeta e desenhista. Os ensaios de Ruskin sobre arte e arquitetura foram extremamente influentes na era Vitoriana, repercutindo até hoje. (Nota da **IHU On-Line**)

didô. É quase certo que Proust nunca leu Thoreau; mas é certo, em troca, que ele leu e admirou Emerson, citado várias vezes em seu primeiro livro, *Os Prazeres e os Dias*. E é certo também que para Emerson e Thoreau, como para Proust, esse trabalho sobre si mesmo é uma tarefa pessoal e intransferível, que só pode ser levada a cabo ‘nesse maravilhoso milagre da leitura que é a comunicação em plena solidão’ (Proust, nota à tradução de *Sesame and Lilies*), trabalho que ‘só pode ser profundo na solidão ou nessa solidão povoada que é a leitura.’ (*Ibid.*)

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Paulo Faria – Isto apenas: ‘O homem que não acredita que cada dia contém uma hora anterior, mais sagrada e próxima da aurora que o que ele até aqui profanou desesperou da vida, e está segundo um caminho descendente e obscurecente. (...) Manhã é quando eu acordo e há uma aurora em mim. A reforma moral é o esforço de espantar o sono. Por que é que os homens dão contas tão empobrecidas do seu dia, se não é porque estiveram dormindo? Eles não são calculadores tão ruins assim. Se não estivessem estado tomados pela sonolência, teriam realizado alguma coisa. Os milhões estão despertos o bastante para o trabalho corporal; mas só um em cada milhão está desperto o bastante para o esforço intelectual efetivo, e um em cada cem milhões para uma vida poética ou divina. Eu nunca encontrei um homem que estivesse realmente acordado. Como poderia tê-lo olhado no rosto?’ (*Walden*, cap. 2, ‘Onde eu vivi, e para que e eu vivi’). ■



Giorgio Agamben
A força de um pensamento que percebeu o traço profano da racionalidade moderna

ihu.unisinos.br medium.com/@_ihu

Thoreau para além de seu próprio tempo

Denise Bottmann chama atenção para a fecundidade e atualidade do pensamento do escritor da desobediência civil

Eduardo Vicentini de Medeiros | Edição: Ricardo Machado

Há muitos estudos acadêmicos em torno da influência do pensamento e da amizade de Ralph Waldo Emerson sobre a obra de Thoreau. Entretanto, alerta Denise Bottmann, tradutora de *Walden* no Brasil, nem tudo eram flores. “Emerson é um bobo; não gosto dele e foi muito mal-educado e prepotente com Thoreau, mesmo em vida. E é uma bobagem isso, ‘a fonte da poesia, em sua percepção espiritual’. Um conceito do romantismo inglês meio mal digerido, a meu ver. E convenhamos: Emerson, embora considerasse seus próprios poemas como o suprasumo, era bem medíocre como poeta, esse ser sublime, segundo ele. Emerson jamais chegou e jamais chegaria aos pés de Thoreau”, considera Denise em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Perspicaz, a entrevistada chama atenção, ao lembrar do episódio que inspirou *Desobediência Civil*, para a habilidade de Thoreau em “converter uma miudeza idiossincrática num grande bafafá e, depois, numa imponente reflexão política”. “A cena da tia – supõe-se que foi ela –, morrendo de medo da vergonha que a família passaria, indo à noite à delegacia quitar o débito e pedir que o soltassem, é cômica: ‘Não, já tirei as botas para ir deitar; solto amanhã’. E para convencer Thoreau a sair da cadeia na manhã se-

guinte? Só saiu dali arrastado: ‘Não fui eu que paguei; tenho o **direito** de continuar preso!’ – e furioso com a tia por ter saldado a dívida”, descreve Denise Bottmann. Além disso, para a tradutora, a força da literatura e do pensamento de Thoreau reside em sua dimensão trans-temporal. “Sua contemporaneidade ou, melhor dizendo, sua fecundidade pôde ser resgatada, por exemplo, por um Cage. Algum dia lhe farão justiça, removendo o coscorão emersoniano que ainda adere a ele”, complementa.

Denise Guimarães Bottmann é graduada em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, mestra em História pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, onde também iniciou o doutorado sem concluí-lo. Atua na área de tradução de obras de literatura e humanidades desde 1984 e dedica-se a pesquisas sobre a história da tradução no Brasil.

Denise apresenta o painel “**O apelo da Natureza**”, juntamente com o prof. Dr. Flávio Williges – UFSM, no dia 29-8-2017, na Unisinos Campus Porto Alegre, às 19h30. O evento integra a programação do **VII Colóquio Internacional IHU – Caminhando e desobedecendo. Thoreau 200 anos**.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Muitos leitores abandonam *Walden* no primeiro capítulo, Economia. Em uma obra que foi tão meticulosamente pensada, você conseguiria imaginar alguma razão literária para apresentar metodicamente, no capítulo ini-

cial, tabelas detalhadas sobre os gastos para construir uma cabana, alimentação ou lavar a roupa?

Denise Bottmann – “Economy”, como tantos ensaios de Thoreau, foi apresentada como palestra, nota-se

o formato de palestra (como, aliás, constava na versão inicial do texto: *lecture*, em vez de *book*), e foi preferida algumas vezes em Concord antes da publicação. Agora, por que deixou de ser introdução e se tornou o primeiro capítulo, é uma boa questão. A meu ver, é porque Thoreau a

“Da arte de converter uma miudeza idiossincrática num grande bafafá e, depois, numa imponente reflexão política”

considerava parte integrante, não um prefácio, não algo relativamente independente do corpo da obra. O detalhamento das despesas – e que, ao todo, não passam de quatro ou cinco, e não ocupam mais de três páginas em trechos salteados, num total de setenta – chego a considerar cômico, aquela mania detalhista de Thoreau de martelar seu ponto, de insistir em seus argumentos até a exaustão, e sempre num tom muito divertido, dando um certo colorido meio inesperado.

É complexa a questão; entrelaçam-se muitos elementos, declarações de princípio, dados de fato etc., mas eu não descartaria alguma razão não digo “literária”, mas retórica, sim, certamente. Além disso, uma das razões “internas”, além do esforço retórico de persuasão dos ouvintes/leitores, talvez seja também de ordem, digamos, expositivo-moral: por exemplo, a prestação de contas, coisa que Thoreau julga fundamental como atitude na vida. Se partirmos do princípio – que me parece desejável – de respeitar a formulação do autor e tentar entendê-la tal como se apresenta, creio que uma “leitura cerrada”, um *close reading*, como dizem, poderia revelar inúmeras surpresas muito gratificantes. Creio que um curso maravilhoso poderia ser a leitura conjunta, em sala de aula, desse capítulo inicial. Às vezes, mesmo inconscientemente, as pessoas buscam um determinado andamento, esperam uma sequência de raciocínios e se desapontam ou se enfaram quando não encontram um tipo de estruturação que lhes seja mais familiar. A questão é ler. Ter

paciência, ler e tentar entender o que e como o autor formulou. Uma pena que, como você diz, muitos leitores abandonem o livro no primeiro capítulo. Lamento por eles.

IHU On-Line – Lendo *Walden*¹ é um precioso repositório de informações sobre Thoreau em língua portuguesa e já conta com mais de 115 mil visitas. Quais foram suas maiores surpresas na pesquisa da tradução? Alguma que você não tenha ainda compartilhado com seus leitores?

Denise Bottmann – São tantas, e pequeninas, mas também grandes, sob a lupa com que sempre trabalha um tradutor. Agora, quanto ao indivíduo Thoreau, minha admiração (e perplexidade também) só faz crescer. Figura admirável. Admirável mesmo. Gostaria de tê-lo conhecido. No fundo, acho que foi uma pessoa talvez um pouco solitária, e não porque quisesse.

IHU On-Line – Quais foram as maiores dificuldades que sua tradução de *Walden* enfrentou?

Denise Bottmann – Uma estupidéz de minha parte, da qual só me dei conta depois do livro impresso (pedi à editora que corrigisse nas

edições seguintes – não sei se corrigiram). De resto, havia os usuais trocadilhos e jogos de palavras, que é a figura de linguagem mais frequente em *Walden*, que deram um razoável trabalhinho. O mais difícil mesmo foi ter a visão da obra como unidade. Quando você se dá conta, é um deslumbre.

IHU On-Line – Como você avalia o texto de *A Week on the Concord and Merrimack Rivers* em comparação com *Walden*? Podemos esperar por uma tradução sua dessa obra?

Denise Bottmann – O que acho interessante é o recurso ao mesmo princípio compositivo de condensar um determinado intervalo de tempo dentro de uma unidade temporal: em *A Week*, a quinzena que se converte em uma semana; em *Walden*, os 26 meses que se convertem em um ano com suas quatro estações. Muito bonito, isso. Por outro lado, o grau de maturidade de *Walden* é outro, incomparável. Quem sabe alguma editora se interesse por *A Week* – adoraria traduzi-lo.

IHU On-Line – O que se pode dizer sobre o trecho do discurso de Emerson por ocasião do funeral de Thoreau: “Suas poesias podiam ser boas ou medíocres; sem dúvida faltavam-lhe a facilidade lírica e a habilidade técnica, mas tinha em si a fonte da poesia, em sua percepção espiritual”?

1 Trata-se de um o blog onde Denise Bottmann registrou sua experiência ao traduzir *Walden*, uma das obras mais conhecidas de Thoreau. Os textos podem ser acessados no link <http://lendowalden.blogspot.com.br/>. (Nota da IHU On-Line)

Denise Bottmann – Emerson é um bobo; não gosto dele e foi muito mal-educado e prepotente com Thoreau, mesmo em vida. E é uma bobagem isso, “a fonte da poesia, em sua percepção espiritual”. Um conceito do romantismo inglês meio mal digerido, a meu ver. E convenhamos: Emerson, embora considerasse seus próprios poemas como o suprassumo, era bem medíocre como poeta, esse ser sublime, segundo ele. Emerson jamais chegou e jamais chegaria aos pés de Thoreau. Era um falastrão que, no fundo, nunca abandonou o púlpito de pastor, nunca renunciou ao gosto pelo exercício da autoridade. Não à toa seu filho torto Nietzsche veio a desenvolver seus conceitos de “super-homem” e de “vontade de poder” – ou de potência, como preferem alguns – a partir das ideias emersonianas de *over-soul* e *power*. Mas essa é outra história (porém, só acrescentando uma ressalva: o super-homem de Nietzsche, aliás, tem os pés na terra, como queria seu meio-irmão Thoreau).

“Emerson é um bobo; não gosto dele e foi muito mal-educado e prepotente com Thoreau, mesmo em vida”

IHU On-Line – A falsa imagem de Thoreau como um eremita, vivendo dois anos no Lago Walden sem nenhum tipo de contato social, acaba sendo um obstáculo à interpretação das implicações morais do seu texto. Alguma pista para o surgimento desta imagem na mídia americana e também no imaginário de seus leitores desavisados?

Denise Bottmann – Creio que ele mesmo, não? Multiplicam-se as passagens em *Walden* frisando e enaltecendo seu suposto isolamento, desde o começo, já na segunda linha: “eu vivia sozinho na mata”. Em “a um quilômetro e meio de qualquer vizinho”, tem-se a impressão de que ele estaria do outro lado do mundo – mas, se pensarmos em sua pequenina Concord, todos conhecendo a todos, todo mundo meio vizinho, até daria para alardear o raio de uma milha como uma enormidade. Mas, por mais que ele apregoasse seu isolamento, sua solidão e coisa e tal, sabemos que isso está longe da verdade. (Creio que ele nunca recebeu tantas visitas e nunca visitou tanto a família e os amigos em Concord como quando estava em Walden. Quase morreu de tédio quando o período mais intenso de nevascas num inverno o deixou meio sozinho durante uma semana ou dez dias.) E depois ele próprio teve certa dificuldade em se desvencilhar da imagem que tentara passar. Se a insistência em “viver sozinho” tinha como foco a ideia de autonomia, de *self-reliance*, de contar apenas com seus próprios recursos, acabou por se associar – com a vigorosa colaboração verbal do próprio Thoreau – à ideia de solidão e isolamento voluntário – ideia esta que, mais tarde, ele procurará desfazer. Aliás, Thoreau me parece um dos seres mais sociáveis ou com mais ânsia de socialidade que eu conheço. Por outro lado, esse seu discurso – e aqui sou obrigada a usar o termo “discurso” e não tanto “prática”, “vivência” etc. – em defesa da autonomia e da independência, brotando de uma mentalidade tão específica da Nova Inglaterra daquela época, parece encontrar solo fértil no ideário americano geral. Talvez ainda mais fértil no século XX, com o surgimento das grandes metrópoles, o desenvolvimento de uma vida urbana sempre mais complexa e de interdependência de todos os seus setores, a espetacularização e a neurotização crescentes da sociedade moderna etc. Fica bonito, atraente, tipo “alternativo”, “contra o sistema”, base de uma “contracultura” – um forte ímã ideológico a partir dos

anos 1950. Um mito, quase. Mas que é uma apropriação um tanto bizarra, isso lá é. Deu certo, criou raízes, porém creio que Thoreau estranharia um pouco.

IHU On-Line – A América de Trump definitivamente deu as costas para o conselho de Thoreau: “Simplifiquem, simplifiquem”?

Denise Bottmann – Não sei dizer. Alguém, não lembro quem – e sempre tem um espírito de porco nessas horas –, dizia que essa frase era só retórica e exibicionismo, pois, se ele quisesse mesmo simplificar, deveria dizer apenas “Simplifiquem”, uma vez só. Até faz sentido, mas passa longe do ponto. De todo modo, os EUA são, sempre foram, um país muito complicado.

IHU On-Line – Um aspecto pouco tratado da personalidade de Thoreau é seu fino senso de humor. Qual passagem de sua obra poderia bem exemplificar essa faceta?

Denise Bottmann – Ah, praticamente toda ela, não? Digo, *Walden*. Em *A Week* ele não tinha desenvolvido tanto – e talvez nem fosse o caso; é uma obra mais elegíaca, digamos assim – esse veio, essa retórica do humor. Creio que não se passa uma página sem que haja um trocadilho, uma ironia, uma piscadela ao leitor e um visível prazer nisso. Aliás, a forma de humor mais recorrente, quase que uma membrana envolvendo tudo, é a ironia. Os trocadilhos, tomados individualmente, são mais numerosos, claro. Mas o tom é basicamente irônico, sem dúvida nenhuma. E é extremamente divertido! Eu ria e ainda rio muito em inúmeras passagens.

IHU On-Line – O episódio da prisão de Thoreau, que redundou em seu celebrado ensaio ‘Resistance to Civil Government’, é cercado de curiosida-

des. Você poderia apresentar para nossos leitores algumas das peculiaridades desse marcante evento?

Denise Bottmann – É todo engraçado, não? Da arte de converter uma miudeza idiossincrática num grande bafafá e, depois, numa imponente reflexão política. Na verdade, o inspirador da ideia (e da prática) tinha sido Amos Bronson², ele sim um sonegador sonoramente militante – mas também não sei até que ponto por princípio ou por ocasião. Quantas vezes não se faz da necessidade virtude, não? Mas, de todo modo, Bronson marcou seu ponto e passou algumas horas na prisão; o jovem Thoreau achou aquilo lindo e resolveu seguir o exemplo. Passou anos sem pagar o bendito imposto. Só foi posto contra a parede porque o coletor de impostos, Sam Staples, ia se afastar do cargo e teria de prestar contas do exercício fiscal. Se não fosse isso, tenho a impressão de que não aconteceria nada e não teríamos a *Desobediência civil*. E Staples foi bonzinho, pediu por favor, deu prazo, se prontificou a pagar por ele etc. Turrão e encenqueiro como Thoreau era, imagine se ele ia deixar passar a oportunidade. E deu no que deu. A cena da tia – supõe-se que foi ela –, morrendo de medo da vergonha que a família passaria, indo à noite à delegacia quitar o débito e pedir que o soltassem, é cômica: “Não, já tirei as botas para ir deitar; solto amanhã”. E para convencer Thoreau a sair da cadeia na manhã seguinte? Só saiu dali arrastado: “Não fui eu que paguei; tenho o **direito** de continuar preso!” – e furioso com a tia por ter saldado a dívida: “Não podia ter feito isso!”. Era uma família meio sufocante, imagino.

Agora, um ponto, sim, que mereceria ser definitivamente esclarecido é que Emerson **não** foi visitá-lo na ca-

deia. Essa mistificação me incomoda bastante: a pretensa solidariedade, a presença do “mentor” etc. Só dias depois, quando os dois se cruzaram na rua, é que Emerson resolveu tirar satisfação – e tirar satisfação, não louvar ou elogiar ou sequer conversar, nada disso – sobre o episódio.

“Não fui eu que paguei; tenho o direito de continuar preso!”

IHU On-Line – Walden foi um texto longamente construído a partir de recortes do volume imenso dos seus Diários. Algum capítulo do livro lhe parece mais bem-acabado esteticamente?

Denise Bottmann – É uma questão complicada. Essa prática de ter uma “caixa econômica”, um *Savings Bank*, como dizia Emerson, à qual depois recorria para montar seus textos, embora também adotada por Thoreau, encontrava uma certa resistência de sua parte. Bom, primeiro porque ele nunca seria tão vulgar a ponto de tratar seus caudalosos registros como uma poupança a ser utilizada quando lhe fosse conveniente. Para Thoreau, havia também a questão da “autenticidade”, do “frescor”. E sentimos que *Walden* – e esta é mais uma diferença sensível em relação a *Week*, este sim basicamente uma costura de suas respigas (seus *gleanings* – que outra concepção! Tão mais bonita e mais entranhada na própria carne da vida do que um “cofrinho das economias”!) – tem passagens de franca desenvoltura, de espontaneidade, como ele queria: claro que sempre muito trabalhadas, muito elaboradas e reelaboradas, mas frescas e viçosas. Em *Walden*, além das “respigas”, as passagens em tom de pregação se diferenciam claramente das passagens em que

deixa de pontificar e parece realmente expressar sua concepção das coisas, sem aquela pátina pastoral horrorosa. Mas Thoreau é um mestre, mesmo que irregular, da escrita – ainda hoje tenho bastante dificuldade em captar a enorme quantidade de elementos, recursos, imagens e **conteúdo existencial** efetivo de *Walden*. É uma obra-prima. Um cesto de tessitura delicada, dizia ele. Muito, muito delicada.

Então vejo o conjunto inteiro como “bem-acabado esteticamente”, em que pesem as fastidiosas pregações de Thoreau. Agora, o capítulo que realmente me comove, me espanta, está mais para o final, “A primavera”. Ali ele realmente dá vazão a suas mais profundas convicções, formulando – com base em Goethe³ e com o uso da ideia de “protótipo” ou “estereótipo” – os contornos daquilo que considero como uma pioneira teoria da morfogênese e um esboço precursor de nossos atuais fractais. Ali, a meu ver, Thoreau atinge os píncaros do sublime. Mas tudo é muito bonito, muito, muito elegante e vital.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Denise Bottmann – Quero ressaltar a genialidade transtemporal de Thoreau. Sua contemporaneidade ou, melhor dizendo, sua fecundidade pôde ser resgatada, por exemplo, por um Cage⁴. Algum dia lhe farão justiça, removendo o coscorão emersoniano que ainda adere a ele. ■

³ **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): foi um autor e estadista alemão que também fez incursões pelo campo da ciência natural. Goethe também era formado em Direito e chegou a atuar como advogado por pouco tempo. Como sua paixão era a literatura, resolveu dedicar-se a esta área. Fez parte de dois movimentos literários importantes: romantismo e expressionismo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e, juntamente com Friedrich Schiller, foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sturm und Drang. Apresentou ainda um grande interesse pela pintura e desenho. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **John Milton Cage Jr.** (1912-1992): foi um compositor, teórico musical, escritor e artista dos Estados Unidos. Cage foi um pioneiro da música aleatória, da música eletroacústica, do uso de instrumentos não convencionais, bem como do uso não convencional de instrumentos convencionais, sendo considerado uma das figuras-chave nas vanguardas artísticas do pós-guerra. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Amos Bronson Alcott** (1799- 1888): foi um pedagogo e pedagogista americano. Amigo de Ralph Waldo Emerson e de Henry David Thoreau, devotou muito de sua vida à educação. Nos anos de 1840, Alcott ajudou a fundar duas cooperativas comunitárias – Brook Farm e Fruitlands. Esta última era uma comunidade vegetariana onde os membros evitavam até sapatos de couro. Durou muito pouco, menos de um ano e nem chegou ao inverno de 1844. (Nota da **IHU On-Line**)

Conheça algumas obras de Thoreau em português

- **A Desobediência Civil.** Rio de Janeiro: L&PM Editores, 1997.
- **Ensaio de Henry David Thoreau – Caminhada.** Balneário Rincão, SC: Editora Dracaena, 2015.
- **WALDEN ou A vida nos bosques.** Rio de Janeiro: L&PM Editores, 2010.
- **Ensaio de Henry David Thoreau - Vida sem Princípio.** Balneário Rincão, SC: Editora Dracaena, 2015.

Leia mais sobre Thoreau

- **A sensibilidade religiosa de Thoreau.** Artigo de Edward F. Mooney, publicado em Cader-nos de Teologia Pública, número 123, disponível em <http://bit.ly/2wqAOv4>.
- **Duzentos anos do nascimento de Henry Thoreau.** Artigo de José Eustáquio Diniz Alves, publicado por EcoDebate e reproduzido nas Notícias do Dia de 6-7-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2xkXuJY>.
- **Thoreau, o estranho: uma nova interpretação de sua filosofia.** Artigo de John Kaag, au-tor de “A filosofia americana: Uma História de Amor”, publicado por The New York Times e reproduzido nas Notícias do Dia de 6-7-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2v6HKt9>.
- **Desobediência civil para libertar-se dos combustíveis fósseis.** Artigo de José Eustáquio Diniz Alves, publicado por EcoDebate e reproduzido nas Notícias do Dia de 5-4-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2wqzwAo>.
- **É hora de recuperar Thoreau dos memes motivacionais.** Artigo de Ryan Harper, profes-sor visitante do Programa de Estudos Religiosos da Universidade de Nova York, publicado por América e reproduzido nas Notícias do Dia de 15-7-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2vhU6hj>.



Ouse pensar
o que ninguém pensou.
ihu.unisinos.br



VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL IHU
XX COLÓQUIO FILOSOFIA UNISINOS

METAFÍSICA E FILOSOFIA PRÁTICA

**A ATUALIDADE DO PENSAMENTO
DE FRANCISCO SUÁREZ, 400 ANOS DEPOIS**



**25 a 28
de Setembro de 2017**

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Unisinos | Campus São Leopoldo

Conferencistas confirmados

Prof. Dr. Ludger Honnefelder
Universität Bonn – Alemanha

Prof. Dr. Olivier Boulnois
École Pratique des Hautes Études – França

Prof. Dr. Constantino Esposito
Università degli Studi di Bari Aldo Moro – Itália

Prof. Dr. Santiago Sánchez Orrego
Pontificia Universidad Católica de Chile – Chile

Prof. Dr. Daniel Schwartz
Hebrew University of Jerusalem – Israel

Prof. Dr. Pedro Calafate
Universidade de Lisboa – Portugal

Prof. Dr. Victor Salas
Sacred Heart Major Seminary – EUA

Profa. Dra. Annabel Brett
Cambridge University – Inglaterra

Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich
Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Prof. Dr. Ernildo Jacob Stein
Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Prof. Dr. Alfredo Culleton
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Prof. Dr. João Vila-Chã
Pontificia Università Gregoriana – Itália

Informações e inscrições em
ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades



As cenas de combate mostram soldados aturdidos, sem ter para onde ir no meio de tanta destruição

60

A fúria de Dunquerque

Épico de guerra de Christopher Nolan assume riscos e aposta na intensidade constante

Fernando Del Corona¹

Entre os diretores de cinema que surgiram nas últimas décadas, Christopher Nolan pode ser considerado dos mais bem-sucedidos junto de nomes como David Fincher ou Wes Anderson, e, é possível, o que melhor equilibrou sucesso comercial e de crítica, gerando comparações por vezes hiperbólicas como um “novo Stanley Kubrick”. Independentemente de se concordar com essa glorificação de seus filmes, é inegável sua importância como um grande diretor contemporâneo, um dos poucos que mobiliza orçamentos e bilheterias enormes através do seu nome – ainda que sua carreira não esteja imune a falhas, como *Batman: O cavaleiro das trevas ressurgue* (2012), o terceiro filme da sua trilogia sobre o homem-morcego. Para um diretor de tamanho cacife e com projetos tão ambiciosos, não é surpresa que cada um dos seus novos filmes seja esperado com muita expectativa e analisado com mais minúcia do que a maioria dos outros. Como é de se esperar, isso leva a muitas opiniões destoantes e acaloradas. É o caso de *Interstellar* (2014) – para uns, uma reflexão profunda sobre o tempo e o papel do homem na Terra; para outros, um amontoado de ideias mal desenvolvidas que representa o pior de Nolan – e agora com sua obra mais recente, *Dunkirk*.

¹ Fernando Del Corona é mestrando em Comunicação e especialista em Televisão e Convergência Digital pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, graduado em Produção Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Em seu artigo de conclusão da especialização, pesquisou a relação de fãs da série *Game of Thrones* com spoilers no ambiente do site reddit. Em sua dissertação, em fase de desenvolvimento, investiga a presença da imagem-tempo na obra da diretora norte-americana Sofia Coppola.

Em todos os aspectos do filme, pode-se encontrar opiniões totalmente diferentes e igualmente intensas. As atuações, a história, a trilha sonora, a estrutura ou o realismo, por causa disso tudo o épico de guerra de Nolan é um filme altamente divisivo, e não é difícil entender por quê. O diretor assume escolhas que tiram o filme do lugar comum, enquanto mantém elementos que o estabelecem como um filme marcadamente seu. O resultado é intenso em diversos sentidos.

Para os familiarizados com a Segunda Guerra Mundial, a história não deve ser novidade: em 1940, tropas inglesas, francesas e belgas se viram encurraladas pelo avanço do exército alemão na costa de Dunquerque (este é o nome da cidade, que curiosamente foi mantido em inglês no título brasileiro), na França. As tentativas de resgate para a Inglaterra eram frustradas por ataques aéreos e marinhos e pela falta de navios para levar os mais de 300 mil soldados presos na praia sob constante bombardeio. A história já fora contada diversas vezes no cinema. A versão mais famosa, *O drama de Dunquerque*, foi dirigida por Leslie Norman em 1958, e, mais recentemente, em elegante plano sequência, em *Desejo e reparação* (2007), de Joe Wright. Fica a sensação, porém, que a versão de Nolan será a mais lembrada.

A história é dividida em três tramas devidamente marcadas por títulos em tela, que se passam em períodos diferentes de tempo e que se intercalam e encontram em momentos distintos: uma semana na praia, de onde dois jovens soldados (Fionn Whitehead e Aneurin Barnard) tentam fugir a todo custo e atravessar o Canal da Mancha; um dia em um dos mais de 800 barcos civis que foram ao resgate dos soldados – chamados na Inglaterra até hoje de “Os pequenos barcos de Dunquerque” – comandado por Dawson (Mark Rylance), seu filho Peter (Tom Glynn-Carney), e o amigo deles, George (Barry Keoghan); e uma hora nos céus conforme os pilotos Farrier (Tom Hardy) e Collins (Jack Lowden) manobram seus aviões Spitfire contra os ataques da força aérea alemã.

Utilizar narrativas temporais complexas não é novidade para Nolan. Em *Amnésia* (2000), a história se desenrola de trás para frente, refletindo o problema de falta de memória do protagonista. Em *Interestelar*, o tempo passa de modo diferente dependendo de onde os personagens se encontram, de maneira que algumas horas em um planeta podem representar dias em uma nave em sua órbita. É em *A origem* (2010), porém, que se encontra o paralelo mais próximo nas distorções e alongamentos temporais que ele faz aqui, com alguns minutos em uma trama durando o mesmo que horas em outra.

O uso desse artifício em *Dunkirk* traz vantagens e desvantagens. Ainda que criativo e ajude a reforçar os diferentes tempos da guerra – a luta frenética de uns versus o pesadelo repetitivo e interminável de outros –, no filme acaba por resultar em certos desencontros de tom e ritmo. Por mais que o título diga que se passou uma semana em uma das tramas, parece que transcorreram no máximo um par de dias. E cortes súbitos de uma intensa luta aérea para o tempo morto dos jovens na praia, ou da noite para o dia, podem gerar certos solavancos narrativos – e, ainda que não comprometa o resultado final, é um dos defeitos do filme.

A trilha sonora de Hans Zimmer, frequente colaborador de Nolan, porém, consegue manter a coesão dramática e a tensão ao longo da duração da história. Menos interessado em melodias dramáticas, usadas com parcimônia apenas em momentos chave, e sim no ritmo da batalha, a música parece mais um apanhado de sons que se misturam com as explosões das bombas e as sirenes dos bombardeiros Stuka – criadas com o propósito de apavorar os inimigos em terra, o que, como se vê aqui, funciona perfeitamente. O fio condutor, porém, é o tique-taque de um relógio sempre ao fundo, constante e onipresente. Às vezes mais rápido, às vezes mais lento, mas, excetuando poucas exceções estratégicas e muito notáveis, sempre presente. Esse tique-taque dá ritmo à tensão constante, crescente, opressora.

As três tramas avançam de maneira a se encontrar em um momento crucial. Em terra, o clima é de pesadelo, marcado pela impotência e a repetição. O comandante



Dunkirk (2017), de Christopher Nolan

Bolton (Kenneth Branagh, representando, como sempre, o máximo da elegância do *gentleman* inglês), o mais alto oficial responsável pela evacuação, olha com desespero conforme barco após barco é afundado, seja pelos submarinos alemães ou pelos bombardeios aéreos que também ameaçam as centenas de milhares de jovens presos na praia. Nolan se inspirou em filmes mudos para filmar as cenas de multidão – o filme é notadamente enxuto em seus diálogos –, acentuando os movimentos em massa, a unidade dos soldados como um grupo só.

Existe pouco desenvolvimento dos personagens, efetivamente. O maior deles acontece na trama do mar, onde Dawson resgata um soldado (Cillian Murphy) em estado de choque e que se recusa a voltar para Dunquerque, aumentando as tensões no pequeno barco, mas, no geral, os personagens são entendidos como significantes de um todo maior. Os jovens desesperados querem fugir da praia a qualquer custo, mas pouco se sabe sobre cada um. Eles funcionam para representar todos os outros em posição idêntica. Da mesma maneira, Farrier e Collins são destemidos e heroicos, mas suas personalidades não passam muito além disso. Não é um filme de personagens, e sim de ações e sensações. A guerra é percebida a partir do conjunto, não do pessoal.

O mesmo distanciamento se aplica aos alemães: sua presença é sempre sentida através de sons, explosões, tiros ensurdecedores, mas eles nunca são realmente vistos. Vemos seus aviões, vemos suas balas acertando soldados, mas as únicas vezes que eles aparecem em cena estão distantes ou fora de foco. Eles também são representantes do pavor que cerceava os aliados em Dunquerque, uma força aparentemente incansável e imperdoável.

Esta apresentação do inimigo como um assassino anônimo, ainda que fazendo sentido dentro da lógica do filme, é apenas um sintoma de uma das falhas mais apontadas no filme: seu interesse puro e absoluta na história do ponto de vista dos ingleses. Não existe dúvida: essa é uma história sobre ingleses, por ingleses, para ingleses. É possível apontar os raros momentos em que os franceses aparecem na história, que parece ignorar que quase um terço dos resgatados eram franceses, ou os mais de 40 mil soldados que impediram o avanço dos alemães em terra. Eles são vistos de vislumbre, ou fala-se sobre, mas em grande parte sente-se que se conta uma história inglesa.

Apesar de não ser algo tão marcante quanto em outras obras – especialmente americanas, como o recente *Até o último homem* (2017) –, *Dunkirk* eventualmente sucumbe a um sentimentalismo patriótico que acomete muitos filmes de guerra, simplificando por vezes o conflito em “nós contra eles”. Isso foi motivo de especial discórdia na França, que, marcada muito por uma história derrotista de colaboração com os nazistas na guerra, tem em Dunquerque um dos seus momentos mais corajosos de batalha.

Ainda assim, é possível compreender o sentimento por trás desse sentimentalismo. Reconhecido por Winston Churchill – então no cargo de primeiro-ministro há pouco mais de duas semanas – como um desastre militar, o resgate de Dunquerque representa um ponto de virada na guerra. Caso não tivesse sido bem-sucedido, as forças britânicas e francesas seriam drasticamente reduzidas, e o resultado da guerra poderia ser outro. A maior virada, porém, foi para a moral inglesa. Como o próprio diretor notou, militarmente fora uma derrota, mas, no plano humanitário, uma vitória colossal que gerou um dos mais famosos discursos de Churchill – e que aparece de maneira pouco sutil no filme.

Na Inglaterra, até hoje fala-se do “espírito de Dunquerque”, referência à coragem dos civis que cederam seus barcos para salvar os soldados encurralados. É um momento histórico único, mas também deve-se compreender o impacto que certas histórias têm no imaginário de uma nação, e *Dunkirk* certamente levanta esse diálogo. O interesse para Nolan, parece, é exatamente essa unidade coletiva, esse sentido de união, de um todo no lugar do individual.

Fala-se muito da espetacularização da guerra em filmes como esse. No caso de *Dunkirk*, trata-se, sem dúvida, de um espetáculo. Nolan é famoso por evitar computação gráfica nas situações em que pode usar efeitos práticos e trucagens, assim como filmagens em locação, e isso reflete no resultado final. Até as cenas mais impressionantes parecem reais e palpáveis. Gravado em impressionante filme de 70 milímetros, é uma experiência a ser assistida no cinema – em preferência no formato IMAX, no qual cerca de 70% do filme foi filmado.

Os tiros cercam o espectador. As bombas parecem cair a alguns metros de distância. Mergulha-se na imensidão vertiginosa dos céus conforme a câmera se instala na cabine de um

avião dando piruetas e se preparando para um novo ataque. A vastidão do mar está logo ali – a terra parece ao mesmo tempo próxima e a uma distância intransponível.

Existe uma certa herança que os filmes de guerra moderno devem a *O resgate do soldado Ryan* (1999), de Steven Spielberg, em relação ao hiper-realismo utilizado para recriar o pesadelo de um campo de batalha. Nolan não foge de cenas terríveis. Jovens empilhados em um molhe, ouvindo as terríveis sirenes alemãs conforme o bombardeador se aproxima, as explosões cada vez mais próximas até que... Mas, ao contrário de Spielberg, buscando uma classificação etária mais acessível e apostando mais na tensão emocional do que na violência gráfica, *Dunkirk* não é um banho de sangue e vísceras. Existe uma boa dose de violência, mas, quando uma bomba estoura em cima de um soldado, se vê apenas areia voando.

Assim como a guerra em si, *Dunkirk* é uma mistura de sons e imagens terríveis; de distorções temporais, animatos, violências, loucuras e tensões. Em sua tentativa de criar uma experiência calcada mais na sensação do que no sentimental, Nolan é bem-sucedido. Caso se busque um grande momento de reflexão sobre a natureza da guerra – como no próprio *O resgate do soldado Ryan* ou em *Além da linha vermelha* (1998), de Terrence Malick –, não é esse o filme. Existe uma potência catártica por trás da história, mas que parece direcionada para um público específico que já compartilha do imaginário representado aqui. Para todos os outros, são cenas de guerra, de uma realidade opressora que ao mesmo tempo ressalta o desalento e a esperança, o medo e a coragem, a distância e a proximidade – entre os aliados e os inimigos que os cercam, entre histórias convergentes ou até da própria Inglaterra, ali, tão próxima, se apenas eles pudessem cruzar aquele trecho de mar. Se apenas.

Ficha técnica

Dunkirk

Título original: Dunkirk

Direção: Christopher Nolan

Produção: Emma Thomas, Christopher Nolan

Elenco: Fionn Whitehead, Tom Glynn-Carney, Jack Lowden, Harry Styles, Aneurin Barnard, James D'Arcy, Barry Keoghan, Kenneth Branagh, Cillian Murphy, Mark Rylance, Tom Hardy

Reino Unido, Estados Unidos, França, Holanda, 2017, 106 min.

Ouse pensar
o que ninguém pensou.
ihu.unisinos.br



O filme explora a desconexão do escritor com a comunidade da cidade onde nasceu

64

O filho pródigo retorna a Salas

O longa argentino *O cidadão ilustre* reflete com humor os limites entre ficção e realidade e o papel do artista por meio da relação de um autor com seu vilarejo natal

Fernando Del Corona¹

“Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”, disse Tolstói. *O cidadão ilustre*, da dupla de diretores Gastón Duprat e Mariano Cohn, começa com uma citação semelhante. Conforme Daniel Mantovani (Oscar Martínez) recebe o Nobel da literatura na cena de abertura, um mestre de cerimônias afirma que suas histórias sobre Salas, o seu pequeno vilarejo natal, funcionam como um espelho para a natureza humana. Daniel aceita o prêmio – sem traje de gala, sem se curvar para os monarcas, ao contrário do que pedia o protocolo –, mas, em seu discurso, é categórico: “Essa canonização é fatal”. Para ele, o dever de um autor é provocar a sociedade, e uma vez que sua obra se encontra tão aceita e confortável dentro do *establishment*, sua jornada criativa definha – o que lembra o rumo de tantos artistas de protesto e seus encontros conturbados com a fama, como o sisudo Bob Dylan.

Dessa potente cena inicial, passam-se cinco anos. Daniel, expatriado argentino morando em Barcelona, recusa convite após convite trazidos por sua assistente Nuria (Nora Navas) para participar de eventos importantes ao redor do mundo. Ao que tudo sugere, sua profecia se tornou verdade, e ele não produziu mais nada desde seu Nobel. Finalmente, um convite chama sua atenção: ir para Salas, de onde saíra há 40 anos sem nunca mais voltar, a fim de receber a medalha de cidadão ilustre, a maior honra que a cidade outorga.

¹ Fernando Del Corona é mestrando em Comunicação e especialista em Televisão e Convergência Digital pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, graduado em Produção Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Em seu artigo de conclusão da especialização, pesquisou a relação de fãs da série *Game of Thrones* com spoilers no ambiente do site reddit. Em sua dissertação, em fase de desenvolvimento, investiga a presença da imagem-tempo na obra da diretora norte-americana Sofia Coppola.

Para ele, a única coisa que fez na vida foi sair daquele lugar. Depois de certo receio, e para a surpresa de Nuria, aceita o convite, mas com certas condições. Entre elas, que a imprensa não fique sabendo – mas assim que embarca no avião, o piloto anuncia com orgulho a presença de um vencedor do Nobel entre eles. Com esse pequeno presságio, seguido por um rápido interlúdio envolvendo sua jornada de carro até Salas, a sete horas de distância de Buenos Aires – o longa é dividido em capítulos, o que se mostra relevante mais para frente –, começa a principal história do filme.

No centro de *O cidadão ilustre* está a relação de Daniel com Salas. Sua obra – e, por extensão, sua fama e seu dinheiro – foi construída em cima de representações pouco favoráveis da cidade interiorana, de suas hipocrisias, de seus personagens, de suas limitações. Ele não parece ter uma lembrança especialmente carinhosa de crescer lá, mas mantém uma relação quase parasítica com o lugar. Sua ligação é daquelas que ocorre somente com memórias distantes da juventude, que poderiam ser de outra pessoa, mas nas quais ele está inserido novamente.

Da mesma maneira, a cidade aparenta pouco interesse no que ele escreveu. Mais ainda, a maioria deles parece inicialmente ignorante em relação ao que foi escrito sobre eles, sobre o fato de que Daniel possa ter revelado verdades locais incômodas em uma escala mundial. Assim, todos se mostram animados que o filho famoso retornou apenas como quem se interessa por uma celebridade. Seguem-no na rua, os bombeiros insistem em um desfile em seu caminhão acompanhado de uma miss e o animado prefeito (Manuel Vicente) o apresenta com uma agenda lotada para os dias que ficará lá, incluindo aulas abertas, a inauguração de um busto em praça pública e a participação como jurado em uma competição de pinturas.

O roteiro de Andrés Duprat (irmão de um dos diretores) encontra tensão e humor nos encontros de Daniel com a população salense. É inegável que a história busca o riso na simplicidade da cidade – em um vídeo tacanho gravado para as boas-vindas de Daniel, em uma participação no diminuto jornal local, em uma propaganda de mate na televisão – em contraste com a sofisticação e a sensibilidade cosmopolita de Daniel, muitas vezes colocando o espectador como cúmplice de certa arrogância que o protagonista exhibe com a cidade. Ainda que o filme pareça confirmar os sentimentos de Daniel sobre os podres que se encontram no provincianismo de Salas, ele também aponta um dedo crítico para ele mesmo e suas atitudes, e encontra certa bondade em pequenos atos, como um senhor que entrega um mate em silêncio para Daniel, uma cena da vida prosaica.

Certa familiaridade se apresenta na forma de Antonio (Dady Brieva), o Titi, amigo de infância de Daniel, que parece animado demais ao contar que casou com a ex-namorada do escritor, Irene (Andrea Frigerio). Existe uma distância não comentada entre a figura grande e extrovertida de Antonio e o pretensoso intelectualismo de Daniel, mas também existe uma memória afetiva. Com Irene, parece haver uma história não resolvida. Ela se incomoda com a sugestão de que sua vida como professora tenha menos importância que a de Daniel, e ao se referir ao próprio casamento com Antonio como agradável, o escritor alfineta: “Que adjetivo horrível”. Talvez ela sinta que ele a abandonou na cidade. O filme lentamente converte o humor em tensão, conforme as mágoas e os ressentimentos vêm à tona. Como nota o prefeito, Daniel pode ir embora mais uma vez, mas todos os outros precisam ficar lá e lidar com a consequência de suas ações.

Sua desconexão com a comunidade que ele representa em sua obra fica gradativamente mais clara. Enquanto julga as pinturas da competição, busca modernidades em trabalhos simples, para o descontentamento de uma das organizadoras do certame. Ele vai rejeitar uma pintura que retrata o Papa? E uma outra da mulher do fulano não pode ficar de fora. O presidente da Associação de Artistas Plásticos de Salas, Florencio (Marcelo D’Andrea), ao ter sua obra rejeitada, aparece em pessoa para acusar Daniel de estar subordinado a gostos estrangeiros. Sua obra, diz o presidente, é cheia de rancor e ressentimento. Ele não está mentindo.

Por que Daniel resolve voltar a Salas? O filme não sugere que ele possa estar atrás de algo pendente, nem



O cidadão ilustre (2016), de Gastón Duprat e Mariano Cohn

ao mesmo com Irene – que surge casualmente na história, mais como uma ferida no orgulho de Daniel do que alguém que pareça ocupar um espaço importante em suas memórias. Talvez ele busque uma inspiração na única fonte que já lhe funcionou, mas existe uma vaidade pouco velada em sua visita. Assim como ele, outros parecem interessados em fugir da cidade: um jovem escritor que trabalha no hotel em que o veterano escritor se hospeda, uma fã que o questiona sobre o poder da arte em uma sociedade feliz.

A figura de Daniel remete a alguns dos grandes escritores latino-americanos do século 20: García Márquez e Vargas Llosa, ambos ganharam o Nobel, mas Borges, o maior dos autores argentinos, não – o que é comentado ao longo do filme. São histórias que, juntas, criam uma imagem de países variados e, através delas, do mundo. *O cidadão ilustre*, porém, questiona os limites da representação, da distinção entre o real e o ficcional. Um dos moradores de Salas se aproxima animado de Daniel. Seu pai era o mensageiro de bicicleta que aparece em seu livro. “De alguma maneira, você o fez imortal”, acredita. O que ele não entende é que não era o pai dele ali. São personagens, são apenas significantes de algo maior. O filme leva essa ideia até sua conclusão, que, para além da dualidade entre a ficção e o real na representação do *outro*, também questiona os limites da autoficção.

O cidadão ilustre foi o filme mais visto na Argentina em 2016 e o pré-selecionado no país para concorrer ao Oscar, ainda que não tenha chegado lá. Também ganhou o Goya – o maior prêmio do cinema espanhol – de melhor produção ibero-americana, e Martínez foi premiado como melhor ator no festival de Veneza. O que aparece aqui é um filme marcadamente argentino. Os diretores resolveram fugir de clichês para confrontar a Argentina de Kirchner. Eles disseram: “O cinema argentino falou muito sobre a ditadura, mas é importante mudar o foco e abordar essas coisas pequenas que não questionamos muito. A cultura, a violência, o peronismo”.

O sucesso desse filme na Argentina aponta para certas dinâmicas particulares que devem ressoar mais em seu país de origem. No Brasil, processo similar ocorreu no mesmo ano com *Aquarius*, de Kleber Mendonça Filho, um retrato de uma realidade tão particularmente brasileira – e, ao mesmo tempo, tão global. Existe ainda uma complicada relação que surge no filme entre Buenos Aires e o resto do país – efetivamente uma diferença entre as raízes europeias tão marcantes na capital e a maioria do país, que mais se aproxima da realidade de Salas, com sua vida tão latino-americana. Como o artista que questiona Daniel por suas influências tão distantes, parece existir na cidade um rancor por seu cidadão ilustre tê-la abandonado por uma vida na Europa.

Ainda que esteticamente simples, *O cidadão ilustre* se vale das atuações – especialmente a de Martínez, mas também a de Brieva, com sua aura ameaçadora disfarçada por uma frágil fachada de camaradagem. Os diretores optaram por usar muitos não atores, o que traz um maior sentimento de realidade para as cenas, reforçado pela escolha das locações: as ruas vazias, silenciosas, às vezes acolhedoras, às vezes ameaçadoras.

Martínez tem sua chance de brilhar nos discursos ácidos que o roteiro de Duprat fornece. Além da sua marcante cena inicial no Nobel, ele discute, em suas aulas públicas, o papel da arte e do artista na sociedade. Tenta se livrar do clichê do artista sofrido, mas quando uma senhora pergunta por que ele não escreve sobre coisas bonitas, Daniel não sabe responder. A questão, argumenta, contraria toda uma vida dedicada à literatura. Em uma forte cena perto do final do filme, ele defende a autonomia da cultura, que não precisa ser defendida para sobreviver. Mais do que isso, não se deve nem falar sobre cultura. Ela é indestrutível, independente. Dessa maneira, *O cidadão ilustre* é uma reflexão sobre os limites da arte e do que ela representa, assim como de sua ligação complexa com a sociedade que a inspira e a produz. É um filme sobre Salas tanto quanto é sobre a Argentina, sobre a América Latina e sobre o mundo. Como disse Tolstói. ■

Ficha técnica

O cidadão ilustre

Título original: El ciudadano ilustre

Direção: Gastón Duprat, Mariano Cohn

Produção: Fernando Sokolowicz, Victoria Aizenstat, Eduardo Escudero, Manuel Monzón, Fernando Riera

Elenco: Oscar Martínez, Dady Brieva, Andrea Frigerio

Argentina, 2016, 120 min.



A mais que suspeita governança global do fluxo de ilícitos financeiros

Bruno Lima Rocha

“Um exemplo do emprego do estado do Delaware para ocultar ativos é a obscura figura da Blessed Holdings LLC, sócio oculto e controladora da fusão do frigorífico Bertin pela JBS dos irmãos Batista. Não por acaso, o ‘gerente’ da empresa localizada nos EUA está em Lugano, Suíça, outra jurisdição especial, e é um escritório de advocacia empresarial, a Prospero Legal”, escreve Bruno Lima Rocha.

Bruno Lima Rocha é professor de relações internacionais da Unisinos, doutor em ciência política pela UFRGS e jornalista graduado na UFRJ.

Eis o artigo.

67

O fluxo de ilícitos financeiros é uma das formas mais evidentes de evasão de divisas – fiscal ou em ativos – em escala mundo, transferindo recursos coletivos para a acumulação privada. Isso implica em concentração de riqueza e empobrecimento das sociedades. Ao contrário da imagem mais difundida, os chamados “paraísos fiscais” não são necessariamente ilhas ou territórios isolados, mas sim soberanias vinculadas às potências globais como EUA, Grã-Bretanha (e Commonwealth), Suíça, Alemanha e China. Considerando que Estados com projeção mundial são, de fato, controladoras destas “jurisdições especiais” que escoam a riqueza do planeta, seria razoável que a governança não estivesse a estes vinculados. Mas, como forma o padrão hegemônico no Sistema Internacional (SI), ocorre justamente o oposto.

A rede de advocacy Financial Transparency Coalition (financialtransparency.org) aponta seis instituições que regulam ou incidem diretamente no fluxo financeiro mundial. De modo descritivo, as exponho aqui: Financial Action Task Force (Força Tarefa de Ação Financeira – ver fatf-gafi.org), concebida pelo G-7 (Grupo dos países mais ricos do mundo do pós-guerra, EUA, Alemanha, Japão, Inglaterra, França, Itália e Canadá) em 1987 e formalizado como instituição multilateral em 1989. A FATF define “jurisdições não cooperativas” e de “alto risco”, e nenhuma destas na lista de perigo financeiro (ver <http://bit.ly/2v1BWUG>) pode ser considerada uma “jurisdição especial” ou “paraíso fiscal”.

O BIS (Bank of International Settlements, Banco Internacional de Compensações), fundado em 1930, tem sede na Basileia (Suíça) e responde por quase cem por cento das transações interbancárias privadas do mundo. Para coordenar as práticas dos bancos, o BIS tem o Basel Committee on Banking Supervision (BCBS, Comitê da Basileia de Supervisão Bancária, ver <http://bit.ly/2hRCZS7>) responsável por implantar as normas e Acordos da Basileia I (1988), II (2004)

1 blimarocha@gmail.com. É autor do livro *A Farsa com nome de crise* (Porto Alegre, Deriva, 2014) disponível em livro eletrônico e acessível em <http://encurtador.com.br/nrMOR>.

e III a entrar em vigor em 2019. Este último atende as prerrogativas dos países ricos e é visto com preocupação pelos membros do G-20 Financeiro (grupo das vinte maiores economias do mundo, englobando o centro e a Semiperiferia). Quando implantados os Acordos da Basileia III e suas exigências de liquidez elevada podem operar como uma bomba de sucção de recursos conforme o grupo de consultoria do G20, o B20 (ver <http://bit.ly/2uOUOT6>).

Ainda no âmbito do G20, o organismo responsável por “administrar” a crise após o crime fabricado pela bolha de 2007 e 2008 é o Financial Stability Board (FSB, Conselho de Estabilidade Financeira) criado em abril de 2009 e antecedido pelo Financial Stability Forum (FSF). Este primeiro foi criado pelo conselho de ministros da economia e presidentes dos bancos centrais dos países membros do G7, em fevereiro de 1999. São parte do FSB, além das pastas da Fazenda dos países membros, as seguintes instituições multilaterais: BIS (também através dos organismos BCBS, CGFS e CPMI), FMI, OCDE, Banco Mundial e as instituições de padronização de supervisão de seguros (IAIS), contabilidade (IASB) e valores mobiliários (IOSCO).

É interessante observar que o IASB tem envergadura internacional, mas pertence a uma instituição privada, o IFRS (Fundação e Conselho de Normas Internacionais de Contabilidade, na sigla em inglês) e tem como sede pública a cidade de Londres, mas como sede legal uma jurisdição especial dos Estados Unidos, o estado de Delaware, um paraíso fiscal dentro do território da superpotência (ver <http://bit.ly/2vqcCra>). Se observarmos os maiores financiadores do IASB veremos as quatro maiores empresas de auditoria contábil do planeta, sendo que todas já se envolveram em vultosos escândalos e acusações de fraude: Deloitte (ver <http://bit.ly/2vWTS3S>), Ernst & Young (ver <http://aol.it/2vYmfhl>), PwC (ver <http://ind.pn/2bavNZt>) e KMPG (ver <http://trib.in/2vuALEX>). Isto caracteriza no mínimo um elevado risco moral (*moral hazard*) e conflito direto de interesses alegados.

A última das instituições multilaterais de governança das transações financeiras é a Organização Internacional de Comissões de Valores Mobiliários (IOSCO). Fundada em 1983, a instituição engloba 95% dos mercados de valores em 115 jurisdições, incluindo uma vasta parte das consideradas “paraísos fiscais” como sendo que dentre os 124 membros ordinários, incluem 75% dos mercados emergentes (ver <http://bit.ly/2vWMINb>). Interessante observar a existência de três forças-tarefa atuando respectivamente em coordenação com a FSB alegadamente tentando regular ou diminuir o dano dos Mercados não Regulados (TFUMP), Hedge Funds e Entidades afins (TFUE) e Derivativos (Task Force on OTC Derivatives; para estas e outras comissões, ver <http://bit.ly/2wQvgpU>). O produto destas forças-tarefa são relatórios compartilhados e resultam em pouca efetividade regulatória. Vale destacar que as maiores corretoras do planeta, as mesmas acusadas de envolvimento nas operações fraudulentas de 2007 e 2008, assim como bancos de investimento operando nesta escala, são parte ativa das bolsas “reguladas” pela IOSCO (como exemplo de fraude na Taxa Libor, ver <http://bit.ly/2jJROD7>).

Poucos países são membros plenos das seis instituições multilaterais em escala mundo de suposta “regulação” das transações financeiras. Dentre tais Estados estão EUA, Brasil, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Suíça, Austrália e China. Se forem quantificados os mecanismos de ordenamento dos fluxos de ativos financeiros, 61% são controlados por países do centro do capitalismo, 28% pela Semiperiferia (com exceção do Brasil) e 10% por países periféricos. A exceção da Semiperiferia incluída no centro decisório é nosso país, o que indica o seu peso estratégico para o SI e, por consequência, a influência nefasta dos economistas neoliberais à frente da autoridade monetária e da área econômica da União, quase todos atrelados ao mercado de finanças e capitais.

Expediente

Coordenador do curso de Relações Internacionais da Unisinos: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife

Em sua edição de número 262, o Cadernos IHU ideias traz o artigo *As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife*, de Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti. O texto analisa novas formas de comunicação enquanto instrumento de mobilização e de

organização de práticas de ativismo social. Os autores partem da popularização da internet e de uma gama de ferramentas que surgiram no início da década de 1990 e, em pouco tempo, transformaram radicalmente o modo como as pessoas se comunicavam, organizavam seu cotidiano e agiam sobre o mundo. Na análise, interessou colocar questões que permitam construir instrumentos analíticos para pesquisa sobre ações coletivas que utilizam a web enquanto mediadoras de processos de comunicação e interação social. Os pontos colocados foram ilustrados por um estudo empírico sobre uma plataforma virtual para a organização do debate sobre a cidade: o grupo Direitos Urbanos/Recife.

Acesse a versão completa desse Cadernos IHU ideias em <https://goo.gl/ZPiRzV>.

Esta e outras edições do Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental

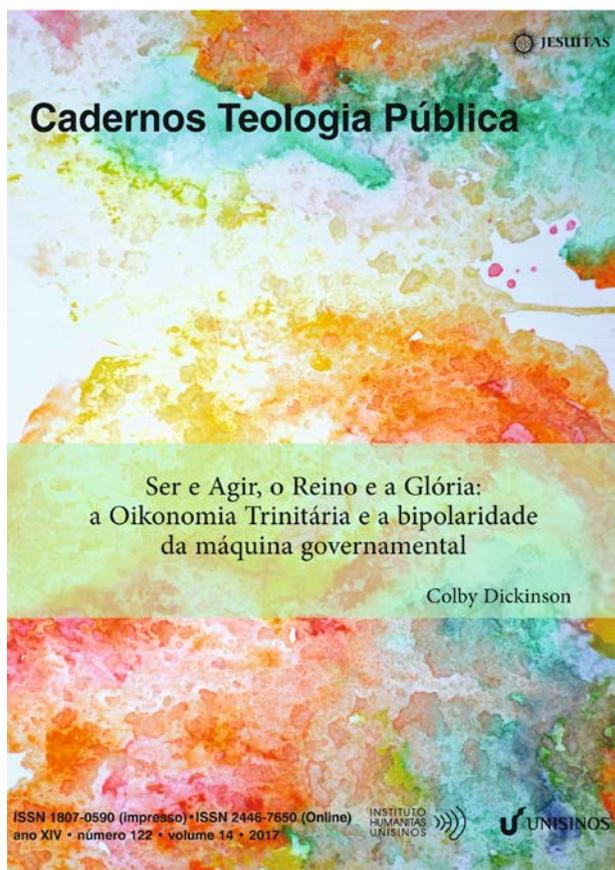
A edição 122 do Cadernos Teologia Pública apresenta o artigo *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental*, de Colby Dickinson. O artigo analisa uma economia de relações político-teológicas, constituinte do sujeito ocidental, expressa na mútua relação entre o estatuto hegemônico da economia ocidental e a Oikonomia Trinitária, tendo como referência a contribuição de

Giorgio Agamben, na obra *O Reino e a Glória – Uma genealogia teológica da economia e do governo*.

Dickinson é graduado em Literatura na Universidade Estadual Truman (1998) e formou-se em Teologia na Faculdade de Teologia da Universidade Duke (2000). Fez mestrados em Teologia/Estudos Religiosos na Universidade de Saint Louis (2006) e na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica (2008). Seu doutorado em Teologia também foi na Universidade Católica de Lovaina (2012). Lecionou Ensino Religioso em uma escola secundária em Saint Louis (MO) de 2001 a 2007. É professor de Teologia na Universidade Loyola, em Chicago. É editor de *The Postmodern ‘Saints’ of France* (London: T&T Clark, 2013) e *The Shaping of Tradition: Context and Normativity* (Leuven: Peeters, 2013).

Acesse a versão completa desse Cadernos Teologia Pública em <https://goo.gl/RPN8Gn>.

Esta e outras edições do Cadernos Teologia Pública também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores



A potência das ruas em debate

Edição 434 | Ano XIII | 9-12-2013

“Nos meses de junho a outubro de 2013, o Brasil foi sacudido pela movimentação das ruas. As grandes manifestações do mês de junho não cessaram nos meses seguintes. Nesta edição, pesquisadores e professores discutem as mobilizações e a violência que têm acompanhado os protestos.”



O direito achado na rua. Alguns apontamentos

Edição 305 | Ano IX | 24-8-2009

“O direito moderno é normativamente inadequado e institucionalmente ineficiente, advertia o jurista português Castanheira Neves. Por isso, “esse direito tem de ser encontrado em outro lugar, lá na rua onde vive e sofre o povo daquela inadequação e ineficiência, porque, afinal de contas, é dele a origem e causa de ser, tanto da lei como do Estado”, afirma Jacques Alfoncin, procurador do Estado do Rio Grande do Sul aposentado. Trata-se de reconhecer no povo a “comunidade aberta dos intérpretes da Constituição”



A era da informação e o direito de propriedade. Software livre, hackers e reforma agrária

Edição 69 | Ano VI | 4-8-2003

“Esta edição discute, sob diferentes pontos de vista, a instigadora problemática do software livre e do hacking. Existe uma ética dos hackers? A publicação ocorreu em consonância com o I Seminário de Desenvolvimento em Software Livre.”

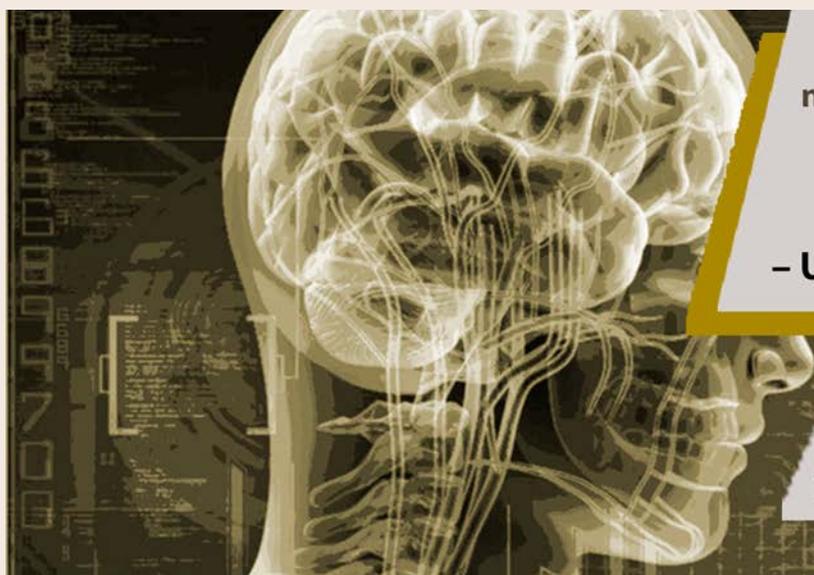


A quarta Revolução Industrial. Consequências no modo de produzir e viver

Prof. Dr. Eduardo Mario Dias – Grupo de
Automação Elétrica em Sistemas Industriais –
GAESI – Poli/USP

28 de agosto de 2017 (segunda-feira) | 19h30min
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



**Algoritmos e inteligência artificial
nos diagnósticos de saúde e na educação**

**Prof. Dr. Dante Augusto
Couto Barone**
– UFRGS/Instituto de Informática

31 de agosto de 2017
(quinta-feira) | 17h30min
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br

VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL IHU
XX COLÓQUIO FILOSOFIA UNISINOS
METAFÍSICA E FILOSOFIA PRÁTICA

A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE FRANCISCO SUÁREZ, 400 ANOS DEPOIS

**25 a 28
de Setembro de 2017**

Unisinos | Campus Porto Alegre

Informações e inscrições em
ihu.unisinos.br



ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br

 twitter.com/_ihu

 bit.ly/faceihu

 bit.ly/instaihu

 bit.ly/youtubeihu

 medium.com/@_ihu